

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA**

FABIO MARCHIORETO

**A importância do movimentar-se para a vida humana: aspectos
históricos, educacionais e do cotidiano**

**São Paulo
2014**

FÁBIO MARCHIORETO

**A importância do movimentar-se para a vida humana: aspectos
históricos, educacionais e do cotidiano**

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana
Mackenzie como requisito obrigatório para obtenção
do título de mestre em Educação, Arte e História da
Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. ELCIE F. SALZANO MASINI

São Paulo
2014

M317i Marchioreto, Fabio.

A importância do movimentar-se para a vida humana: aspectos históricos, educacionais e do cotidiano / Fabio Marchioreto. – 2014. 188 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Referências bibliográficas: f. 122-126.

1. Movimentar-se. 2. Bipedalismo. 3. Evolução. 4. História. 5. Cinesiologia humana. 6. Educação escolar. 7. Currículo I. Título.

CDD 372.86

FÁBIO MARCHIORETO

A importância do movimentar-se para a vida humana: aspectos históricos, educacionais e do cotidiano

Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elcie F. Salzano Masini (Orientadora)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Elisabete dos Santos Freire
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Edison de Jesus Manoel
Universidade de São Paulo

Dedicatória

Aos meus pais, pelo valor dado ao conhecimento, e pelo trabalho cotidiano, que nos permitiu estudar e conhecer o mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, **Orides Marchioreto**, que em seu cotidiano laboral se movimentou arduamente para possibilitar que eu e meus irmãos estudássemos, **esta dissertação também é fruto do seu trabalho**;

À minha mãe, **Ana Maria Marchioreto**, que em seu cotidiano se movimentou incansavelmente, seu suporte foi fundamental para que eu e meus irmãos estudássemos, **essa dissertação também é fruto do seu trabalho**;

Aos meus irmãos, **Adriano Marchioreto e Amanda Marchioreto**, **companheiros de jornada** que seguem estudando, e agora suportando seus filhos a seguirem no mesmo caminho;

À **Carolina Perfumo**, companheira quem tenho o prazer de compartilhar os **sabores e os saberes** da vida cotidiana;

À professora **Elcie F. Salzano Masini**, minha orientadora, pelo acolhimento do projeto, pelo acolhimento pessoal, pela escuta atenta e a maneira singela de conduzir **nosso** trabalho.

À professora **Maria da Graça Bianchi** (*in memorian*), por acreditar no meu trabalho e me acolher, me abrir as portas para a docência, me acompanhar e **me ensinar a importância de se escutar o aluno**;

Ao professor **Antônio Cavenaghi**, professor que me chamava pelo nome, quem me fez ter o **prazer de ir à escola para estudar**;

Ao professor **José Guilmar Mariz de Oliveira**, quem sempre escutou minhas angústias e meus questionamentos sobre a **Cinesiologia Humana**, e sempre respondeu a todos; **e sempre com outras perguntas**;

Ao professor **Nivaldo Canova** e à professora **Andrea Tamaro** por me acolherem em todos os momentos difíceis da minha carreira profissional, pela escuta, mesmo que desafiadora, e pela **ousadia nos projetos**;

Aos meus amigos professores, na figura dos professores **Admar Mendes** e **Tamine Manzin**, **amigos** que compartilham as angústias e alegrias diárias que somente quem é professor compreende;

Aos meus colegas de trajetória escolar, graduação e mestrado, na figura do **companheirismo gratuito e verdadeiro** de **José Moreira**, quem sempre me escutou e sempre me estendeu a mão;

Aos alunos com quem aprendo mais do que ensino, que clamam ser escutados, na figura dos meus alunos **Dora e Lucas**, **por quem vale a pena ser professor**;

Aos alunos que voluntariamente participaram desta pesquisa, emprestando suas experiências ao narrar suas angústias, conquistas, saberes, crenças, valores;

Por último, à minha filha **Sofia Perfumo Marchioreto**, que **sempre esteve presente na minha vida**, mas que agora está se movimentando na barriga de sua mãe, se preparando para nos acompanhar no cotidiano desta incrível aventura que é a vida humana.

“O mundo é não aquilo que eu penso,
mas aquilo que vivo; eu estou aberto
ao mundo, comunico-me
indubitavelmente com ele, mas não o
posso, ele é inesgotável.”

Maurice Merleau-Ponty

RESUMO

Este trabalho trata da importância do movimentar-se para a vida humana com o objetivo de qualificar as experiências escolares de jovens relacionadas ao que aprenderam na escola e permaneceu em suas vidas cotidianas; o que destas experiências significou a aprendizagem de conhecimento relativo ao movimentar-se na perspectiva histórico-evolutiva da humanidade e suas projeções para o futuro (biocibernética). Fundamentou-se teoricamente em ideias de alguns autores, como José Guilmar Mariz de Oliveira, Go Tani, Edison de Jesus Manoel sobre a Cinesiologia Humana, Richard Dawkins, Richard Foley, Jared Diamond, Richard Leakey e a História Evolutiva, Michel de Foucault, Edgar Morin sobre os aspectos relacionados a Educação Escolar e o paradigma simplificador, disciplinador e dualista. A pesquisa seguiu as diretrizes do método fenomenológico de investigação ao registrar a fala e os gestos de alunos que estão terminando a Educação Escolar Básica na cidade de São Paulo. A reflexão realizada a partir da análise dos dados evidenciou uma dificuldade dos alunos na articulação das respostas relacionadas ao movimentar-se na história da cultura, mostrando falta de repertório para lidar com o tema. Com relação ao futuro projetaram uma situação paradoxal entre o movimentar-se e a cibernética, ao apontar benefícios como a recuperação da locomoção bípede por um lado e por outro ao identificar o futuro da relação humano-máquina como algo sombrio através da crescente sedentarização humana. Com relação ao movimentar-se no ambiente escolar os alunos identificaram uma dicotomia entre a quase ausência de movimento nas aulas que acontecem na sala de aula e o movimentar-se nas aulas de Educação Física, porém, ao qualificar as experiências relacionadas às aulas de Educação Física, interpretaram este componente curricular como desarticulado do compromisso de ensinar conhecimentos conceituais, procedimentais e atitudinais, o que pouco ou quase nada contribui para suas vidas cotidianas.

Palavras-chave: 1. Movimentar-se. 2. Bipedalismo. 3. Evolução. 4. História. 5. Cinesiologia humana. 6. Educação escolar. 7. Currículo

ABSTRACT

This work, which deals with the importance of movement to human life, aimed to qualify the school experiences related to the movement of young people, specifically the ones learned in school and that remained in their everyday lives, what from these experiments meant learning of knowledge related to the movement in the historical and evolutionary perspective of humanity and its projections for the future (biocybernetics). It is theoretically grounded in ideas of some authors, like Jose Guilmar Mariz de Oliveira, Go Tani, Edison Jesus Manoel on Human Kinesiology, Richard Dawkins, Richard Foley, Jared Diamond, Richard Leakey history of evolution, Michel Foucault, Edgar Morin on aspects related to school education and the simplifier, disciplinarian and dualistic paradigm. The research followed the guidelines of the phenomenological method as the speech and gestures of students who are finishing the School Basic Education in São Paulo. The reflection made from the data analysis indicated students' difficulty in articulating answers related to the movement in the history of culture, showing a lack of repertoire for dealing with the topic. As for the future, they forecasted a paradoxical situation between moving and cybernetics by, on the one hand, pointing out benefits like bipedal locomotion recovery and on the other hand to identify the future of human-machine interface as something dark by increasing human sedentary lifestyle. Regarding movement in the students' school environment, they identified a dichotomy between the near absence of movement in the classes that take place in the classroom and the movement in Physical Education classes. However, by describing the experiences related to Physical Education classes, they interpreted this curriculum component as disconnected from the commitment to teach conceptual, procedural and attitudinal knowledge, what added little or nothing to their everyday lives.

Keywords: 1. Movement. 2. Bipedalism. 3. Evolution. 4. History. 5. Human kinesiology. 6. School education. 7 Curriculum

SUMÁRIO

	Página
ANTECEDENTES _____	14
INTRODUÇÃO _____	21
I. FUNDAMENTAÇÃO _____	25
1.1 A Importância do Movimento para a Vida Humana _____	25
1.1.1 Definindo o Movimento Humano _____	27
1.1.2 A Cinesiologia Humana como Área de Estudo Integrativa _____	29
1.2 A Importância do Movimento Humano na História da Cultura _____	35
1.2.1 Arte e Ciência na Trilha da Evolução Humana _____	35
1.2.2 Bipedalismo e o Surgimento da Espécie Homo _____	39
1.2.3 O Grande Salto para a Frente e a Revolução Agrícola _____	44
1.2.4 A Evolução Tecnológica e a Biocibernética _____	50
1.3 A Importância do Movimento Humano na Educação Escolar _____	54
1.3.1 A Educação Escolar _____	54
1.3.2 A Organização Curricular e o Paradigma Simplificador _____	56
1.3.3 A Organização Curricular Disciplinadora e Dualista _____	59
1.3.4 Conhecer, Aprender, Ensinar e o Movimentar-se na Escola _____	61
II. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO _____	65
2.1 Delineamento _____	65
2.2 Modalidade _____	65
2.3 Coleta de Dados _____	66
2.3.1 A Unidade Escolar (U.E) _____	66
2.3.2 Sujeitos da Pesquisa _____	67
2.3.2.1 Seleção dos Participantes _____	69
2.3.3 As Entrevistas _____	70
2.4. Análise de Dados _____	71
2.4.1 Categorias de Análise _____	71
2.4.2 Análise dos Dados das Entrevistas _____	72
2.4.2.1 A Importância do Movimentar-se para a Vida Humana _____	72

2.4.2.2 A Vida Escolar _____	78
2.4.2.3 O Movimentar-se na Escola _____	81
2.4.2.4 O Movimentar-se na Vida Cotidiana _____	94
2.4.3. Quadros de Convergências e Divergências dos Dados Analisados _____	99
2.5 Reflexão Sobre os Dados Analisados a Partir do Referencial Teórico _____	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	115
REFERÊNCIAS _____	122
ANEXOS _____	127
ENTREVISTAS _____	134

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 – Relação entre Movimentar-se e Aspectos da Vida Humana _____	27
Figura 2 – A Cinesiologia Humana como Área de Estudo Integrativo _____	34
Figura 3 – Bipedalismo como Elemento Central da Evolução Humana _____	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características Gerais dos Participantes _____	69
Tabela 2 - Importância do Movimento para a Vida Humana na Percepção dos Alunos Entrevistados _____	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Convergências nas Respostas dos Alunos Entrevistados _____ A Importância do Movimentar-se para a Vida Humana	99
Quadro 2 - Divergências nas Respostas dos Alunos Entrevistados _____ A Importância do Movimentar-se para a Vida Humana	100
Quadro 3 - Convergências nas Respostas dos Alunos Entrevistados _____ O Movimentar-se na Vida Escolar	101
Quadro 4 - Divergências nas Respostas dos Alunos Entrevistados _____ O Movimentar-se na Vida Escolar	102

ANTECEDENTES

Após ter cursado Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, percebi que apesar de gostar de idiomas minha atuação profissional não seguiria por esse caminho. O curso, porém, me possibilitou a experiência como professor admitido em caráter temporário da Rede Estadual de Ensino. Experiência que se transformaria mais tarde em minha profissão.

Após novo vestibular ingressei na Escola de Educação Física e Esporte da mesma Universidade, com a ideia, desta vez, de seguir carreira como organizador e promotor de eventos esportivos.

Logo nas primeiras aulas deparei com uma mudança curricular (e paradigmática) que eu pouco entendia na época de vestibulando, mas que ficou clara com a disciplina “Introdução à Educação Física”. O professor da disciplina na época, e que na atualidade é um companheiro de grupo de estudo, com quem sigo aprendendo, possibilitou-me o acesso a um universo da qual eu desconhecia.

Eu havia entrado na carreira de Educação Física pensando em Esporte, porém estudando seus significados e objetivos, compreendi que ambos representavam áreas distintas. Após a disciplina tive a certeza de que apontei no Esporte e apaixonei-me pela Educação Física. Abandonei a ideia inicial de trabalhar com a organização de eventos esportivos e dediquei-me a construir uma carreira que estava por surgir: O Estudo do Movimento Humano ou Cinesiologia Humana em substituição à Educação Física.

Minha alteração de percurso foi fortemente influenciada pela mudança curricular (e paradigmática) da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo ocorrida no ano de 1992. Diferente do currículo dos principais cursos de Educação Física do país, minha turma fazia parte do segundo grupo de ingressantes, na qual trazia três grandes novidades para a época, e que ainda se mantêm atuais.

A primeira dizia respeito à criação do curso de Bacharelado em Educação Física, cujo objetivo, era preparar profissionais para atuar em qualquer segmento profissional exceto o escolar, que ficaria a cargo do curso de Licenciatura em Educação Física.

A segunda dizia respeito ao entendimento de que Educação Física e Esporte são áreas distintas, e com significados e objetivos diferentes. Se o Bacharel em Educação Física é o responsável pela organização de programas educacionais de Educação Física (movimento humano) para crianças, adolescentes, adultos, idosos e grupos especiais, o Bacharel em Esporte

é o responsável pela orientação técnico e tática de atletas ou equipes; preparação orgânica de atletas ou equipes e pela organização de eventos esportivos.

Por último e não menos importante, o entendimento do curso em Educação Física pela primeira vez corrigia na sua preparação profissional um equívoco histórico, e que ainda permanece na maioria das instituições de formação profissional no Brasil, qual seja, a inversão no processo educacional. Tradicionalmente professores ao elaborarem um programa primeiramente tem claro quem é o público alvo da aprendizagem, ou seja, sabem que tem que ensinar algo a alguém, em que o algo é o conteúdo e o alguém o aluno com características de aprendizagem específicas. Na área de Educação Física, é muito comum os professores ao desenharem um programa pensarem primeiramente na atividade e, depois no conteúdo da aprendizagem, e por último para quem, o aluno. Exemplo ocorre nas disciplinas “esportivizadas”, no currículo de preparação profissional em Educação Física é comum encontrar modalidades esportivas como disciplina, assim na disciplina Natação, por exemplo, o aluno tem como objetivo aprender a sequência didática dos quatro estilos da modalidade esportiva, nado simples, costas, peito e borboleta, para ensinar seus alunos a nadar.

Essa lógica não considera o sujeito da aprendizagem, primeiramente é necessário saber quem aprenderá a nadar, quais são suas características (biológicas, psicológicas, sociais, etc.) para traçar os objetivos e de que forma ocorrerá a aprendizagem. Se se pensar nos extremos, tanto um bebê de 6 meses, quanto um senhor, ou uma senhora sexagenários, dificilmente aprenderão a nadar os quatro estilos da modalidade esportiva em seus programas de natação. Suas características específicas para a aprendizagem do nadar não condizem com o nadar os quatro estilos, e que, portanto, a formação profissional não atende aos elementos básicos do processo em que alguém vai ensinar algo e alguém vai aprender esse algo.

Isso se repete em todas as disciplinas esportivizadas do curso de Educação Física. Inverte-se a ordem do essencial, já que primeiramente é preciso conhecer o sujeito da aprendizagem para que na sequência se possa selecionar os conhecimentos, procedimentos adequados para a sua aprendizagem.

A atualização curricular, mencionada anteriormente, corrigiu esse equívoco com importantes alterações na estrutura do curso. De fato houve uma alteração paradigmática na preparação profissional em Educação Física e Esporte no país. Ao invés de estabelecer as modalidades esportivas (atividades) como essência das disciplinas curriculares, adotou-se o sujeito (indivíduo/grupo) como o essencial do currículo.

Dessa forma o curso previa um trajeto em que inicialmente os alunos estudariam o ser humano e suas generalidades, através das disciplinas de Anatomia, Fisiologia, Bioquímica,

Psicologia, Filosofia, Sociologia, entre outras. Na sequência estudariam a relação entre essas disciplinas com o movimentar-se do ser-humano, como por exemplo, *Anatomia do Aparelho Locomotor; Fisiologia dos Exercícios, Dimensões Psicológicas da Educação Física, Crescimento e Desenvolvimento, Controle e Aprendizagem Motora*, entre outras. Por fim, entendendo o ser-humano, e sua relação com o movimentar-se, o desfecho seria estudar como armar um programa de Educação Física para sujeitos (indivíduo/grupo), através das disciplinas de síntese como *Educação Física: na Primeira Infância; na Segunda Infância; na Adolescência; na Idade Adulta; no Idoso; para Grupos de Pessoas com Necessidades Educativas Especiais*.

Essa formação generalista do bacharelado seria condição para a formação do licenciado, que para tanto, necessitaria cursar as tradicionais disciplinas pedagógicas, com o adendo de disciplinas específicas como Educação Física na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Após cinco anos de curso a preparação profissional o aluno estava capacitado para atuar como bacharel e licenciado em Educação Física.

Esse foi meu trajeto, e ao final da graduação meu universo profissional estava estabelecido, a Educação Física (Cinesiologia Humana) na Educação Escolar Básica. Busquei e encontrei no cenário escolar meu porto seguro para organizar processos de aprendizagem com o objetivo de fazer com que, desde a infância, os alunos pudessem compreender a importância do movimentar-se na história da cultura e em suas vidas cotidianas, objetivo bastante ousado se comparado com aquele que entendemos como objetivo da Educação Física escolar “tradicional”: ensinar jogos e brincadeiras para os alunos.

Logo em uma das primeiras entrevistas fui inquirido sobre qual a minha posição sobre a presença de uma aluna com limitações locomotoras consideráveis em um programa de Educação Física. Surpreso com a “desnecessária” pergunta, contestei que eu tinha me formado para compreender a complexidade do movimento do ser humano e daí organizar um programa para que TODAS as crianças e adolescentes pudessem conhecer como e porque nos movemos, um programa cujo objetivo geral seria:

Viabilizar ao aluno a aprendizagem relacionada com fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores, normas e atitudes referentes a conhecimentos (acumulados, sistematizados, organizados) sobre o movimento humano (relativo à motricidade) que permita-lhe, individual e intencionalmente otimizar suas possibilidades e potencialidades para movimentação genérica ou específica, harmoniosa e eficaz e, em

correspondência a capacitação para, em relação ao meio em que vive, agir (interagir, adaptar-se e transformar), na busca de benefícios para sua qualidade de vida” (MARIZ DE OLIVEIRA, 2003, p.02).

Em outra escola uma aluna com limitações locomotoras consideráveis participou de todas as aulas de Educação Física que ministrei durante o ano, mesmo que para completar o percurso até o local da aula, tivéssemos que ultrapassar obstáculos que dificultavam o acesso, incluindo, por exemplo, um grande conjunto de escadas.

Em uma terceira escola, entrei em atrito com a direção para que ela cumprisse a lei de acessibilidade para que um aluno cadeirante pudesse se locomover até a quadra sem que fosse carregado de maneira inadequada por uma despreparada equipe de apoio.

Em contato direto com alunos com limitações locomotoras bípedes consideráveis ampliei e muito o leque de perguntas sobre a aprendizagem motora. Dentre elas: como ocorre a adaptação de pessoas com limitações motoras para se locomoverem? Como organizar o ambiente para que se possa - todos - aceder aos espaços coletivos?

Estes questionamentos foram impulsores para outros questionamentos fundamentais para o trabalho, daquilo que eu entendia como sendo essencial para um professor de Educação Física, porque andamos? Como aprendemos a andar? Porque somos, senão a única, uma das únicas espécie animal que se locomove na posição bípede? Sempre aprendemos a andar da mesma maneira? Como o processo ocorreu na evolução da nossa espécie? Qual a função/contribuição da estrutura biológica neste processo? Como ocorreu durante a evolução as mudanças anatomofisiológicas que afetaram nossa maneira de movimentar-nos? Quais as origens da locomoção bípede (bipedalismo) e seus desdobramentos, como a possibilidade de deixar as mãos livres para manipular objetos.

Para a questão da locomoção bípede a hipótese inicial, baseada no senso comum, apontava na direção de que o bipedalismo fora fundamental para a liberação das mãos para possibilitar a manipulação de objetos e, conseqüentemente, a criação e a confecção/construção de objetos, ferramentas e utensílios. Todas estas ações derivavam da privilegiada capacidade intelectual humana, pelo aumento do tamanho do cérebro.

Antes desses questionamentos as habilidades de locomoção e manipulação já ocupavam posição fundamental no programa de Educação Física, havendo durante as aulas a crescente preocupação em ensinar as habilidades motoras fundamentais de locomoção e manipulação, combinação entre elas, seu refinamento e sua ampliação em atividades rotineiras do cotidiano dos alunos. Depois destas indagações minha percepção ampliou os conteúdos do programa, os

alunos deveriam saber, também, os aspectos evolutivos, a importância dessas mesmas habilidades na constituição histórica da cultura humana. Porém, no cotidiano, outras demandas fizeram esse projeto de estudo hibernar por um tempo.

Com uma proposta diferente do que tradicionalmente se entendia por um programa de Educação Física escolar eu lidava com duas frentes na tentativa de mudança curricular, a primeira buscar respostas relativas ao conhecimento específico da área, e a outra, convencer meus pares dos objetivos e significados do programa que eu estava propondo para a escola.

Neste sentido houve e ainda há uma característica importante no que se refere a proposição de mudança no programa de Educação Física Escolar que eu levei para as escolas: os professores de outras áreas, coordenadores pedagógicos e diretores escutam e opinam positivamente sobre as alterações, a maior oposição e resistência ocorre com os próprios professores da área Educação Física.

Pensando nos passos necessários para promover as mudanças significativas no currículo da área de Educação Física escolar, optei por fazer um curso de Pedagogia, e me credenciar para liderar os processos escolares na figura de coordenador pedagógico ou diretor pedagógico. Após novo vestibular ingressei na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo onde iniciei o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Neste período estávamos chegando ao final do século XX e entre *bug do milênio* e teorias do fim do mundo, aproximávamos do ano de 2000, porém foi o ano de 2001 o grande ícone de todas as previsões de mudanças relativas a uma nova era.

Tanto no campo da ficção como da realidade muitas obras provocadoras de rupturas com o modelo estabelecido utilizaram essa data como o ícone de uma nova era. Duas obras em particular se somaram as minhas inquições e ambas tinham o emblemático ano de 2001 em seus títulos: a primeira foi o filme “*2001 uma odisseia no espaço*” do diretor Stanley Kubrick, por retratar a fantástica cena em que um homem-macaco representava o surgimento do gênero homo sapiens, tal como somos atualmente e propor a discussão da relação entre humano-máquina (cibernética). A outra obra, “*2001: The Profession is Dead—Was It Murder or Suicide?*”, por retratar a realidade acadêmica-profissional da área de Educação Física ao questionar se a área, relacionada ao movimento humano, tinha ou não um campo de conhecimento próprio e, se o campo de conhecimento tinha características de cunho acadêmico ou profissional.

Também o ano de 2001 foi icônico para minha carreira, já que tomei um ano sabático, fui morar na Austrália, tempo e espaço necessários para repensar minha vida pessoal e profissional. Durante esse período parte de minhas convicções seguiam consolidando-se, uma

delas se referia ao fato de que a essência do trabalho do professor de Educação Física estava conectada com o movimento humano, relativo à motricidade. Em meu retorno continue seguindo essa linha e minha atuação profissional a cada ano se diferenciava, e muito, do que tradicionalmente ocorria em um programa de Educação Física, baseado em conteúdos relacionados apenas na Ginástica, no Esporte, na Dança ou na Recreação.

Eu me aproximava da Cinesiologia (Cf. ARNOLD, 1993; MARIZ DE OLIVEIRA, 2004), da Cineantropologia (Cf. RENSON, 1989), ou do Estudo do Movimento Humano (Cf. WHITING, H.T.A.; WHITING, 1975), termos que Cheffers e Evaul (1978) definiram como mais adequados para descrever as atividades desempenhadas pelos professores de Educação Física, pois estes termos são mais apropriados por descreverem de uma forma mais coerente os aspectos biológicos, psicológico e sociológico do ser-humano em movimento.

Meus pares, os professores de educação física, não caminharam nesta direção, como era de se esperar seguiram firmes no sentido de consolidar os programas esportivizados, o que me fez, e ainda me faz, sentir-me em discordância com os meus parceiros de profissão.

Após outro período de ausência de cinco anos do país e do papel de professor, desta vez na Argentina, retornei ao Brasil e à graduação em Pedagogia, e às discussões relacionadas à fragmentação da ciência, à invenção da infância, ao surgimento da escola, à fragmentação curricular, à interdisciplinaridade, ao monismo psicofísico, e me aproximei novamente das questões apresentadas anteriormente. Retomei o meu projeto de investigação para compreender a disciplinarização escolar, seus desdobramentos e a relação com os programas de Educação Física escolar. Ao terminar a graduação em Pedagogia e pensando em prosseguir desenvolvendo minha trajetória/carreira, o passo seguinte, e atual, seria ingressar em um programa de mestrado interdisciplinar, para realizar uma pesquisa, que pudesse reunir o Estudo do Movimento Humano e sua importância para a vida cotidiana, seu contexto histórico e sua implicação na Educação Escolar Básica, temas que venho trabalhando há mais de 20 anos.

Por isso escolhi o Programa de Mestrado em Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie para que eu pudesse conduzir uma investigação interdisciplinar para compreender qual a importância do movimentar-se, como elemento complexo e sistêmico, para a vida humana, tanto no aspecto histórico-evolutivo como para a ação cotidiana.

Refletindo sobre essa trajetória, da janela de meu apartamento de onde movo meus dedos sobre o teclado para produzir este texto vejo: um homem caminhando rápido com uma sacola de mercado em sua mão, uma senhora andando pela calçada levando no colo uma criança recém-nascida, um jovem pedreiro andando em um andaime operando suas ferramentas, ora

uma pá ora um prumo, e uma série de outras pessoas caminhando manipulando ou não, carregando ou não objetos, ferramentas ou utensílios. Encanto-me e me espanto com os movimentos que ali se mostram, em apenas um momento, de uma janela, e dali, mais uma vez, reafirmo meu profundo desejo de investigar o mistério do movimentar-se e sua importância para a vida humana.

INTRODUÇÃO

O ser-humano entra em contato com o ambiente físico e social através do movimento¹, desde o nascimento o ser humano tem que aprender a movimentar-se para compor o conjunto de habilidades e ações aprendidos, que formarão o seu próprio repertório motorio². É através de um vasto repertório que se torna possível andar e ao mesmo tempo organizar o pensamento, manipular algum objeto, desviar de pessoas e obstáculos no caminho, subir e descer rampas, morros, escadas, em suma, realizar vários movimentos coordenados e complexos ao mesmo tempo.

Movimentar-se é importante para o ser-humano em sua vida cotidiana, as primeiras respostas de uma criança recém-nascida são motorias, o seu progresso é medido através de movimentos. Experiências motorias que se iniciam na infância são de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, visto que fornecem o principal meio pelo qual a criança explora, relaciona-se com e controla seu ambiente.

Retornando ao cotidiano, inevitavelmente a locomoção está presente nos afazeres de centenas de milhares de humanos ao longo de todo o planeta, aliado ao uso das mãos livres, justamente em função da posição bípede. O conjunto das habilidades de locomoção e manipulação representam a base dos movimentos realizados pelos seres humanos.

Dos movimentos que significaram a sobrevivência da espécie, aos movimentos realizados pelos astronautas nas primeiras tentativas de conhecer e dominar o espaço, a locomoção e a manipulação são, e sempre foram ao longo da evolução, elementos de suma importância para a vida humana.

¹ É comum a ciência tratar o **movimento humano** como objeto de pesquisa isolado, como um aspecto da física, movimento como um deslocamento no espaço e no tempo, um ato mecânico produzido pelo corpo. Porém o **movimentar-se** é compreendido como uma forma original do ser-humano que constrói a si como sujeito, portanto indissociável à percepção e indissociável entre sujeito-mundo (Cf. TREBELS, 2003). Como a literatura específica relacionada aos Estudos do Movimento Humano o termo movimento humano é mais recorrente, para este trabalho, ambos os termos serão utilizados como sinônimos, porém com o significado que será apresentado durante a Fundamentação na discussão sobre a importância do movimento para a vida humana.

² A opção pela utilização do termo motorio está relacionada com o seu significado (que tem movimento) e com o contexto deste trabalho.

A interação com o meio ambiente foi fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento de todos os seres humanos. A capacidade humana de movimentar-se é muito mais do que uma simples conveniência que lhe possibilite andar, jogar, e manipular objetos. Ela é um aspecto crítico do desenvolvimento evolucionário. Da construção de abrigos e de ferramentas por parte dos seus ancestrais, até se chegar à complexa tecnologia e cultura modernas, os movimentos desempenharam e continuam a desempenhar um papel fundamental na vida humana (Cf. TANI, MANOEL, KOKUBUN E PROENÇA, 1988).

Portanto, para fins didáticos a fundamentação será dividida em três blocos, o primeiro para abordar o conceito de movimento humano e o histórico dos Estudos do Movimento Humano e a Cinesiologia Humana; o segundo para lidar com os aspectos histórico-evolutivos do movimentar-se até a discussão entre a relação humano-máquina a partir da tecnológica contemporânea; e o terceiro para tratar o movimentar-se como elemento educativo na instituição escolar.

O bloco 1 apresentará o surgimento do Estudo do Movimento Humano, a partir de uma crise no interior da Educação Física, os modelos relacionados à disciplina acadêmica e a profissão, a definição do termo movimento humano e a Cinesiologia Humana como proposta de uma área de estudo integrativa para compreensão deste fenômeno.

O bloco 2 lidará com o movimento humano como parte essencial do processo evolutivo humano, tecerá uma compreensão de como se desenvolveu tal processo, as mudanças significativas relacionadas à estrutura osteomuscular, ao funcionamento orgânico e suas implicações para as relações do gênero homo como o surgimento do andar ereto (bipedalismo), a construção de ferramentas (manipulação), e o aumento do cérebro (complexidade cognitiva). Na sequência tratará do Grande Passo para a Frente, a evolução com característica, predominantemente cultural, representadas pelo surgimento da linguagem (pictórica, arte rupestre), culminando com a Revolução Agrícola, que permitiu armazenar o excedente alimentar e criar os especialistas (escribas, reis, políticos, guerreiros, religiosos, filósofos) e como consequência a criação da política, dos exércitos, da religião, da filosofia, da arte, do Estado. Nas sociedades que organizaram a Revolução Agrícola que foram influenciadas ou dominada por elas, houve uma crescente complexificação das relações sociais e uma crescente institucionalização do modo de vida. Terminará com a relação entre as máquinas (tecnologia contemporânea) e as perspectivas de movimentar-se no futuro (biocibernética).

O bloco 3 tratará da Educação institucionalizada contemporânea, apresentando a escola como lócus dos saberes do que as crianças e adolescentes devam aprender. Como o movimento é um importante elemento do processo evolutivo humano, também o é para a contemporânea

nos afazeres cotidianos, portanto é de fundamental importância saber quais os conhecimentos relacionados ao movimentar-se deverão ser ensinados à futura geração. Assim tem sido ao longo de toda a vida humana, das sociedades de caçadores e coletores que ensinam aos jovens membros da sociedade as habilidades motórias relacionadas à caça, a manipular ferramentas como lanças, arcos e flechas, bem como fazer cestos e a subir em árvores para coletar determinados alimentos, às atuais sociedades agroindustriais, como é o caso das sociedades complexas ocidentais, das grandes cidades urbanas. Mas nas sociedades atuais quais os conhecimentos básicos que deveriam ser ensinados sobre o movimentar-se do ser humano? Como as crianças e jovens vivem essa experiência? Como quantificam e qualificam tais experiências? Qual é o repertório motório satisfatório para que um jovem membro desta sociedade aprenda ao longo de sua vida? Vários pesquisadores e estudiosos propõem diferentes alternativas para abarcar este tema, conforme a idade, região, especificidades culturais entre outros. Talvez aprender a andar em bicicleta e a dirigir um automóvel, tarefas do cotidiano relacionadas a locomoção humana possam estar entre algumas delas, outras podem valorizar o saber dançar, o “esportear” e as manifestações culturais, enquanto que algumas outras podem entender que o repertório a ser aprendido deveria estar relacionado as habilidades motórias próprias do mundo do trabalho.

O fato é que famílias, escolas, clubes, academias de ginástica, universidades, são as instituições sociais responsáveis por responder a tais perguntas, sendo que a escola, como instituição que se caracteriza como *locus* do saber e educação formal e obrigatória, local onde os indivíduos membros da sociedade passam grande parte de suas vidas, uma instituição responsável pela organização de processos de aprendizagem motória de maneira intencional e que, portanto deve organizar tempos e espaços escolares para possibilitar experiências e conhecimentos relacionados ao movimentar-se. Esse processo compreenderia ensinar valores intrínsecos e extrínsecos relacionados a como e porque movimentar-se, selecionando conhecimentos desde a origem do bipedalismo e suas consequências para o surgimento do gênero homo, passando pela importância do movimento para a organização da vida contemporânea, da relação com as formas de locomoção e seus equipamentos de transporte individual e coletivo, aos objetos, a utilização de utensílios e ferramentas no cotidiano das pessoas, até o conhecimento da relação do corpo humano e as atividades especializadas que geram a hipocinesia e conseqüentemente complicações para a saúde, como cardiopatias, estresse, entre outras (Cf. RATEY E HAGERMAN, 2012).

Dada a importância do movimentar-se para a vida humana, e considerando o exposto, é essencial investigações/pesquisas que possam dar suporte à compreensão da relevância do movimento para a vida humana. Nesse sentido este trabalho tem os objetivos que seguem.

Geral

- Conhecer qual a percepção de jovens sobre suas experiências escolares relativas ao movimentar-se na Educação Básica em uma Unidade Escolar da cidade de São Paulo.

Específicos

- Compreender que relação fazem entre o movimentar-se do ser-humano e a história da cultura segundo suas experiências e saberes escolares;

- Investigar como vivenciaram o movimentar-se no ambiente escolar levando em consideração a organização curricular (espaços, tempos e conhecimentos);

- Entender que relação fazem entre suas experiências escolares com o movimentar-se em suas vidas cotidianas atuais, e em relação ao futuro, levando em consideração a relação entre o ser-humano e as tecnologias contemporâneas (ferramentas, equipamentos e máquinas).

I. FUNDAMENTAÇÃO

1.1 A Importância do Movimento para a Vida Humana

Obedecendo a ordens silenciosas em seu cérebro, ele jogou a pedra com um arremesso desajeitado e exagerado. Errou o alvo por metros.

Tente novamente, disse a ordem. Ele procurou ao redor até encontrar outra pedrinha. Desta vez ela atingiu a placa com um tom semelhante a um sino. Ainda faltava muito, mas a sua pontaria estava melhorando. (CLARKE, 2013, p.41-2).

A cena da citação acima descreve o líder de um grupo de primatas em uma ação do cotidiano, que bem poderia ser uma criança sapeca querendo acertar uma placa (alvo) do ambiente escolar, ou talvez um namorado tentando entreter sua amada na beira de um lago.

De uma forma ou outra, o simples ato de acertar um alvo ao arremessar um objeto projeta a característica humana da posição bípede que lhe permite locomover-se de maneira ereta, e lhe possibilita aprender uma variedade de habilidades manipulativas.

Essa combinação entre locomover e manipular objetos é uma característica humana de movimentar-se no cotidiano. Ao projetar a vida cotidiana de um indivíduo seguramente suas tarefas diárias passarão por habilidades combinadas de locomoção, como andar, correr e saltar e/ou de manipulação, como carregar um objeto, utilizar alguma ferramenta, utensílio ou equipamento.

Certamente ao visitar uma cozinha de um restaurante durante a preparação das refeições, cozinheiros estarão se locomovendo pelo espaço em atividades diversas como andar entre o refrigerador, a bancada e o forno ou fogão, e/ou tarefas manipulativas como cortar alimentos, condimentá-los, mexê-los durante a cocção, entre tantos outros.

Um músico durante um espetáculo também terá como tarefas para a produção musical combinar habilidades locomotoras e manipulativas: um guitarrista com seus acordes precisos aliados aos saltos, corridas e caminhadas no palco, ou o baterista com a fantástica coordenação motora de braços e pernas.

Além das tarefas profissionais, durante o lazer ou ócio não é raro encontrar indivíduos envolvidos em atividades nas quais o movimentar-se seja de fundamental importância. Dos pais

(e mães) que levam o filho ao parque para andar em bicicleta, chutar uma bola ou empinar uma pipa, até os mais ousados que frequentam uma aula de dança ou realizam uma corrida ou caminhada para otimizar sua condição orgânica, em todos os casos o movimentar-se é um elemento importante.

Em todas as ações o saber fazer é essencial para que os objetivos sejam atingidos, mas são os desafios de algumas atividades profissionais, em que o conhecimento sobre o movimentar-se significa risco para a integridade orgânica do indivíduo, que os saberes relacionados ao movimento ficam em evidência e ganham importância.

Em *2001 Uma odisseia no espaço* (Cf. KUBRICK, 2009), há uma cena em que aparece um astronauta realizando uma combinação de movimentos (correr e socar o ar) em uma clara alusão à necessidade da preparação especial no ambiente espacial para manter a estrutura e função do organismo em condições desejáveis para a realização das tarefas cotidianas, em que o movimento é necessário.

Da ficção para a vida real, essa necessidade tem se confirmado na prática. Astronautas em microgravidade chegam a perder um por cento de sua massa óssea por mês, seus músculos encolhem de tamanho e força e se tornam mais suscetíveis a danos, especificamente a atrofia dos músculos das pernas. Para reduzir as perdas ósseas e musculares, os astronautas devem passar pelo menos três ou quatro horas por dia fazendo exercícios, caso contrário o que perderiam de densidade mineral óssea em 10 meses de vida espacial seria o equivalente ao que perderiam referente ao intervalo dos 30 aos 75 anos de idade de vida terrestre (Cf. ASHCROFT, 2001).

Quer seja em um simples movimento de arremessar uma pedra em uma placa, movimentar-se no trabalho e/ou para trabalhar, no lazer ou em condições extremas, o movimento é um elemento importante para a vida humana, pois é através de movimentos que o ser humano interage com o ambiente físico e social. A interação com o ambiente é fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento, é justamente através de movimentos que o ser humano aprende sobre o meio social em que vive, suas primeiras respostas, como uma criança recém-nascida são motórias, seu progresso é medido através de movimentos, suas experiências motórias que se iniciam na infância são de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, visto que os movimentos fornecem o principal meio pela qual a criança explora, relaciona e controla seu ambiente, sua comunicação, expressão da criatividade e a dos sentimentos também são feitas através de movimentos.

Movimentar-se é mais do que a simples conveniência que permite ao ser-humano locomover ou manipular, é um elemento crítico do processo evolucionário, da construção de

abrigos e ferramentas primitivas à complexa tecnologia de utensílios, máquinas e aparelhos contemporâneos o movimento humano é fundamental (Cf. TANI, G.; MANOEL, E.J.; KOKUBUN; PROENÇA, J.E., 1988) e está relacionado a muitos aspectos da vida humana, dentre os quais alguns estão destacados na figura abaixo. (VER FIGURA 1)



Figura 1 – Relação entre movimentar-se e aspectos da vida humana

1.1.1 Definindo o Movimento Humano

Como movimentar-se é um elemento complexo da vida humana, a definição de seu significado se faz necessária, pois o termo movimento humano é bastante amplo.

Numa dimensão microscópica, encontramos os movimentos de partículas subatômicas, o movimento das enzimas no interior de uma célula, movimentos rítmicos do coração ao bombear sangue para todo o corpo, ou os movimentos aguçados dos globos oculares (MANOEL, p.01-2,1986).

Esse conjunto de movimento é um exemplo da classe de movimentos involuntários, ou seja, sem que passe pelos mecanismos de decisão do sistema nervoso. Embora reconhecendo a importância desta classe de movimento para a vida, este estudo tem como interesse o movimento humano (voluntário) que segundo Manoel (1986, p.02) ocorre durante a “alteração

de um ou mais segmentos do corpo humano num padrão espaço-temporal de contrações musculares”

Descartando os movimentos involuntários, neste caso, por movimento humano entende-se, o ato intencional que deve ser realizado para alcançar um objetivo identificável, o movimento voluntário. Fazendo uma breve análise sobre o conceito de movimento voluntário Tani et. al. (1988, p.08) define movimento como:

[...] o deslocamento do corpo e membros produzido como uma consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular. Pelo fato de o movimento se caracterizar por um deslocamento do corpo num determinado padrão espacial e temporal, ele é comportamento observável e mensurável. Todos os movimentos manifestam certas características espaciais e temporais observáveis, todavia é preciso considerar que o comportamento observável é resultado de um processo interno que ocorre no sistema nervoso central. O movimento tem, portanto, duplo aspecto. O primeiro é que ele é um comportamento observável e o segundo é que ele é produto de todo um processo que acontece internamente ao indivíduo.

Para Brown e Cassidy (1963, p33):

O movimento humano é a mudança de posição do indivíduo no espaço e no tempo resultante da força realizada pelo indivíduo a partir de uma demanda de energia em relação direta com o meio ambiente.

O ser humano, interagindo com o meio ambiente, se movimenta. Ao movimentar-se, o ser humano pode expressar, comunicar, ou lidar com o ambiente. Em todos os eventos, o movimento realizado altera tanto o indivíduo quanto o meio ambiente.

Levando em consideração apenas os movimentos voluntários e o exposto acima, por movimento humano entende-se uma forma de ação original do ser-humano, portanto subjetiva em que há deslocamento de membros do corpo da pessoa, a partir de uma demanda de energia, que ocorre no espaço e no tempo, portanto, perceptível e mensurável. Este processo é tanto um processo interno que ocorre no sistema nervoso, intencional, já que é realizado para alcançar determinado objetivo; bem como um processo externo, pois acontece em uma relação direta com o ambiente físico e social, e que resulta na alteração de ambos, indivíduo e ambiente.

1.1.2 A Cinesiologia Humana como Área de Estudo Integrativa

De fato o movimento é importante para o ser-humano, porém vários esforços têm sido empreendidos para justificar o Estudo do Movimento Humano como área ou campo de estudo, disciplina acadêmica, uma ciência ou campo eminentemente profissional, a maior parte desta discussão começou no interior da área de Educação Física entre o final da década de 1950, e início da década seguinte. Portanto será necessário recorrer a um breve histórico da Educação Física para compreender o Estudo do Movimento Humano.

“Historicamente o termo Educação Física foi cunhado anteriormente ao século XIX, mas foi neste período que ele tomou uma dimensão universal” (MARINHO, 1984, p.216). Essa propagação da Educação Física aconteceu atrelada a ação médica de observação e correção do corpo social através da manutenção da saúde. Para dar conta de cumprir seu papel higienista a classe médica promoveu os exercícios físicos através de programas de Educação Física nas escolas (Cf. CASTELLANI FILHO, 1988). A Educação Física moderna, surgiu ligada a área médica tanto que é comum escutar dizer que Educação Física faz bem para a saúde, apesar de que muitos não ter bem claro o que isso significa de fato.

Durante o século XX houve um grande esforço dos professores na tentativa de se valorizar a Educação Física, que segue presente e atual, sem grandes resultados positivos. "Se a sociedade não está convencida da importância da Educação Física fundamentalmente é porque a própria área não tem sua identidade claramente definida" (TANI, 1991, p.61-2). Por falta de clareza a área vem sendo usada, no tempo e no espaço, por distintas finalidades, do militarismo ao pacifismo, pelos humanistas, pelos empresários, pela medicina, entre outros. Mas foi através da influência médico-higienista que a Educação Física alcançou um papel importante no processo educativo, o de produzir corpos saudáveis e robustos (Cf. CASTELLANI FILHO, 1988).

Neste sentido o papel, secundário, fragmentário da Educação Física escolar, seria cuidar do corpo, através de práticas, de um fazer um conjunto de tarefas, atividades ou exercícios, ora ginásticos, ora esportivizados, mas sempre desconectados com a essência da escola, o processo de ensinar e aprender o saber elaborado, sistematizado.

Reflexo que os esforços empreendidos pelos profissionais e acadêmicos da área não tem dado certo e que a área segue com um caráter descartável no meio escolar, pode ser observado com os relatos dos alunos sobre suas experiências com este componente curricular. Mariz de Oliveira, Marchioreto e Oyama, (1999a) ao entrevistar alunos recém saídos da Educação

Infantil sobre suas aulas de Educação Física, escutaram relatos do tipo “estudar a gente não estudava, a gente só fazia brincadeira. Nas outras aulas a gente estuda; nas aulas de Educação Física a gente aprende a se divertir”, ou ao entrevistar jovens recém saídos do Ensino Médio obteve como resposta: “passei 11 anos na escola e não aprendi nada nas aulas de Educação Física” (Cf. MARIZ DE OLIVEIRA, 1991).

Mas não são apenas os alunos que observam as aulas de Educação Física como descartáveis, Mariz de Oliveira (1991, p.06) ao entrevistar 28 diretores de escola escutou de todos eles que “o maior problema de suas escolas era representado pelas aulas de educação física, e se pudessem a removeriam do currículo assim que possível”.

Como componente curricular a Educação Física sempre foi caracterizada por um fazer distante da compreensão de algum conjunto de conhecimento, desta maneira ela não se justifica na Escola se apenas propõe práticas ou conhecimentos que podem ser vivenciados e adquiridos em outros lugares (Cf. BETTI, 1997).

Ao tratar a relação entre Educação Física e conhecimento na tentativa de justificar sua importância, professores têm baseado seus programas no que deveria ser objeto de preocupação da instituição educacional como um todo, por se tratar de temas relacionados às mazelas sociais, inter-relação entre grupo de alunos, formação da cidadania, entre outros (Cf. FREIRE, SORIANO E DE SANTO, 1998).

Se a Educação Física vem sendo questionada nos níveis social e profissional, os questionamentos também se fazem presentes no nível acadêmico, e neste contexto as críticas provocaram sua maior crise de identidade. Ao receber uma crítica de um eminente estudioso do sistema de Ensino Superior, que afirmou que a Educação Física tal como estava organizada não tinha nada de acadêmica, estudiosos da área saíram em defesa de sua permanência no Ensino Superior. Em resposta à crítica houve uma aproximação da área junto às disciplinas acadêmicas que estudavam o movimento humano, tais como a anatomia, a fisiologia, a química, a física, a psicologia, a sociologia, o que gerou uma disciplinarização acadêmica da área (Cf. HENRY, 1966, 1978).

Se por um lado era cada vez mais notória a defesa do movimento humano como o objeto de estudo, ou principal, ou característico, ou específico, a ser explorado e desenvolvido pela Educação Física (BROWN, 1967; BROWN & CASSIDY, 1963; CUNHA, 1991, 1996; FELSHIN, 1972; FERRAZ, 1996; MARIZ DE OLIVEIRA, 1991; NEWELL, 1990; SAGE, 1984; TANI, 1991), por outro este caminho aumentou ainda mais sua descaracterização, pois esta aproximação com as disciplinas gerou um distanciamento entre os aspectos acadêmicos dos aspectos profissionais (Cf. LIMA, 1994).

Apesar de marcar definitivamente o entendimento do movimento humano como objeto de estudo da área, a divergência entre os aspectos profissionais x aspectos acadêmicos geraram acalorados debates na área. Defensores do Estudo do Movimento Humano enquanto disciplina acadêmica afirmaram por um lado que o Estudo do Movimento Humano não deve ser entendido como uma profissão, mas sim como um corpo de conhecimento aplicado por muitas profissões tão diversas como professores e terapeutas, e que portanto, poderia ser uma disciplina tal qual a Biologia, a História, a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia entre outras (Cf. CHEFFERS E EVAUL, 1978). Por outro lado os defensores da profissão, descontentes com os rumos eminentemente acadêmicos em detrimento dos aspectos profissionais saíram a defender o Estudo do Movimento Humano com características profissionais e que as pesquisas na área deveriam estar vinculadas às necessidades da prática profissional dos professores de Educação Física (Movimento Humano).

Ao criticar o modelo de disciplinarização da Educação Física, Bressan (1979) afirmou que o processo apartaria a investigação acadêmica das questões profissionais, como predito por Broekhoff (1982), já que a soma das subdisciplinas tais como fisiologia do exercício, bioquímica da atividade motória, biomecânica, psicologia do esporte entre outras nunca foram sinônimo de Educação Física.

Ao tratar especificamente o tema Bressan (1979, p.82) observou que:

[...] um dos problemas mais difíceis na educação é que tentamos lidar com cada disciplina como se fosse teórica. O movimento humano não é teórico - é real, ele é realizado, ele é "feito" pelos seres humanos. É intimamente produtivo [...] e assim deveríamos ser.

Essa tensão, porém, pendeu para a disciplinarização da área, em detrimento da profissão. Segundo Tani (1996, p.19):

Na ânsia de obter, o mais rápido possível, o *status* e a respeitabilidade acadêmicos, esse movimento deu muita ênfase à pesquisa básica, estimulando e valorizando sobremaneira aquelas subdisciplinas de investigação mais relacionadas às ciências naturais, em detrimento de pesquisas relacionadas às ciências sociais e humanas e, principalmente, de pesquisas aplicadas comprometidas com solução de problemas enfrentados na prática profissional. O resultado concreto desse investimento foi um inegável avanço acadêmico-científico, evidenciado, entre outras coisas, pelo aumento significativo no

volume de estudos conduzidos, no número de periódicos especializados, na quantidade de eventos científicos realizados, no número de publicações até mesmo em periódicos de reputação em áreas de maior tradição acadêmica. Por outro lado, não foi possível observar um impacto mais significativo dos conhecimentos produzidos na melhoria da prática profissional.

As divergências provocadas pela tensão entre os aspectos acadêmicos e profissionais estavam também conectadas a outros importantes questionamentos.

Um dos questionamentos referia-se a questão de que havia uma distinção entre a necessidade de um campo unificado do Estudo do Movimento Humano e o fato de que o próprio movimento não é um elemento uniforme.

O movimento humano estende-se desde funções orgânicas básicas, até movimentos simbólicos. O espectro relacionado ao movimento humano é vasto e incluyente - nele estão movimentos locomotores, movimentos operacionais bruscos, expressivos, atléticos, de *ballet*, dramáticos e ritualísticos, e muitos outros, o que impossibilita o entendimento do movimento como unidade homogênea.

Se é da especificidade de um físico calcular a potência de um movimento de um bailarino, a interpretação da dança sai de sua competência, ele não pode interpretá-la, portanto os movimentos executados na dança possuem análise distintas, o que demonstra que movimento humano não é um elemento uniforme, por isso que o Estudo do Movimento Humano enquanto área se assemelha a um campo unificado e integrado de conhecimento que se baseia na contribuição de distintas disciplinas tão diversas como a estética ou as ciências físicas e sociais (Cf. CURL, 1973).

O ser-humano em movimento é um organismo multifatorial, incluindo os psicológicos, fisiológicos, mecânicos bem como sociais, sem dizer ainda sobre valores morais, religiosos ou estéticos, com cada fator interagindo um com o outro em cada humano, entre humanos e entre o ser-humano e o seu meio (Cf. WHITING E WHITING, 1975).

Renshaw (1973) ao reconhecer a importância do conhecimento adquirido do Estudo do Movimento Humano através do estudo acadêmico de disciplinas que se auxiliam, afirmou que os resultados destes estudos podem ser aplicados ao entendimento teórico de áreas que englobam desde jogos, ginástica, movimentos operacionais na indústria até atividades físicas educacionais ou terapêuticas.

O Estudo do Movimento Humano, portanto, se caracteriza por uma área de estudo complexa de caráter sistêmico. Essa característica fez com que esta área não tenha surgido de

maneira unificada, como queriam profissionais e acadêmicos. Ao interessar-se por dada questão Newell (1990) realizou uma pesquisa para investigar a premência do estabelecimento da área do Estudo do Movimento Humano em detrimento da Educação Física, como resultado encontrou 69 nomes diferentes em escolas e departamentos nos EUA na tentativa de reestruturar a área. Entre os que se destacaram estavam:

- (a) Movement Education (Educação do/pelo/através/sobre o Movimento);
- (b) Kinesiology (Cinesiologia);
- (c) Human Performance (Desempenho Humano);
- (d) Human Kinetics (Cinética Humana);
- (e) Kinesiological Studies (Estudos Cinesiológicos);
- (f) Human Movement Studies (Estudos do Movimento Humano);
- (g) Kinanthropology (Cineantropologia).

Para Cunha (1991) uma alternativa seria a criação da Ciência da Motricidade Humana (ou Cineantropologia), Ciência responsável por compreender e explicar o comportamento motor, com o objetivo de estudar tendências da motricidade humana, para possibilitar o desenvolvimento da totalidade do indivíduo e da sociedade e tendo como fundamento os domínios: físico, biológico e antropossociológico.

No Brasil, também, essa discussão não é recente, apesar de que somente agora vem ganhando mais força no interior do meio acadêmico, e também com distintas propostas. Marinho (1984) em seu artigo “Nova Denominação para o professor de Educação Física – Educação Física, uma Expressão Inadequada” defendeu a ideia dos termos Cinesiologia e Cinesiólogo para melhor expressar o que compete a profissão referente ao movimento humano.

Teixeira (1993, p.89), fez seis propostas para que o caos instalado na área fosse dissipado, para ele as alterações deveriam abranger:

- (1) definição do objeto de estudo: a motricidade humana;
- (2) nome da área: cinesiologia;
- (3) conteúdo da formação profissional: conhecimento relativo a cinesiologia que seja significativo para a atuação profissional;
- (4) título do profissional: cinesiólogo;
- (5) conteúdo da componente curricular: atividades motoras que contribuam para o desenvolvimento da capacidade de movimento dos alunos;
- (6) nome da componente curricular: atividades motoras.

Recentemente Mariz de Oliveira (2004, p.02) propôs a adoção do nome Cinesiologia Humana em detrimento do termo Educação Física, que segundo o autor, e de acordo com a etimologia da palavra:

[...] Cinesiologia é o estudo dos movimentos realizados pelo ser humano, considerando-se (1) as estruturas, os mecanismos, e os processos, independentes e/ou interdependentes, que possibilitam e se relacionam com suas ocorrências, (2) os seus aspectos filogenéticos e (3) os seus aspectos ontogenéticos [...] A Cinesiologia Humana, em correspondência às especificidades científicas e tecnológicas, é caracterizada pela organização e sistematização de conhecimentos pertinentes ao movimentar-se do ser humano, relacionadas com abordagens biológicas, químicas, físicas, psicológicas, antropológicas, e sociológicas, entre as principais em composição com áreas correlatas, citando as mais tradicionais: Fisiologia da Atividade Motória, Biomecânica, Desenvolvimento Motório, Controle Motório, e Aprendizagem Motória.



Figura – 2 A Cinesiologia Humana como área de estudo integrativo

Destarte a Cinesiologia Humana se caracteriza como área de estudo integrativa: tanto suas pesquisas quanto a atuação de seus profissionais devem integrar conhecimentos de diferentes áreas (VER FIGURA 2).

Uma vez definidos o significado do movimento humano e a Cinesiologia Humana como área de atuação, várias indagações pertinentes carecem de respostas. Tanto àquelas relacionadas ao passado evolutivo, como a locomoção bípede e capacidade humana manipulativa, por exemplo, como àquelas que discutem e projetam o futuro da evolução humana.

1.2 A Importância do Movimento Humano na História da Cultura

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas da lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar, e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um intenso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (GINZBURG, 1989, p.151).

1.2.1 Arte e Ciência na Trilha da Evolução Humana

Correr e arremessar uma lança para caçar, uma ação completamente humana fruto do bipedalismo e da conseqüente possibilidade de manipular ferramentas. Mas por que ser bípede e questões derivadas do bipedalismo intrigam pesquisadores de diversas áreas do conhecimento? Por que um antropeide faria isso, quais as vantagens para se locomover desta forma tão incomum na natureza? Quais as implicações e transformações na estrutura e no funcionamento do corpo humano daí derivadas? Como ocorre a aprendizagem da locomoção bípede? Qual a relação, então, entre o andar bípede e a liberação das mãos? Há relação entre o bipedalismo e a fala? Quais são os mecanismos internos que coordenam e organizam o complexo conjunto de movimentos de um ser-humano? Quais as implicações da locomoção bípede ao longo da história da cultura e que impacto e importância tem para a vida cotidiana dos seres-humanos atuais?

Perguntas como essas são fundamentais para o conhecimento da história da evolução, de maneira geral e que, especificamente, possuem importante interface no sentido de explicar

a forma como o ser-humano se movimenta atualmente, mas segue sendo um tema muito pouco explorado como conteúdo escolar ou mesmo como conhecimento geral.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, com o fim de avaliar o conhecimento científico da população, mostrou o resultado ligeiramente alarmante de que 60% das pessoas pensavam que os humanos tivessem sido contemporâneos dos dinossauros. Embora não faça sentido conhecer a dimensão temporal da história, é importante ter alguma noção da escala geral, já que isso ajudaria a compreender o intrincado quebra cabeças do processo de hominização dos humanos. Voltar às origens da espécie humana implica ter, no mínimo, uma leve compreensão do que significam oito mil gerações (Cf. FOLEY, 2003).

Para compreender tal período, o registro dos fósseis, a fonte primária de informação sobre o passado distante, é apenas um registro parcial e, os poucos restos que foram preservados não dão nada além de uma imagem censurada do passado, porém “mesmo uma documentação exígua pode, e deve ser, aproveitada” (GINZBURG, 2006, p.16). Para Foley (2003) o desvendamento do passado fóssil – os humanos antes da humanidade - são as melhores pistas para um mundo que já não existe mais, mas da qual as pessoas são herdeiras.

Para Dawkins (2009) os fósseis exercem fascínio sobre a comunidade científica, porém, mesmo sem eles é possível saber muito sobre o passado evolutivo, porque o estudo comparativo dos organismos modernos – de como se distribuem entre as espécies seus padrões de semelhanças genéticas, e de como as espécies se distribuem entre continente e ilhas - demonstraria, sem nenhuma sombra de dúvida, que a história humana é evolutiva e que todos os seres vivos são primos. Os fósseis seriam apenas um bônus.

Para a ciência, portanto, descrever uma hipótese do período evolutivo humano é uma verdadeira aventura; algo que para a literatura tem sido bastante mais fácil, o que não implica dizer menos complexo.

Em seu romance *2001 Uma Odisseia no espaço*, livro que serviu de inspiração para o filme homônimo dirigido por Stanley Kubrick, Clarke (2013) faz uma síntese do processo evolutivo humano na pele do seu personagem protagonista da história, *Aquele-que-Vigia-a-Lua*. É a Arte imitando a realidade.

“Os pequenos, os velozes e os ferozes conseguiam prosperar [...] os homens-macacos da estepe não eram nenhuma dessas coisas e não estavam prosperando; na verdade, já estavam bem adiantados no caminho da extinção racial” (CLARKE, 2013, p.31). *Aquele-que-Vigia-a-Lua* era um desses hominídeos, líder de um grupo de coletores de alimentos, sem fala desenvolvida ou capacidade de recordar o passado, cuja saga era a luta cotidiana pela sobrevivência.

A transformação acontece com o chamado do som de tambores para o contato com o brilho de um “misterioso” monólito. Daquele encontro *Aquele-que-Vigia-a-Lua* sentiu insatisfação com a vida, se antes os javalis e porcos passavam impunes, levado por impulsos, ergueu uma pedra do chão e enchendo-se de uma agradável sensação de poder e autoridade cravou-a no animal, ato representante de um pequeno passo da humanidade (Cf. CLARKE, 2013).

Pedra na mão, porrete de ossos, faca de serra de maxilar de antílope, sovela ou adaga de chifre de gazela, tudo poderia, a partir de então, ser transformado em ferramentas. “Essas eram as maravilhosas invenções das quais os homens-macacos precisavam para sobreviver [...] (eles) haviam recebido sua primeira chance e não haveria segunda; o futuro estava, muito literalmente, em suas mãos” (CLARKE, 2013, p.50).

Em “*2001 uma odisseia no espaço*”, o filme, Kubrick (2009) transforma este contexto e cria uma das cenas mais emblemáticas do cinema quando o líder do grupo de homens-macacos (*Aquele-que-Vigia-a-Lua*) se utiliza de um osso como uma ferramenta de caça e como uma arma para defesa pessoal.

Atento a essa cena é possível ver um grupo de homens-macacos caminhando em quadrupedia, quando um deles avista e se locomove próximo a um esqueleto de um animal de grande porte em decomposição. Ao se aproximar ele cava o chão arenoso com as mãos e leva algo à boca, talvez em busca de alguma porção de carne ainda não decomposta totalmente, de repente para e observa o esqueleto em sua frente, ele sai de cena e entra o monólito preto, ele volta a cena ainda com cara de observador, balbucia algo, continua observando mexendo a cabeça por vezes de um lado para outro, começa a música como se o *homem-macaco* acabara de ter uma ideia genial, ele em quadrupedia se aproxima mais do esqueleto e agarra um osso com as mãos, levanta-o do piso, aproxima do nariz, olfateia e deixa-o cair novamente, neste momento é possível perceber que se trata de um osso longo, provavelmente o osso equivalente ao fêmur do animal, ele volta a agarrá-lo com ambas as mãos e girando de um lado para o outro choca com os ossos que estão no piso, repete o movimento, olha para o osso e volta a chocar o osso contra o piso levantando pequenas porções de ossos do piso, disferre mais dois golpes, aparece a imagem do céu e nele aparece o movimento de extensão do braço com o osso da mão direita, ao descer a imagem volta a mostrar o corpo do *homem-macaco* na posição ereta desferindo um potente golpe no amontoado de ossos do esqueleto que segue em sua frente, desse golpe um osso da costela do animal voa, ele prepara para desferir outro golpe semelhante, outro osso salta, um terceiro golpe é dado e o resultado semelhante, ele agarra o osso com ambas as mãos para imprimir mais potência no golpe, desta vez ele acerta o osso do crânio que se parte

ao meio, imediatamente aparece uma animal ainda vivo sendo atingido na mesma região, após o golpe o animal cai ferido ou morto, a cena volta para a cara do *homem-macaco* que com o movimento da boca expressa um regozijo com sua ação, descoberta, repete-se a cena do céu com o movimento de subida do braço e volta a fechar no crânio que recebe outro golpe e se fragmenta ainda mais, repete-se a cena, até acelerar a imagem do crânio recebendo vários golpes e se fragmentando cada vez mais, volta a cena do animal sendo abatido e caindo no terreno e termina com a tomada do corpo do *homem-macaco* erguendo agora sua recém criada ferramenta e arremessando-a para o alto.

A sobrevivência da espécie humana, fisicamente tão vulnerável, neste planeta, não teria sido possível sem a fundamental relação entre a criatividade humana (cérebro de primata), a locomoção bípede e a possibilidade de contar com as mãos livres para construir e manipular objetos, ferramentas e utensílios, como demonstrada na cena descrita anteriormente e idealizados nos manuscritos de Kubrick para representar o *homem-macaco* (VER ANEXOS 1 a 4), porém, como de fato houve essa evolução ainda é um mistério que a ciência e a arte tem dado passos importantes na construção da resposta (Cf. KUBRICK, 2009).

Quando se procura explicações aos fatos que propiciaram a sobrevivência da espécie humana, da literatura ao cinema, da religião à ciência é possível encontrar grande diversidade de respostas e hipóteses, segundo a de Morin (2011a, p.38-9):

A Pré-história torna-se mais e mais, ciência fundamental da hominização. Esta traz em si o nó górdio animalidade/humanidade. Efetivamente, o processo de humanização de 6 milhões de anos permite-nos imaginar a emergência da humanidade a partir da animalidade. A hominização é uma aventura ao mesmo tempo descontínua – aparecimento de novas espécies: *habilis*, *erectus*, *neandertalensis*, *sapiens*, e desaparecimento das precedentes; surgimento da linguagem e da cultura – e contínua, no sentido em que prossegue em um processo de bipedização, de manualização, de empertigamento do corpo, da cerebralização [...] de complexidade social, processo longo do qual surge a linguagem propriamente humana, ao mesmo tempo em que se constitui a cultura: patrimônio dos saberes, know-how, crenças, mitos adquiridos e transmissíveis de geração em geração.

1.2.2 Bipedalismo e o Surgimento Espécie Homo

Assim sendo, para

[...] compreender a humanização, aventura de alguns milhões de anos, que realiza a passagem do animal ao humano e da natureza para a cultura [...] precisa recorrer à Ecologia (mudanças climáticas que estimularam a hominização), à Genética (mutações sucessivas do *Australophiteco* ao *Homo sapiens*), à Anatomia (o elo entre a bipedização e a manualização, a postura ereta do corpo, a modificação do crânio), às Ciências Neurológicas (crescimento e reorganização do cérebro), à Sociologia (transformação de uma sociedade de primatas em sociedade humana) (MORIN, 2011a, p.30).

Várias indagações podem ser feitas para explicar o processo de humanização. Para Foley (2003) a teoria evolucionista moderna aceita que a evolução de fato ocorreu, mas o diferencial é que durante o processo evolutivo nunca existiu uma direção progressiva, sendo o acaso o maior dos agentes para a sobrevivência da espécie humana.

De fato sobreviver neste planeta, para a espécie humana, não foi tarefa das mais simples, já que do ponto de vista corporal, a espécie *homo* é bastante frágil se comparado com outras espécies. Seu potencial sensorial é bastante primitivo em relação ao olfato ou audição dos caninos, sua velocidade é baixa em relação a de um felino, sua força de preensão não se aproxima a de uma grande víbora.

Das hipóteses formuladas pela ciência moderna é comum encontrar com frequência àquelas relacionadas à impressionante capacidade intelectual, fruto de um cérebro complexo, à capacidade humana de comunicação e produção de linguagem, ou à sua capacidade manipulativa para construir abrigos, ferramentas, armas, utensílios (tecnologia).

Nesta trilogia formada pela criatividade proporcionada pelo cérebro privilegiado, capacidade de linguagem e possibilidade de manipular objetos, construir abrigos, ferramentas, armas, utensílios para muitos está a resposta de como surgiu os humanos, como ocorreu sua sobrevivência e a fundação das sociedades e a cultura. Stanford (2004) não se surpreende que as teorias sobre as origens do ser-humano sejam formuladas a partir do cérebro, já que este é a sede da cognição e da fala. A maior parte das pessoas concordaria com que as verdadeiras

marcas da espécie são o comportamento e a capacidade mental dos humanos, mais que sua anatomia.

Porém, das mais de duzentas espécies de primatas hoje existentes na Terra apenas uma é bípede, e foi justamente o bipedalismo, essa posição bizarra de locomoção, a chave da explicação dos processos da evolução humana. Mas como e por que um antropoide se levantou e andou ainda é um mistério, o bipedalismo é a questão mais fundamental na evolução humana, com muitas hipóteses e possibilidades que precisam ser desveladas.

Caminhando nessa linha Dawkins (2009, p.117) afirmou que “As pegadas de 3,6 milhões de anos achadas [...] em Laetoli são atribuídas a *A. afarensis*. Independente de qual seja o nome latino, é evidente que alguém estava andando sobre duas pernas naquela época”.

Aliás ainda de acordo com o autor:

[...] Existem alguns vestígios fragmentários de uma criatura possivelmente bípede e com características de *Australopithecus* em uma época ainda mais remota: aproximadamente 4,4 milhões de anos atrás [...] o *Ardipithecus ardimus*. [...] Foram encontrados alguns ossos cranianos isolados, e esses indicam que o crânio se assentava no topo da coluna vertebral, como os nossos, e não na frente, como o dos chimpanzés. Isso indica uma postura vertical, e os ossos dos pés encontrados corroboram com a ideia de que o *Ardipithecus* era bípede (DAWKINS, 2009, p.119).

Para Foley (2003, p.105) “tornamo-nos hominídeos [...] quando um ancestral divergiu dos chimpanzés e dos gorilas, caracterizando-se, com maior probabilidade, pela postura ereta. Isso ocorreu há pouco mais de cinco milhões de anos”.

Mas por que razão no mesmo ambiente transformaria os ancestrais hominídeos em bípedes e os babuínos em quadrúpedes? Uma resposta possível é o mero acaso. Afinal, em alguns sentidos, a evolução é um processo randômico. Especula-se que as mutações adequadas simplesmente não tenham surgido e, com o tempo, elas venham a surgir. Tais explicações como são hipotéticas e, portanto, não passíveis de testes, há, contudo, uma alternativa, que é a mão firme da história. “A evolução de um organismo é plasmada não apenas por seu ambiente, mas também pelo que esse organismo já é, por seu passado evolucionário” (FOLEY, 2003, p.151).

Teorias para esta pergunta de fato abundam no meio científico, Darwin por exemplo via o bipedalismo como um subproduto, pois acreditava que o andar bípede tinha como objetivo liberar as mãos para carregar coisas (Cf. FOLEY, 2003).

Das várias hipóteses que tentam elucidar o mistério algumas são simplistas e carecem de uma maior fundamentação, como a que defende que a posição ereta surgiu da necessidade de se monitorar o terreno para detectar possíveis perigos de ataques de outros animais. Outras mais sofisticadas que apoiavam-se na noção de que a liberação das mãos para o uso de ferramentas foi o elemento fundamental para desencadear o processo, mas a falta de conexão evolutiva entre as ferramentas, que surgiram a dois milhões e meio de anos atrás, e a adoção do bipedalismo, três ou quatro milhões de anos antes, é mais do que evidente (Cf. STANFORD, 2004).

Portanto para Stanford (2004) a chave para entender essa origem é livrar-se da noção de que o bipedalismo teria surgido por uma razão e de uma vez, se comparado, o bipedalismo é como uma obra de arte, mais precisamente uma pastilha de mosaico, um complexo processo, que foi sendo montado ao longo de vários milhões de anos. Para o autor vários componentes se combinaram em momentos diversos e por motivos distintos, pois faz muito mais sentido supor que o bipedalismo surgiu quando um antropeide que já estava fazendo algo passou a fazê-lo com uma frequência maior e aos pouco foi incorporado à sua anatomia.

Qual seja a explicação para o surgimento do bipedalismo o que está claro é que o processo ocorreu pela necessidade de sobreviver aliada ao potencial adaptativo do movimento do corpo humano em relação ao ambiente físico (busca por alimento e proteção) e social (reprodução e perpetuação da espécie).

O andar sobre duas pernas trouxe mudanças consideráveis na estrutura e função corporais derivadas do bipedalismo. Uma importante alteração foi que o corpo humano ficou livre da necessidade de respirar em sincronia com o passo, como acontece com os animais quadrúpedes, possibilitando aos pulmões modular a respiração de forma sutil, o que talvez tenha contribuído para a evolução da fala. A ligação entre o andar ereto e a fala é um dos muitos vívidos exemplos da enigmática evolução do corpo humano (Cf. STANFORD, 2004).

A partir do bipedalismo o processo evolutivo alterou profundamente a estrutura e o funcionamento do corpo humano em suas relações com o ambiente. Os ossos do braço humano encurtaram, os membros inferiores encurtaram, os ossos dos dedos das mãos e dos pés perderam curvatura acentuada que tinham, os dedos das mãos encurtaram em relação ao polegar, de modo que suas pontas podem se encontrar em determinados pontos e o dedão dos pés abandonou a posição do polegar oponível, possibilitando um alinhamento melhor para a sustentação da marcha (Cf. FOLEY, 2003; STANFORD, 2004).

A coluna vertebral sofreu um novo e estranho alinhamento ficando como uma pequena ponte suspensa em que a cadeia de vinte e quatro vértebras que constitui a coluna, juntamente

com a fusão do sacro e do cóccix na extremidade inferior, garante ao corpo uma sustentação flexível, porém firme.

Alteração significativa ocorreu com a pélvis humana que se modificou radicalmente para sustentar, permanentemente o corpo, porém dentre as principais modificações e suas consequências está a alteração no centro de gravidade, cujo resultado fez com que um bípede fosse capaz de ficar em pé durante horas, despendendo apenas 7% mais de energia nessa posição do que deitado. (Cf. STANFORD, 2004).

A modificação da faringe se tornou maior nos bípedes e a medula espinhal engrossou para possibilitar um controle motorio ainda melhor sobre a respiração, sem ambas alterações na anatomia do trato respiratório e nasal, a fala não seria possível.

O bipedalismo deixou o humano exposto ao sol de maneira peculiar, já que o corpo passou a ser atingido apenas no topo da cabeça e ombros, o que, por outro lado, o “ficar alto” criou um novo problema quanto ao calor, a necessidade de levar sangue para a cabeça contrariando a força da gravidade. O cérebro, em particular, precisa ser mantido frio, o calor excessivo apresenta um grave risco, dessa forma o plexo vertebral (vasta rede de capilarização) aumentou a velocidade do fluxo do sangue e sua capacidade de circular no corpo, possibilitando um pronto resfriamento do cérebro em rápida expansão.

Segundo Foley (2003, p.61) “o bipedalismo talvez tenha possibilitado algumas outras características humanas, particularmente a destreza manual. Os humanos, juntamente com outros primatas, têm mãos sensíveis, dotadas de capacidades de preensão e com os cinco dedos”. A maioria dos primatas é capaz de altos níveis de destreza manipulativas, mas essa é encontrada na sua forma mais extrema nos humanos, que possuem polegares capazes de se opor a praticamente qualquer um dos outros dedos.

Todas as modificações na estrutura e funcionamento do corpo humano possibilitaram o surgimento da fala, como relatado anteriormente, mas também o crescimento e desenvolvimento do cérebro e suas funções, a manipulação de ferramentas e conseqüentemente a ampliação da tecnologia de ferramentas e utensílios para máquinas e equipamentos, da vida em sociedade, da criação do estado, da filosofia, da arte religião, da arquitetura, a fundação da cultura humana.

Não importa em qual teoria sobre as origens do bipedalismo humano acreditamos; o fato é que subsequentemente, ele se tornou um evento de extrema importância. Outrora, era possível supor, como fizeram respeitados antropólogos até a década de 1960, que o evento decisivo que primeiro nos

separou dos outros grandes primatas foi o aumento do cérebro. Erguer-se sobre as pernas traseiras teria sido secundário, um processo impelido pelos benefícios de contar com as mãos livres para fazer o tipo de trabalho especializado que o cérebro aumentado agora era capaz de controlar e explorar. Recentes achados fósseis indicam decisivamente que a sequência foi inversa. O bipedalismo veio primeiro. [...] O aumento do cérebro ainda poderia estar associado à liberação das mãos, mas a sequência foi inversa. Na verdade, teria sido a liberação das mãos pelo andar bípede que impeliu o crescimento do cérebro. O hardware manual veio primeiro e, em seguida, para beneficiar-se disso, evoluiu o hardware cerebral controlador. (DAWKINS, 2009, p.125).

Se os humanos não passam de desajustados inúteis no meio ambiente da Terra, apesar disso, entre as bilhões de outras espécies animais na história do planeta se tornou a espécie dominante. Como isso ocorreu? Certamente a maior parte dessa história ainda é desconhecida, mas o pouco que se pode vislumbrar faz crer que tudo começou quando um antropeide ficou em pé e andou. (VER FIGURA 3)

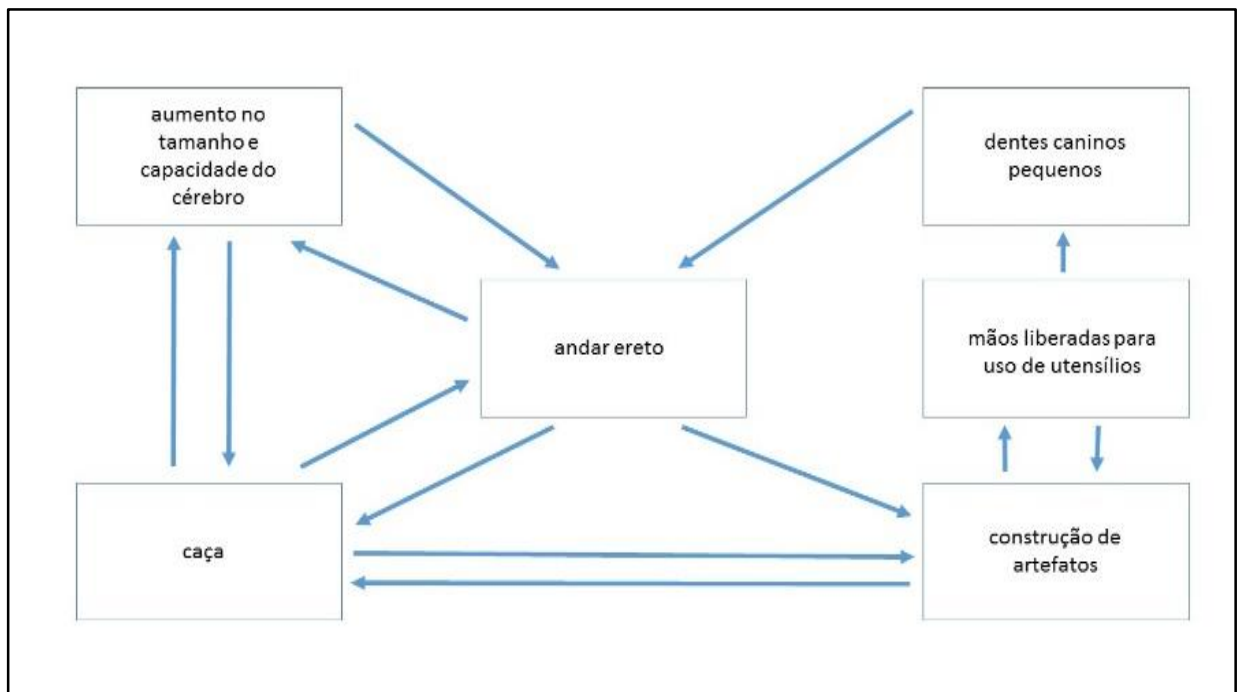


Figura 3 – Bipedalismo como elemento central da evolução humana (adaptado de LEAKEY E LEWIN, 1981)

1.2.3 O Grande Salto para a Frente e a Revolução Agrícola

Fósseis indicam que a linha evolutiva que nos levou a alcançar a posição vertical, por volta de 4 milhões de anos atrás, começou a aumentar o tamanho do corpo e do cérebro há cerca de 2,5 milhões de anos. Esses proto-humanos são conhecidos como *Australopithecus africanus*, *Homo habilis* e *Homo erectus*, e aparentemente evoluíram nessa sequência. Embora o *Homo erectus*, estágio alcançado por volta de 1,7 milhões de anos atrás, fosse parecido com o homem moderno em tamanho físico, seu cérebro era, no máximo, a metade do nosso. [...] Em termos de distinção ou de significado zoológico, o *Homo erectus* era mais que um macaco, mas muito menos do que um humano moderno. (DIAMOND, 2013, p.36).

Para melhor compreender em que contexto aconteceu O Grande Salto para a Frente e o surgimento do *Homo sapiens sapiens*, tal como são todos os humanos hoje em dia, parece fundamental compreender a trajetória de um de seus ancestrais com grande longevidade ao longo da história: o *Homo erectus*.

O aumento progressivo do cérebro do *Homo erectus*, uma constante no processo evolutivo humano, de fato é um dado importante, mas o fator decisivo foi sua reorganização interna que possibilitou novas e melhores redes de nervos e centros cerebrais. Segundo Leakey e Lewin (1981) não há dúvida de que a mente do *Homo erectus* era especial. Afinal, as forças evolucionárias estavam impelindo-a rapidamente em direção a essa estrutura admirável que está na cabeça de todos os humanos: o cérebro do *Homo sapiens sapiens*.

A funcionalidade deste cérebro é um dos símbolos da diferença existente entre os humanos e o restante do reino animal, estruturalmente, ele é várias vezes maior do que deveria ser:

O cérebro humano moderno pesa aproximadamente 1.400 gramas. De modo geral o peso do cérebro está estritamente relacionado com o peso corporal total de um animal, e se os humanos tivessem um cérebro do tamanho esperado para um animal do nosso porte, esse cérebro pesaria cerca de quinhentos gramas (FOLEY, 2003, p.52-3).

“Aplicando uma escala rudimentar de tempo, é possível prever que a passagem de *erectus* para *sapiens* foi dado há cerca de meio milhão de anos, e o refinamento para *sapiens sapiens* talvez há 50 mil anos” (LEAKEY E LEWIN, 1981, p.122).

A vida de um *Homo erectus* no período que compreende o intervalo entre 500 mil anos e 50 mil anos era baseada no modo de vida caçador-coletor, e como tal, sua jornada diária de deslocamento, o andar bípede, girava em torno de 12 a 13 quilômetros por dia (Cf. DIAMOND, 2013).

Este deslocamento relacionado com a caça e com a coleta aos poucos foi incorporando os acampamentos provisórios e suas constantes trocas. Registros apontam que os *Homo erectus*, neste período, mantinham um certo número destes locais com reocupações sazonais, modelo que se tornou muito mais comum à medida que se aproximava O Grande Salto para a Frente e o surgimento do *Homo sapiens sapiens*.

De alguma forma a vida era dirigida pelas forças da natureza e sua relação com os alimentos através do aparecimento sazonal de rebanhos migrantes, brotos de primavera, pelo amadurecimento dos frutos de verão e pelo tardio amadurecimento dos frutos secos no inverno (Cf. LEAKEY E LEWIN, 1981). Também há evidências de que os ancestrais humanos, realizavam espetaculares caçadas como indicam os restos de grande número de elefantes, cavalos, bois, veados há aproximadamente 300 mil anos. Os caçadores tinham como estratégia a formação de um agrupamento que fazia o cerco e encurralava esses animais num pântano, local em que eles poderiam ser mortos com facilidade (Cf. LEAKEY E LEWIN, 1981).

Sem dúvida é possível inferir que a importância do movimentar-se para o estilo de vida caçador-coletor nômade está relacionada essencialmente com a sobrevivência individual, mas principalmente a coletiva - já que uma característica fundamental dos hominídeos é ser um animal social.

Provavelmente, no cotidiano os *Homo-erectus* se ocupavam na maior parte do seu tempo em atividades de locomoção, como caminhadas de longas distâncias para encontrar alimentos ou presas, em corridas e saltos para fazer o cerco para caçar ou fugir para não ser caçado; combinadas com atividades de manipulação como arremessar, agarrar, carregar, entre as principais. Neste período portanto, pode-se presumir que as habilidades motorias eram desenvolvidas e utilizadas para manter a sobrevivência da espécie.

Esse estilo de vida permaneceu até o surgimento de um processo de aumento vertiginoso da velocidade do ritmo da evolução humana há aproximadamente 50 mil anos que eclodiram em mudanças significativas nos rumos da humanidade (Cf. LEAKEY E LEWIN, 1981).

[...] se não será a evolução biológica, quais mudanças veremos conforme recuamos por dezenas de milênios, em comparação com o recuo de centenas e milhares de milênios? Existe um processo semelhante à evolução, ordens de magnitude mais rápidas do que a evolução biológica [...] esse processo é chamado, variadamente, de evolução cultural, evolução exossomática ou evolução tecnológica. (DAWKINS, 2009, p.45-6).

Se é possível afirmar, para fins didáticos que a evolução humana relacionada com os últimos 4 milhões de anos, com a adoção do bipedalismo, transformações na estrutura e funcionamento do corpo humano, como uma evolução representada por marcas mais biológicas que culturais, para os últimos 50 mil anos a afirmação é inversa, pois foi neste período de tempo a maior evolução cultural que a humanidade jamais atravessou.

Se para este período, anatomicamente, não havia tantas diferenças entre os *Homo sapiens* habitantes do planeta e seus ancestrais, já do ponto de vista cultural a diferença é colossal, tanto que historiadores afirmam que neste período ocorreu o denominado: “Grande Salto para a Frente” (Cf. DAWKINS, 2009, DIAMOND, 2013).

Se não coincidiu com a linguagem, talvez o Grande Salto para a Frente tenha coincidido com a súbita descoberta do que poderíamos chamar de uma nova técnica de software: talvez um novo truque de gramática, como a oração condicional, que, de um só golpe, teria permitido a imaginação ganhar asas com o “e se...?”. Ou talvez, de início, antes do Salto, a linguagem pudesse ser usada apenas para falar sobre coisas que estivessem presentes na cena naquele momento. Talvez um gênio esquecido tenha percebido a possibilidade de usar as palavras referencialmente, como símbolo de coisas que não estivessem presentes. É a diferença entre “a lagoa que nós dois podemos ver” e “quem sabe existe uma lagoa do outro lado do morro”. Ou talvez a arte representacional, praticamente desconhecida no registro arqueológico anterior ao Salto, tenha sido a ponte para a linguagem referencial. (DAWKINS, 2009, p.57).

O Grande Salto para a Frente foi um florescimento da linguagem artística, o incremento dos rituais fúnebres e uma série de outros acontecimentos, representativos, repletos de elementos simbólicos, típicos da humanidade, mais especificamente do *homo sapiens sapiens*.

No campo da representação pictórica, ou artística, as obras mais conhecidas são as magníficas pinturas em cavernas, como as de Lascaux ou as estátuas e os instrumentos musicais.

Houve modificação na confecção de ferramentas e utensílios, produzidos a partir da pedra e de ossos, que tinham as funções que são possíveis de identificar nos dias atuais, como agulhas, fixadores, sendo que alguns outros utensílios eram elaborados a partir de múltiplas peças, como arpões, arco e flecha, que permitiam a caçada a animais perigosos. (Cf. DAWKINS, 2013; DIAMOND, 2013; LEAKEY E LEWIN, 1981).

Com o florescimento cultural, fruto do Grande Salto para a Frente, surgiram também valores em relação à vida e à espiritualidade. Invariavelmente as pinturas realizadas nas cavernas tinham como tema os animais, muito raramente, alguma referência às plantas.

Segundo Leakey e Lewin (1981, p.141):

as pinturas podem ter sido artificios para assegurar caçadas bem sucedidas, mas também podem ter sido uma expressão do conflito espiritual envolvido na destruição da vida. [...] embora vivas, no sentido biológico, as plantas talvez não tenham emanado um sentido de “vida” que despertasse uma resposta por parte dos primeiros humanos.

O Grande Salto para a Frente é uma menção à uma grande Revolução Cultural na vida do *Homo sapiens*, na realidade é o marco processual do surgimento do *Homo sapiens sapiens*. Exemplo desse processo de transformação ocorreu em uma escavação em duas cavernas no Monte Carmelo que produziram dois conjuntos de fósseis distintos. Um deles, com 50 mil anos de idade, era tipicamente moderno; o outro não mais do que 10 mil anos mais velho, parecia ter muitas características arcaicas. Foi com achados como este que finalmente, pode-se presumir o surgimento da variedade de *Homo sapiens*, à qual pertence todo homem, mulher, criança que vive hoje: isto é, o *Homo sapiens sapiens*. (Cf. LEAKEY E LEWIN).

Apesar do Grande Salto para a Frente e seu impacto sociocultural, os humanos continuaram com seu estilo de vida caçador-coletor, nômades, ocupando sazonalmente acampamentos, vivendo em bandos, pequenas sociedades que variavam quantitativamente de cinco a oitenta pessoas, quase todos parentes próximos, vivendo como uma grande família ampliada e interligada.

Os caçadores de animais selvagens do bando, ao conviver em uma área aberta e sem a ideia de propriedade privada, ser dono ou ter a posse, primitivamente talvez, guardavam seus territórios contra os caçadores rivais, ou quem sabe guardavam os próprios rebanhos que

seguiam, dessa prática, um progresso natural seria pastorear esses rebanhos, alimentá-los e por fim prendê-los e abrigá-los (Cf. DAWKINS, 2009).

Presume-se que os humanos viveram em bandos nômades até o aperfeiçoamento das técnicas de coletas e conseqüentemente da domesticação de plantas localizadas em algumas áreas ricas em recursos naturais.

Segundo Diamond (2013, p.134)

[...] a domesticação de plantas não é uma questão de caçadores-coletores que domesticaram uma única planta e depois prosseguem com seu estilo de vida nômade. Suponhamos que as maçãs silvestres do Norte realmente se transformariam em uma grande cultura se os índios caçadores-coletores tivessem se estabelecido em um determinado lugar e se dedicado a cultivá-las. Mas os caçadores-coletores não abandonariam seu tradicional estilo de vida, fixando-se em aldeias, e iniciando o cultivo de pomares de maçã, a menos que muitos outros animais e plantas selvagens domesticáveis estivessem disponíveis de modo a fazer com que a existência sedentária de produção de alimentos fosse capaz de competir com seu estilo de vida tradicional.

Neste sentido é possível inferir que, enquanto a caça gradativamente levou ao pastoreio, a coleta conduziu gradativamente à domesticação e posteriormente ao cultivo das plantas. Presumivelmente, esse não foi um fato premeditado, mas foi um processo no caminho evolutivo humano, porém é certo que durante dado processo, houve momentos de descoberta criativa, como quando as pessoas pela primeira vez notaram que, se pusessem sementes no solo, elas geravam plantas semelhantes àquelas das quais provinham (Cf. DAWKINS, 2009).

Dado processo foi o gerador daquilo que ficou conhecido como a Revolução Agrícola, que ocorreu entre 13 mil e 10 mil anos atrás, e que foi uma das três maiores revoluções da evolução humana, junto ao Bipedalismo e o Grande Salto para a Frente.

A mudança provocada pela Revolução Agrícola alterou o estilo de vida caçador-coletor nômade, essencialmente móvel, para uma economia agrícola essencialmente sedentária, abalando um modo de vida que havia aparecido pela primeira vez há pelo menos 3 milhões de anos antes, a invenção da agricultura, foi definitivamente um evento que significou uma ruptura com o passado, por um lado, e o surgimento de um novo modelo de vida por outro.

A Revolução Agrícola teve consequências para o ser-humano desde os seus primórdios, afetou consideravelmente seu modo de vida de nômade para sedentário, tanto que seus desdobramentos continuam após mais de 10 mil anos no estilo de vida dos humanos contemporâneos atuais.

Assim como não é possível detalhar um ponto de partida para o surgimento do *Homo sapiens sapiens*, tampouco é possível afirmar o local onde foram estabelecidas as primeiras culturas agrícolas. O evento deve ter ocorrido, independentemente, em muitos lugares e de muitos modos diferentes (Cf. DIAMOND, 2013). Porém, a localidade mais favorável para o cultivo tenha sido o Crescente Fértil, uma região ao redor da extremidade sudeste do Mediterrâneo. Essa área (Crescente Fértil) parece ter sido o primeiro local em que além das terras agricultáveis, também experimentou os desdobramentos consequentes das mudanças sociais, culturais, tecnológicas fruto da Revolução Agrícola, toda uma cadeia de acontecimentos, incluindo o surgimento do excedente de alimentos produzidos e armazenados.

Talvez o ponto central para desencadear a série de transformações que levariam a uma revolução na vida humana é o excedente que o novo processo de obtenção do alimento possibilitou com a agricultura. Em um hectare de terra foi possível produzir de 10 a 100 vezes mais do que o método anterior de caçar e coletar diretamente na natureza.

Como consequência imediata do acúmulo de excedentes e a possibilidade de estocagem/armazenamento, os produtores agrícolas, fornecedores de alimentos da população, podiam, pela primeira vez na história, sustentar pessoas que não precisavam mais dedicar-se a produção de alimentos, ao contrário, estas pessoas podiam se dedicar exclusivamente a outras tarefas específicas.

As pessoas que se dedicavam exclusivamente a uma tarefa específica ficaram conhecidas como especialistas. A princípio, dentro desta nova classe estariam os chefes ou reis, governantes das decisões políticas das tribos centralizadas ou Estados; os militares, com o intuito de proteger os territórios, ou conquistar novas terras para ampliar o potencial agrícola; os sacerdotes que forneciam justificativas para as guerras de conquistas; os artesãos, principalmente aqueles especialistas em metais que fabricavam armamentos de guerra como as espadas; e os escribas capazes de preservar muito mais informações do que as que podiam ser recontadas de maneira precisa (Cf. DIAMOND, 2013).

Se durante o modo de vida nômade havia uma série de habilidades e capacidades motórias específicas para sobreviver ao ambiente hostil, caçar e coletar alimentos, por exemplo, no modo de vida sedentária cada especialidade teria seu próprio repertório, também específico, de habilidades de locomoção e manipulação e as capacidades motórias correspondentes, o que

alteraria substancialmente o modo de vida cotidiano dos seres-humanos, também no que se refere a sua maneira de movimentar-se.

1.2.4 A Evolução Tecnológica e a Biocibernética

Com o surgimento dos especialistas houve uma grande alteração das técnicas aplicadas aos modos de obtenção de alimentos, porém foi apenas o ponta pé inicial para a grande Revolução Tecnológica com grandes transformações durante o período Renascentista e aceleração na Revolução Industrial.

A técnica, como algo inerente à espécie humana, apresenta uma evolução interligada com sua própria trajetória histórica. Para Foley (2003) a fabricação de ferramentas foi um fator decisivo para a evolução humana, dada a dependência que o ser humano desenvolveu ao longo do tempo pela tecnologia. Não apenas nos centros urbanos e industrializados, mas em todas sociedades casas, alimentos, armas, jogos, tudo isso, em certa medida, implica em tecnologia, mesmo que seja de construção relativamente simples.

O que a tecnologia faz é permitir que os humanos modifiquem e criem o mundo no qual vivem. Se os humanos querem um mundo livre de predadores, eles constroem uma casa na qual os predadores não conseguem entrar. Se eles querem um meio ambiente quente, uma fogueira pode ser acesa. A tecnologia é a maneira pela qual o mundo humano é criado.

No contexto histórico a primeira tecnologia, conhecida como oldovana existiu por mais de um milhão de anos, e sua sucessora também se manteve estável por cerca de outro milhão de anos mais (FOLEY, 2003). Ambas representam a primeira fase da evolução tecnológica, composta por ferramentas e utensílios baseados na percepção da estrutura anatômica do corpo humano, a lança aparece como o prolongamento do braço, o martelo como ferramenta que aumenta a potência do braço, o arado funcionando como a mão escavando o solo, as catapultas como imitação das articulações do braço, os recipientes provavelmente derivados das mãos juntas em forma de concha. De uma forma ou de outra as ferramentas ou utensílios são objetos que foram incorporados ao movimento do corpo humano e tem como uma característica marcante a utilização da energia do próprio indivíduo que a manipula.

Durante milhões de anos os humanos evoluíram e evoluíram também a tecnologia de suas ferramentas e utensílios, porém após a Revolução Agrícola, com o surgimento da vida

sedentária, os Estados e seus especialistas, houve um grande aceleração de novas tecnologias, o que gerou a segunda fase da evolução tecnológica: o surgimento das máquinas.

Após o período conhecido como Renascimento, o antropocentrismo paulatinamente suplantou o teocentrismo em resposta sobre o ambiente físico e social. Os estudos sobre o ser-humano embalsamaram o conhecimento da época em questão, vários foram os estudiosos que dissecavam cadáveres para realizar estudos anatômicos. Estrutura e funcionamento do corpo humano foram analisados e utilizados para diversas finalidades, medicina e arte, entre os principais.

As máquinas vieram na sequência fruto destes estudos anatomo-fisiológicos, o coração e sua função como potente bomba de distribuição, a combustão do oxigênio na obtenção de energia, foram copiados em máquinas capazes de realizar trabalho de maneira mecânica ela atua por si mesma e por si mesma produz um objeto, diferente das ferramentas ou utensílios que necessitam da ação animal. Essa diferença entre as ferramentas e utensílios como suplementares aos movimentos humano e as máquinas que realizam o trabalho, foi uma revolução, pois pela primeira vez na história o ser-humano simplesmente ajuda no trabalho de um equipamento. Neste sentido as máquinas alteraram de forma radical o estilo de vida sedentário dos seres humanos. Em pouco mais de dois séculos foram desenvolvidas todo tipo de máquinas com diversas funções, elas estão presentes no cotidiano do ser-humano desempenhando as mais diversas tarefas domésticas, industriais e agrícolas.

Especificamente no caso do movimentar-se houve uma radical mudança no estilo de vida humano. Apenas como exemplo, com relação a locomoção o ser humano viu surgir o motor à explosão que foi logo levado ao automóvel, máquina responsável por aumentar de maneira vertiginosa as velocidades e distâncias alcançadas, diminuindo o tempo de locomoção. Se por um lado as máquinas facilitaram a vida humana, por outro diminuíram consideravelmente o esforço necessário para a realização das tarefas e/ou atividades motorias cotidianas, inaugurando um período conhecido como o sedentarismo hipocinético.

Porém, os estudos sobre o funcionamento do corpo humano seguiram e logo na sequência surgiram outras modificações tecnológicas consideráveis. A terceira fase da evolução tecnológica veio na esteira dos estudos neurológicos, principalmente aos relacionados à inteligência, memória, entre os principais.

Se antes as máquinas do período pós-Revolução Industrial faziam as tarefas de forma mecânica, os estudos sobre o cognitivismo possibilitaram a automação dos processos mecânicos. Em estado mais avançado, o autômato imita a iniciativa humana, porque não repete "mecanicamente" as funções preestabelecidas, uma vez que é capaz da autorregulação. A partir

de certos programas, é possível grande flexibilidade nas "tomadas de decisões", o que aproxima as "máquinas pensantes" do trabalho intelectual humano, já que são capazes de provocar, regular e controlar os próprios movimentos.

Um radar, por exemplo, pode corrigir a rota de um avião de acordo com as alterações do percurso, enquanto que uma célula fotoelétrica instalada na porta do elevador impede que ela se feche sobre o usuário: em ambos os casos os comandos são alterados automaticamente conforme "informações" externas.

Porém a tecnologia da automação também foi levada para o corpo humano, se o bipedalismo foi a chave para a questão da evolução humana e representa atualmente o padrão da locomoção humana, recuperar ou potencializar a locomoção bípede para paraplégicos tem sido uma das questões fundamentais relacionadas à fusão, ou hibridismo, entre o corpo humano e as máquinas. Conceito relacionado ao pós-humanismo - um corpo como parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos não-humanos, tanto chips de silício quanto tecidos orgânicos (Cf. SANTAELLA, 2007).

Em 2007 uma das questões fundamentais de um grupo de neurocientistas era como fazer uma macaca *rhesus* aprender a usar uma interface-cérebro-máquina (ICM) criada para reproduzir padrões de locomoção bípede (Cf. NICOLELIS, 2011). Após atingir o resultado o grupo ampliou tanto em número de especialistas, cientistas advindos de várias áreas, quanto em complexidade de pesquisa, para o desenvolvimento do projeto *Walk Again*, cujo objetivo é a construção de uma ICM, mais especificamente um exoesqueleto para ser utilizado por humanos. O exoesqueleto é um traje robótico que envolve as pernas de um indivíduo paraplégico, cujos passos bípedes serão controlados por sinais motores provenientes de seu cérebro e transmitidos sem fio a uma unidade de computador do tamanho de um laptop em uma mochila carregada pelo próprio indivíduo. Após o envio dos sinais motores, em aproximadamente 300 milissegundos, o sinal chegará ao computador central que moverá o exoesqueleto reproduzindo um passo humano bípede (Cf. NICOLELIS, 2012).

Se a posição bípede tornou-se padrão de locomoção humana é fato que toda a transformação/interação/produção cultural (tecnológica humana) realizada pelos humanos no ambiente são realizadas para a posição bípede, assim dar/recuperar a locomoção bípede para aqueles que não podem andar seria um resultado positivo.

Porém, se qualquer projeção sobre os resultados das pesquisas referentes às ICMs, ou outras intervenções no corpo humano podem ser prematuras, e parecer mais uma obra de ficção científica do que realidade cotidiana, o fato é que no cerne da questão está o futuro do corpo humano, a interação com o ambiente, e conseqüentemente a maneira de movimentar-se no

futuro próximo, e as perspectivas para o médio e longo prazo. Retornando ao filme “2001: Uma odisséia no espaço” já na sua versão futurista, Michel Ciment (2013, p.91) ao retratar a obra fez a seguinte consideração sobre o futuro da relação humano-máquina:

O objetivo da cibernética é substituir o homem pela máquina em todas as tarefas servis, em tudo o que é mecânico e intermediário [...] o homem seria então totalmente mecanizável e não haveria mais homem. Estas especulações não estão longe das de Arthur Clarke, roteirista do filme, que imagina um mundo povoado por robôs, onde as máquinas dominarão, simplesmente porque seu potencial é bem maior do que o do homem.

Gaya (2005) ao analisar essa questão afirmou que em nenhuma época como na atual, filósofos, cientistas e artistas anunciam com tanta convicção e, em tão breve tempo, a obsolescência do corpo humano. Para o autor este período crítico da humanidade, conhecido como pós-humanismo, corrente de pensamento que não apenas relega o corpo humano a um segundo plano, mas anuncia sua necessária substituição por máquinas inteligentes traz importantes questionamentos filosóficos que fazem interface com este trabalho, como por exemplo: será que o corpo humano é, ou ficará realmente obsoleto? Continuaremos humanos sem corpos humanos? Qual o futuro da relação humano-máquina?

Não é possível saber o futuro, mas certamente as escolhas atuais determinarão o caminho para as respostas a esses questionamentos, e a escola, como *lócus* do saber científico e filosófico, ambiente de aprendizagem e desenvolvimento motor não pode se eximir de apresentar, vivenciar e discutir temas relacionados ao futuro do movimentar-se do ser-humano levando em consideração o referencial histórico relacionado ao assunto e as possibilidades e projeções futuras.

É neste sentido que alguns questionamentos são necessários para saber se a escola tem lidado com este tema de forma intencional em seu currículo (organização de tempos, espaços, saberes...); e em caso afirmativo, como lida; e de que forma está preparando os alunos, através de experiências, conhecimento, conceitual, procedimental e atitudinal sobre o movimentar-se do ser-humano.

1.3 A importância do Movimentar-se na Educação Escolar

Imediatamente depois do Maternal, a criança de seis anos é “parafusada” numa cadeira dura para estudar palavrário durante horas.

Será por acaso que a criança em desenvolvimento, essa força da natureza, essa exploradora aventureira, é mantida imóvel, petrificada, confinada, reduzida à contemplação das paredes enquanto o sol brilha lá fora [...] 6 horas por dia, exceto alguns minutos de recreio, durante 7 anos ou mais?

Haveria maneira melhor de aprender a submissão? Isso penetra nos músculos, sentidos, tripas, nervos e neurônios [...] a imobilidade insuportável imposta às crianças [...] não é um acaso. É um plano [...] para domesticar fisicamente essa fantástica máquina de desejos e prazeres que é a criança. (HARPER, B. et al., p.47, 1980).

1.3.1 A Educação Escolar

Como relatado anteriormente, após a Revolução Agrícola, por volta de 5.700 anos atrás, as tribos centralizadas começaram a se transformar em Estados, segundo Diamond (2013, p.281) “durante os últimos 13 mil anos, a tendência predominante na sociedade humana foi a substituição de unidades menores e menos complexas por outras maiores e mais complexas”, ou seja, a prevalência dos Estados em relação às tribos. Desde a Revolução Agrícola houve um aumento na complexidade das sociedades, com um aumento considerável no surgimento das instituições sociais, tais como as igrejas, as escolas, os hospitais, entre tantas outras.

Especificamente no caso da escola, seu surgimento ocorreu em dado momento da história e ela foi se transformando progressivamente até configurar-se na instituição hegemônica no que se refere aos cuidados e à educação das crianças e jovens. Atualmente ela é responsável pelos saberes que os jovens precisam em suas vidas cotidianas.

Neste sentido, da série de consequências do modo de vida sedentário hipocinético, fruto da Revolução Agrícola, as que mais interessam a esta pesquisa é investigar como tal revolução alterou a vida cotidiana dos seres humanos ao longo da história, em relação ao movimentar-se, e como os jovens identificam, percebem, conhecem e classificam suas

experiências motórias no ambiente escolar, o que desta aprendizagem levam para suas vidas cotidianas, e quais perspectivas possuem sobre o futuro.

Mas qual o papel da instituição escola na vida contemporânea? Quais as grandes marcas desta instituição? Seria a escola na vida cotidiana contemporânea um mundo de imobilidade?

A escola enquanto instituição tem o compromisso de proporcionar o saber elaborado, sistematizado e os rudimentos desses saberes (Cf. SAVIANI, 1997), para, entre outras funções, atingir o pleno desenvolvimento da inteligência, que segundo Machado (1995, p.68), é “a competência para administrar conhecimentos disponíveis, construir novos conhecimentos, administrar dados ou informações disponíveis, visando a realização de um projeto”.

É de consenso afirmar que a função da escola é fundamentalmente vinculada ao processo ensino-aprendizagem relacionado a conteúdos e experiências que propiciam saberes/conhecimentos. Mas que conhecimentos? Conhecimentos acumulados, sistematizados, selecionados conforme a própria concepção do que é conhecimento (Cf. MACHADO, 1995).

Já as experiências escolares segundo Tyler (1949) deveriam estar relacionadas à capacidade de pensar, a aquisição de informação, atitudes sociais e interesses pessoais. Analisando a produção não material e a produção do conhecimento, Saviani (1997) considerou diferentes tipos de conhecimento: sensível, intuitivo, afetivo, intelectual, lógico, racional, artístico, estético, axiológico, religioso e, mesmo - prático e teórico. Ao tratar do relacionamento entre conhecimento, educação, formação e informação, Cortella (1998) assinalou a presença das modalidades científica, estética, religiosa e afetiva de conhecimento, entre outras, nas ações profissionais cotidianas pertinentes ao processo educacional.

Apesar de todo o discurso sobre a função social da escola ligadas ao conhecimento em todas as suas dimensões, a Educação Escolar no desenvolvimento de suas funções parece estar longe de lidar com aquilo que os autores referendados se referiram acima.

O modelo atual de organização do currículo da Educação Escolar dificulta ou impossibilita ao aluno dar sentido ao que lhes é ensinado na escola, os conhecimentos escolares, pois se observa que a escola atualmente é:

(1) simplificadora (reducionista): por fracionar e conceber o conhecimento de forma disciplinar e pela sua impossibilidade de tratar temas complexos de maneira sistêmica (Cf. MORIN, 2011b);

(2) disciplinadora: por organizar/controlar o processo de aprendizagem em tempos e espaços estanques (Cf. FOUCAULT, 2012);

(3) dualista (psicofísico): por conceber o sujeito dividido em corpo e mente (Cf. BUNGE, 1980).

1.3.2 A Organização Curricular e o Paradigma Simplificador

De acordo com Morin (2011b, p.59) "o paradigma simplificador é um paradigma que põe ordem ao universo, expulsa dele a desordem", porém a ordem fica reduzida a uma lei ou a um princípio. Apesar da simplicidade ver o *uno* não é possível se através deste paradigma tentar compreendê-lo simultaneamente como múltiplo, além de que separa o que estava ligado, e/ou junta o que é diverso, opera segundo o princípio da disjunção e da redução.

Tomando como exemplo o próprio humano, tem-se que o ser-humano é um ser evidentemente biológico, mas ao mesmo tempo um ser evidentemente cultural, que vive num universo da linguagem, das ideias e da consciência. O paradigma da simplificação disjunta estas duas realidades, a realidade biológica e a realidade cultural, condensando o mais complexo ao menos complexo. Esse fato é comprovado quando se estuda o ser humano biológico no departamento de biologia, como um ser anatômico, fisiológico etc. isoladamente do humano cultural, também estudado isoladamente nos departamentos de ciências humanas e sociais, sem fazer o retorno da junção, permanecendo em ambos casos estudos isolados (Cf. MORIN, 2011b).

Neste sentido, de acordo com Morin (2011b, p.11):

Vivemos sob o império da *disjunção*, de *redução* e da *abstração*, cujo conjunto constitui o que chamo de o "paradigma da simplificação". Descartes formulou este paradigma essencial do Ocidente, ao separar o sujeito pensante (*ego cogitans*), e a coisa entendida (*res extensa*), isto é, a filosofia e ciência, e ao colocar como princípio de verdade as ideias "claras e distintas", ou seja, o próprio pensamento disjuntivo [...] (que) isolou radicalmente uns dos outros três grandes campos de conhecimento científico: a física, a biologia e a ciência do homem.

O paradigma da simplificação na escola foi implementado através de diferentes mecanismos como a fragmentação curricular, a disciplinarização, docilização dos corpos e pelo dualismo psicofísico.

De acordo com Foucault (2012) a escola é uma das instituições responsáveis pela docilização dos corpos³, processo que atua na redução materialista da alma tendo a teoria geral do adestramento no centro, lugar em que reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

Ainda de acordo com o autor

Essa docilidade para tornar o corpo útil tem como objetivo controlar o corpo, exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo no mesmo nível da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez [...] o objetivo do controle [...] uma economia, a eficácia do movimento, sua organização interna [...] processo [...] que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ (Foucault, 2012, p.132-3).

Conforme o momento histórico a concepção de movimento toma distintos significados. Atualmente é comum entender o movimentar-se do ser humano como uma unidade adjunta ao corpo, fruto de um processo histórico derivado do pensamento clássico, que fragmenta o organismo em corpo (que representa a matéria, a parte descartável da humanidade) e mente (que representa o intelecto, o espírito, a alma, a parte nobre da humanidade). Deste dualismo psicofísico deriva a ideia de que o a mente guia/dirige o corpo de maneira hierárquica, reduzido o corpo humano a matéria, do mesmo nível da mecânica. Nesta lógica o movimento do corpo humano seria apenas um instrumento sem grande importância para a vida humana - apenas entendido como um mero fazer automático, comandado pela mente, a unidade nobre da humanidade.

³ O entendimento do termo corpo deste texto não é descontextualizado da subjetividade, portanto o corpo implica em compreender o sujeito uno, monista, complexo e toda sua dimensão biológica e cultural (memória, história de vida), que se movimenta para relacionar-se com o ambiente em sua vida cotidiana.

Ainda hoje o dualismo psicofísico, segue presente no cotidiano, e é com certa frequência que distintas expressões como: “tenha em mente que” “isso não sai da minha mente...”, “está gravado na minha mente...”, “corpo são em mente sã”, são ditas diariamente (Cf. BUNGE, 1980).

Por outro lado, essa ideia de mecanização do movimento humano é confundida com um importante mecanismo de automação do próprio processo de aprendizagem motória, nas palavras de Manoel (2005, p.02):

Para abrir uma simples porta não pensamos nas centenas de grupos musculares que necessitam entrar em ação para realizar essa tarefa. Não pensamos na distância entre nossa mão e a maçaneta da porta ou no momento em que os dedos da mão deverão abrir-se e fechar-se para apreendê-la. Tudo parece automático e num certo sentido o é. Toda vez que algo novo surge, o que parecia automático torna-se flexível, e livre para que se busque uma nova solução motora. Adaptabilidade é a chave para nossos movimentos.

Os processos de adaptabilidade e automação - importantes componentes da aprendizagem motória - tornam-se flexíveis, e ao mesmo tempo, liberam o mecanismo decisório do cérebro para atuar com distintas tarefas cognitivas, têm sido naturalizados, entendidos como algo sem importância, algo que também acontece com qualquer outro animal, algo que é parte da natureza humana. A pouca importância dada ao movimento altera-se, apenas quando o sujeito se encontra em uma posição de aprendiz e se vê frente-a-frente com uma situação em que seu repertório motor não lhe permite dar uma resposta satisfatória; ou quando perde a capacidade de realizar movimentos simples do cotidiano, como andar, manipular algum objeto, ou a restrição de algum sentido, como a visão que limita ou impossibilita ações relacionadas a tarefas do cotidiano, como levantar da cama, escovar os dentes, fazer as refeições, realizar pequenas locomoções, dirigir, trabalhar, entre tantas outras.

Para o humano o movimento não permanece apenas na relação com o meio em uma esfera natural de sobrevivência. Ao inverso do que se imagina no senso comum, o movimentar-se do ser humano não ocorre de forma mecânica e/ou natural, apesar do seu processo de adaptação e automação, ele difere sensivelmente do movimentar-se dos outros animais. A capacidade simbólica humana, também opera sobre o movimentar-se do ser-humano, criando, portanto, uma intrincada rede de símbolos e significados relacionados ao movimento humano e que são aprendidos ao longo da vida, incluindo o período das experiências escolares.

Porém o paradigma simplificador ao naturalizar o movimento humano ignora toda a rede simbólica relacionado as possibilidades e potencialidades do ser-humano reduzindo o movimentar-se a um ato mecânico, como elemento de caráter utilitarista.

1.3.3 A Organização Curricular Disciplinadora e Dualista

O currículo é o centro da escola, é nele que o trabalho pedagógico acontece, é por meio dele que se busca atingir as metas e objetivos escolares. Atualmente o currículo escolar tem uma organização fragmentada dos seus processos: o conhecimento é dividido em disciplinas, o tempo de ensino é a aula, o espaço fundamental das aulas é a sala de aula, a concepção de sujeito é dualista (corpo e mente), analisa-se, experimenta-se o conhecimento por partes, mas não há tempos e espaços para a síntese, para religar as partes que compõem o todo.

Ao lidar com o conhecimento em frações, o aluno perde a visão do todo e conseqüentemente o sentido do processo escolar. O sentido daquilo que se faz/que se aprende é fundamental, a perda da visão/entendimento do todo é uma prática de alienação que não condiz com os propósitos fundamentais da escola.

Se a lógica da organização do currículo em disciplina é fragmentária, também o é a organização dos tempos e espaços escolares. A unidade fundamental de tempo escolar é “a aula”, geralmente de 50 minutos, e o conjunto de aulas, cinco ou seis diariamente, conformam o período escolar diário. Durante o período escolar diário cada professor, especialista de sua disciplina, prepara sua aula, sem considerar o conteúdo específico das outras disciplinas, das características dos alunos. São momentos isolados da vida orgânica da instituição e do indivíduo.

Os espaços também são fragmentados na medida em que cada disciplina tem seu *locus* de aprendizagem específico. Espaços estanques denotam que o conhecimento se inicia e se encerra em espaços específicos, faz acreditar que o conhecimento científico está no laboratório, os saberes sobre a leitura estão na biblioteca, e que o movimento se faz em jogos na quadra ou no tempo de recreio e/ou intervalo. Esta concepção fragmentada de espaço dificulta a relação/transposição do conhecimento para os espaços de convivência dos alunos, como a casa, a cidade, o rio, o estádio de futebol, os locais da vida cotidiana dos alunos.

Neste contexto de espaços estanques é difícil entender que a química está na cozinha de casa, no preparo das refeições diárias, que o organismo se movimenta para subir escada, e que

ambos se relacionam com a hipocinesia, o gasto energético, o sedentarismo e a obesidade, temas atuais que passam despercebidos na escola porque aparecem de maneira fragmentada em diferentes disciplinas, em diferentes momentos e contexto, mas que afetam diretamente a vida cotidiana das pessoas/alunos de maneira concreta e única.

Outro aspecto que denota a fragmentação curricular é a concepção de sujeito implícita no currículo. Na atual organização da grade curricular, há evidências de que o conjunto de disciplinas herdado da ciência moderna trata do conhecimento intelectual (mente) e que a Educação Física trata das questões do corpo (material), conformação que denota o dualismo psicofísico nos processos escolares e que simplifica o movimento a processos naturais como visto anteriormente.

Ao pesquisar a característica do conhecimento da Educação Física para alunos da Educação Infantil, Mariz de Oliveira, Marchioreto e Oyama (1999a) ouviram afirmações do gênero: “eu estudava português... eu estudava matemática. Nas aulas de educação física o que você estudava? Estudar a gente não estudava, a gente só fazia brincadeira.... Nas outras aulas a gente estuda; nas aulas de Educação Física a gente aprende a se divertir”, em uma alusão as outras áreas onde se estuda conceitos, procedimento e atitudes (intelectual) e a Educação Física fica com o papel de entretenimento ligado às “coisas” do corpo, mecânico, automático, que precisa ser domesticado, disciplinado, eficiente, corroborando com a ideia de que a escola trabalha com a concepção do dualismo psicofísico.

Ainda sobre o tema, a própria denominação “Educação Física” também remete ao dualismo psicofísico. Nenhum outro componente se utiliza do termo educação na sua composição. Segundo Mariz de Oliveira (1991) esse fato já elimina um problema sério: se se fosse relacionar a área de Educação Física com a área de Física, e se utilizasse o mesmo pensamento seria difícil entender a que Educação Física estaria se referindo. Outro problema que diz respeito ao nome, já que o físico, relacionado à matéria, não se educa, é o indivíduo (indivisível/único) quem passa pelo sistema educacional escolar e aprende.

Todas estas evidências, da fragmentação corpo e mente, adquirem no contexto escolar um aspecto de dualismo animista em que a relação entre ambas está em uma relação hierárquica em que a mente controla o corpo, o que dificulta sobremaneira o fundamental para o entendimento de um monismo psicofísico (Cf. BUNGE, 1980; DAMASIO 1995, 2011), e sua organicidade sistêmica (Cf. BATESON, 1986; BERTALANFLY, 1975).

Outro problema do currículo escolar fragmentado é a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de lidar com as questões complexas que entraram na agenda de temas escolares, dentre os quais a saúde, a nutrição e o meio ambiente. Tentativas de lidar com os

temas complexos para dar-lhes sentido foram emprestados da ciência, assim como também foi emprestado o modelo disciplinar que para a escola contemporânea é um modelo superado (Cf. JACOMELI, 2006).

Atualmente o aluno individualmente tem que articular os conteúdos de todas as disciplinas. Os temas transversais mesmo trabalhados de maneira interdisciplinar, não garantem a abrangência necessária, Palharini (2007, p.37-8) ao estudar a relação entre o modelo disciplinar e a educação ambiental afirmou que: “se a discussão sobre meio ambiente no espaço escolar é baseada no conhecimento científico de forma a não escapar do estado disciplinar, podemos pensar, então, que fica comprometida toda proposta de compreensão desse tema”.

Com esse quadro apresentado fica claro que os conteúdos escolares estão distantes do cotidiano dos alunos, e com a falta de significado deixam de ter interesse e conseqüentemente de serem aprendidos.

1.3.4 O Conhecer, Aprender, Ensinar e o Movimentar-se na Escola

Durante uma aula de Educação Física o aluno A corre e desvia de uma bola, o B diz que ao desviar assim seu colega jamais sofreria um acidente, enquanto que C pergunta ao professor como alguém pode desviar assim como fez A sem perder o equilíbrio e cair no chão.

Na mesma cena o movimento realizado por A possibilitou diferentes formas de aprendizagem relacionados ao movimentar-se.

A ao realizar a ação está envolvido em aprender como fazer o movimento;

B ao comentar a ação fez um julgamento de valor sobre o movimento realizado;

C ao questionar queria conhecer como dado movimento é possível.

Portanto são três diferentes formas de conhecimentos relacionadas ao movimento,

Neste caso, A está envolvido com a aprendizagem do movimento ou conhecimento relacionado a procedimentos, a como fazer o movimento para conseguir seu objetivo, desviar da bola, ou seja um conhecimento/aprendizagem relacionada ao saber fazer;

B está envolvido na aprendizagem para o movimento, um conhecimento relacionado com a atitude, ao incorporar valores para serem aplicados em sua vida cotidiana quando realizar ou qualificar uma ação, um conhecimento/aprendizagem relacionada ao ser.

C está envolvido na aprendizagem sobre o movimento, um conhecimento relacionado as explicações de como realizar o movimento e suas implicações conceituais, ou seja, um conhecimento/aprendizagem relacionada ao saber.

Neste sentido em concordância com Coll (1996, p.165) aprender fatos, conceitos e princípios significa:

Ser capaz de identificar, reconhecer, classificar, descrever e comparar objetos, acontecimentos ou ideias. Aprender um princípio é ser capaz de identificar, reconhecer, classificar, descrever e comparar as relações entre os conceitos ou fatos aos quais o princípio se refere.

Aprender um procedimento significa “ser capaz de utilizá-lo em diversas situações e de diferentes maneiras para resolver os problemas colocados e atingir as metas fixadas” (COLL, 1996, p.165-6).

E aprender um valor significa:

ser capaz de regular o próprio comportamento de acordo com o princípio normativo estipulado por esse valor. Aprender uma norma significa ser capaz de comportar-se de acordo com a mesma. Aprender uma atitude significa mostrar uma tendência consistente e perseverante a comportar-se de determinada maneira perante situações, objetos, acontecimentos ou pessoas. (COLL, 1996, p.166)

Considerando, pois, que o aluno, na escola deve aprender conhecimentos para saber como, quando e porque se utilizar de movimentos, a aprendizagem relacionada ao movimentar-se na escola pode ser caracterizada da seguinte maneira:

(1) Aprendizagem do movimento:

que deve acontecer, principalmente, na pré-escola e nas primeiras séries do Ensino Fundamental, através de experiências motoras bem estruturadas associadas a informações ou a situações da vida da criança. (FREIRE, E. S.; SORIANO, J.B.; DE SANTO, D.L., 1998, p.231).

(2) Aprendizagem sobre o movimento:

desenvolvida principalmente nas séries intermediárias do ensino fundamental, uma vez que a criança encontra-se em estágios mais maduros do desenvolvimento cognitivo [...] caracterizada pelo fornecimento de conhecimentos teóricos e práticos sobre implicações na escolha de uma atividade e não de outras, consequências do trabalho muscular para os sistemas respiratório e vascular [...] saber sobre movimento implica a aprendizagem de conceitos, fatos e princípios, ou seja, nesse período há o predomínio de conhecimentos conceituais. (FREIRE, E. S.; SORIANO, J.B.; DE SANTO, D.L., 1998, p.231).

(3) Aprendizagem para o movimento:

deve ser desenvolvida de forma mais enfática nas [...] três séries do ensino médio. Nessa fase, deve ser assegurado que a criança e o adolescente tenham condições de demonstrar/exteriorizar não só o potencial motor, mas também, os conhecimentos que assimilou. Nesse período, os principais conhecimentos a serem ensinados aos alunos são os valores e as atitudes necessárias para a realização de atividades motoras. (FREIRE, E. S.; SORIANO, J.B.; DE SANTO, D.L., 1998, p.231).

(4) A aprendizagem através do movimento, não necessariamente está relacionada ao conhecimento relacionado ao movimento em si, neste caso o movimento passa a ser o meio pela qual qualquer conteúdo escolar pode ser aprendido. O conteúdo em questão pode ser de alguma disciplina em particular, por exemplo, um professor de matemática ao ensinar a manipular dados estatísticos relacionados a um jogo de basquete ministrado em sua aula, ou algum outro conteúdo relacionado à escola de maneira geral (Cf. FREIRE, E. S.; SORIANO, J.B.; DE SANTO, D.L., 1998).

Caso a escola em seus processos (tempo, espaço, saberes) não organizar a aprendizagem relacionada ao movimentar-se nas quatro dimensões citadas acima poderá incorrer em um equívoco bastante comum, permanecer apenas na primeira dimensão da aprendizagem motória, a aprendizagem do movimento, o fazer descontextualizado do compreender o que se faz, para que se faz, quando se faz, porque se se faz.

Mariz de Oliveira (1991, p.09) ao retratar esta situação no ambiente escolar descreveu:

Se formos entender que na aula de Educação Física alguém vai aprender movimento eu diria que vamos cair naquela crítica de que aprender movimento relaciona-se também com adestramento de pessoas. Da mesma forma que o ser humano aprende movimento, o urso aprende, o elefante aprende, a foca aprende.

Neste sentido o aluno não vai aprender a andar, a correr, a saltar na escola, mas é na escola, especificamente nas aulas relacionadas ao movimentar-se (Educação Física), que este aluno aprenderá as implicações dos movimentos de correr, de saltar, em todas as suas dimensões, o que é oposto de ir andar na escola, correr na escola, saltar na escola, até porque estas ações ocorrem deliberadamente na vida cotidiana da criança dentro e fora do ambiente escolar.

Com relação a aprendizagem através do movimento é de responsabilidade da escola organizar espaços e tempos para selecionar alguns conteúdos que possam ser ensinados utilizando como estratégia o movimento, através de tipificação de brincadeiras, jogos, danças, expressões, comunicações não verbais.

Valorizar esse tipo de aprendizagem possibilita a escola criar momentos para que o aluno interaja com outros ambientes escolares, tenha mais momentos de socialização com o grupo, explore suas possibilidades e potencialidades, tenha momentos de criação e expressão individual ou coletiva, deixando para trás a letargia da permanência em uma posição semiestática sentado na cadeira dentro de uma sala por longos períodos de tempo.

II. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

2.1 Delineamento

Reiterando o já exposto na Introdução, este trabalho tem como objetivo investigar como qualificam suas experiências escolares jovens que passaram pelo sistema de Educação Básica, na cidade de São Paulo relativas ao movimentar-se, quais suas implicações para suas vidas cotidianas, especificamente ao investigar que a compreensão os alunos fazem da relação entre o movimentar-se do ser-humano e a história da cultura segundo suas experiências e saberes escolares, como vivenciaram o movimentar-se no ambiente da Unidade Escolar (U.E) levando em consideração a organização curricular (espaços, tempos e conhecimentos), que relação fazem entre suas experiências escolares com o movimentar-se em suas vidas cotidianas atuais, e em relação ao futuro da humanidade, levando em consideração a relação entre o ser humano e as tecnologias (ferramentas, equipamentos e máquinas).

Considerando o movimentar-se do ser-humano, conforme exposto anteriormente, como um elemento não uniforme, mas ao contrário como tema complexo, o método de investigação utilizado para este estudo tem como característica uma abordagem qualitativa com características exploratórias, já que esta abordagem envolve estratégias, procedimentos e materiais empíricos variados.

Investigar as experiências escolares relativas ao movimentar-se dos alunos é penetrar na complexidade da educação, valores, princípios educacionais e seus fundamentos filosóficos, psicológicos, sociais e biológicos. É um projeto de pesquisa, que significa um pequeno recorte de um projeto para uma trajetória de vida acadêmico-profissional.

2.2 Modalidade

Para este estudo foi utilizado o método fenomenológico de investigação, que registra o que o entrevistado mostra, verbal e gestualmente - sem interferência de referências teóricas, ou de ideologia preestabelecida.

Masini (1989) lembra que tal enfoque de pesquisa caracteriza-se por etapas de compreensão e interpretação do fenômeno que se abre a novas interpretações. Isso diz respeito ao inacabamento da Fenomenologia, que propõe um recomeçar incessante de um enfoque que não aceita cristalizações em sistemas acabados e fechados. Nessa ação, o pesquisador mostra sua maneira de estar no mundo, interrogando-o. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; sou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.14).

Neste sentido o que a Fenomenologia possibilita ao pesquisador não é a resposta pronta, mas ao contrário, possibilita o ponto de partida, qual seja, voltar-se para a vida humana e buscar seus significados no mundo da vida, o cotidiano (Cf. Masini, 1993), percurso que corresponde à proposta deste trabalho.

2.3 Coleta de Dados

2.3.1 A Unidade Escolar (U.E)

Durante os últimos 15 anos o pesquisador teve duas passagens como professor da U.E escolhida. Dada escolha teve como principal motivo o conhecimento do projeto pedagógico do Colégio F.

A U.E está situada na zona oeste da cidade de São Paulo, atende alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Atualmente são aproximadamente 250 alunos em dois turnos de trabalho. No período da manhã são atendidos os alunos do Ensino Fundamental II, do 7º ano do Ensino Médio, os alunos possuem 6 aulas de 50 minutos de duração, as aulas começam às 7h10 e terminam às 12h45. No período da tarde o dia letivo é composto por 5 aulas que começam às 13h10 e terminam às 17h35. Neste período a U.E atende os alunos do 1º ao 6º anos do Ensino Fundamental.

Cada ano possui apenas uma turma que, atualmente, varia entre 10 a 30 alunos.

A U.E conta com amplo espaço interno em uma planta baixa composta por secretaria, sala de direção e duas salas de coordenação, sala de professores, sala multimídia, biblioteca, sala de vídeo, 12 salas de aulas, sala de música, laboratório de ciências, laboratório gastronômico e quadra poliesportiva coberta.

No plano pedagógico-administrativo a U.E conta com um diretor geral, duas secretárias, duas coordenadoras pedagógicas, corpo docente de quatorze professores do Ensino Fundamental I, dezoito no Fundamental II e quinze professores no Ensino Médio.

A U.E também possui cursos extra curriculares de Capoeira, Teatro, Violão, Futsal e Alquimia (Introdução a Ciências para o Fundamental I).

Uma importante característica do projeto pedagógico da U.E é dar voz aos alunos, por isso um dos importantes projetos da escola é “A tribuna livre” um evento trimestral em que os alunos se reúnem, com microfone à disposição, para discutir uma polêmica emergente. Alguns temas de discussão dessas tribunas podem ter motivação interna (andamento das aulas, adequação das provas, renovação e mudança das normas da escola) ou externa, com temas emergentes na atualidade (eleições, plebiscito, corrupção, violência, artigos polêmicos da mídia etc.).

2.3.2 Sujeitos da Pesquisa

Para alcançar os objetivos propostos foram selecionados cinco adolescentes entre 17 e 18 anos de idade de ambos os gêneros que finalizarão neste presente ano o Ensino Médio na U.E descrita acima.

A primeira opção em ter como sujeitos da pesquisa alunos foi a possibilidade de dar-lhes a oportunidade de expressar o que pensam, pois a experiência deste pesquisador como professor da Educação Básica, tem mostrado que se escuta pouco os alunos, ou seja, negligencia-se ou ignora-se um dos fatores essenciais do trabalho pedagógico: a escuta dos alunos, apesar de importantes iniciativas em algumas escolas, como “A tribuna livre” citada anteriormente, promovida pela U.E dos alunos entrevistados.

A opção por adolescentes se fez primeiro porque é uma fase da vida caracterizada por mudanças significativas, de crescimento e desenvolvimento maturacional, social e cultural, em diversas áreas, as quais lhes impõem um novo papel frente ao mundo exterior. Estas mudanças são marcantes na vida da pessoa, uma vez que, queira ou não, a mesma vê-se obrigada a entrar no mundo dos adultos. O que aprendeu na sua relação com a família e sua adaptação social como criança já não lhe serve mais. Isto faz com que tenha que significar o novo, o que acarreta toda uma transformações em sua personalidade.

Segundo Aberastury (1981), neste momento, o adolescente tem uma atitude crítica frente ao mundo externo e frente aos adultos em geral, rejeita determinados adultos, escolhendo, em troca, um ideal. O mundo interno que foi desenvolvido através das identificações com os pais, professores, ou figuras substitutas de ambos serve-lhe de ligação para a entrada no mundo externo, o que significa novas condutas, e em consequência mudança de papéis. Essa traço fundamental na formação da criticidade, característica tão comum neste período da vida, foi um fator determinante para a escolha deste público.

Segundo porque os adolescentes que participaram desta pesquisa e que estão terminando o Ensino Médio, foram alunos que ingressaram e frequentaram a escola na vigência da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e que portanto seus períodos de creche e pré-escola foram processos escolares pautados pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), um marco histórico porque trazia pela primeira vez na história da educação formal brasileira o movimento (humano) ao entender que movimentar-se é mais que o deslocamento do corpo pelo espaço, é um importante elemento do desenvolvimento da cultura, também relacionado ao controle sobre o corpo, ao sentimento, ao pensamento, aos gestos (comunicação), com a história da cultura, um importante elemento na interação da criança com o ambiente físico e social (Cf. BRASIL, 1998).

Terceiro porque são adolescentes que, provavelmente, estão prestes a começar uma carreira universitária ou profissional, e que de uma forma ou outra, a escolarização básica ainda está bastante recente em suas memórias, o que possibilita uma descrição mais fidedigna do seu processo escolar e dos saberes relacionados ao movimentar-se, objetivo deste trabalho. Ainda sobre o recente processo de escolarização, este fator permite compor um quadro de análise do processo escolar contemporâneo.

Quarto fator é que este adolescente contemporâneo tem maior acesso a informação, o que poderia possibilitar conexões com informações, percepções que passam despercebidas quando não são dialogadas.

Por último, e não menos importante, na vida cotidiana dos adolescentes - alvo desta investigação - há tempo disponível e espaços para o acesso aos aparelhos públicos e privados (parques, clubes, academias de ginástica, etc.) para cuidar do seu desenvolvimento, o que possibilita comparar o saber escolar com outros saberes advindos de outras experiências.

A prematura entrada no mundo adulto por outro lado, ainda faz com que os adolescentes tenham experiências singulares, para fazer uma análise sobre a importância dos saberes escolares para a vida cotidiana, diferentes da análise que poderia fazer outras populações, como de adultos e idosos, por exemplo.

2.3.2.1 Seleções dos Participantes

Para participar desta pesquisa foram selecionados cinco alunos seguindo um critério de equidade entre os gêneros, e o maior número de anos como estudantes da U.E.

A seleção começou com uma reunião com o diretor e coordenadoras do colégio para a apresentação do projeto de pesquisa e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Institucional. Nesta mesma reunião o diretor designou o professor de História do Ensino Médio para ser o interlocutor entre o pesquisador e os alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Na semana seguinte à reunião, durante uma aula do professor de História, aconteceu a apresentação do projeto e convite para a participação na pesquisa. Neste encontro foi feito um levantamento dos possíveis candidatos seguindo os critérios estabelecidos. Foram selecionados, dois meninos e três meninas, sendo que uma das alunas foi selecionada por sua ampla experiência em diversas realidades escolares.

Uma vez realizada a seleção o entrevistador se reuniu com os alunos para distribuir o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE) para os Sujeitos da Pesquisa ou para os Responsáveis pelos Sujeitos da Pesquisa, para cada aluno, conforme sua condição. Após a devolução de todos os TLCE as entrevistas foram agendadas, e de comum acordo, ficou estabelecido com o grupo que as entrevistas seriam realizadas em uma quarta e sexta feiras de uma mesma semana em uma sala de aula cedida pelo diretor da U.E.

A princípio as entrevistas seguiriam uma ordem aleatória, porém apenas para ter uma organização foram realizadas por ordem alfabética como mostra a tabela abaixo:

Nome	Sigla	Idade	Gênero	Início da Escolarização	Nº de Escolas	Ingresso Colégio F.
Aluno 1	A1	18	F	Antes de 1 ano - Educ. Inf.	3	3º ano
Aluno 2	A2	17	F	Aos 2 anos - Educ. Infantil	3	6º ano
Aluno 3	A3	17	F	Educação Infantil	7	7º ano
Aluno 4	A4	17	M	1999 - Educação Infantil	3	1º ano ⁴
Aluno 5	A5	17	M	1999 - Educação Infantil	2	1º ano

Tabela 1 – Características Gerais dos Participantes

⁴ O Aluno saiu no 1º ano do Ensino Médio e voltou no ano seguinte para o Colégio F.

2.3.3 As Entrevistas

As entrevistas começaram com uma breve introdução, primeiro sobre o pesquisador e seu interesse pelo tema e na sequência com uma explicação sobre a pesquisa. Os participantes foram informados que as entrevistas seriam gravadas para que fossem transcritas e facilitassem o processo de análise e reflexão dos dados.

A gravação ocorreu em áudio através de um *smartphone*, e em vídeo, através de uma câmera portátil com cartão de memória.

O início, como acordado previamente, ocorreu às 9 horas de uma quarta-feira, neste dia foram realizadas 3 entrevistas seguidas com média de 1 hora de duração cada uma. Na sexta-feira da mesma semana, com início também as 9 horas, foram realizadas 2 restantes com média de tempo similar.

Os alunos foram estimulados a expressar livremente sem se importar com conceitos de certo ou errado, já que o importante era conhecer suas experiências vividas no seu processo de escolarização. As entrevistas seguiam um roteiro semiestruturado com perguntas abertas atendendo o foco de interesse da investigação. O roteiro de perguntas parte fundamental da investigação encontra-se nas entrevistas.

O único problema que ocorreu neste período foi a não gravação em vídeo do aluno A5, por algum motivo a câmera permaneceu em posição inicial durante o final da entrevista, a hipótese mais provável talvez tenha sido o esquecimento do pesquisador em acionar a câmera ou não perceber se após apertar os botões a câmera entrou em funcionamento. De qualquer forma a entrevista está arquivada em áudio, e assim como todas as outras, o áudio está em perfeito estado o que facilitou a escuta e transcrição de todas elas. Já quanto ao gestual, há uma perda irreparável, mas ao perceber o equívoco relativa a falta do vídeo, o pesquisador escreveu em papel rascunho algumas impressões gestuais ocorridas durante a entrevista e que mais chamaram sua atenção.

Finalizadas as entrevistas iniciou-se o processo de transcrição do áudio e visualização das imagens para perceber os gestos e expressões dos participantes para a realização das análises e posteriormente das reflexões dos dados analisados.

2.4. ANÁLISE DE DADOS

2.4.1. Categorias de Análise

As entrevistas foram lidas e assistidas em vídeo e depois transcritas. Após as transcrições as entrevistas foram pré-analisadas e de acordo com os temas abordados nas respostas foram criadas as categorias de análise para uma melhor compreensão do conteúdo narrado pelos entrevistados, como exposto a seguir:

- A Importância do Movimentar-se para a Vida Humana

Nesta categoria estão as respostas referentes ao objetivo geral da pesquisa, conhecer qual a percepção dos alunos sobre a importância do movimentar-se para vida humana, primeiro de maneira geral e depois para compreender o que cada aluno pensa em relação ao tema numa perspectiva histórica, mais especificamente entre a importância do movimentar-se do ser humano na história da cultura.

- A Trajetória Escolar

Antes de compreender a relação entre o movimentar-se na escola esta categoria teve como objetivo introduzir o que os alunos contaram sobre suas experiências relacionadas aos seus ingressos na instituição escola, alguns aspectos mais representativos deste período; e, como e quando ingressaram na U.E atual.

- O Movimentar-se na Escola

Nesta categoria estão descritas a fala dos alunos relacionadas com suas experiências escolares relacionadas ao movimentar-se, os espaços e tempos em que aconteciam, suas características, aulas, disciplinas, todas suas principais recordações em relação à organização escolar. Nesta categoria estão as experiências vividas nas aulas de Educação Física, área apontada pelos alunos como referência na relação com o movimentar-se na escola; assim como a sala de aula espaço em que os alunos passam maior tempo de suas experiências escolares.

- O Movimentar-se na Vida Cotidiana

Nesta categoria estão as narrativas sobre as experiências escolares que estão presentes na vida cotidiana dos alunos. Além do cotidiano foi pedido para que os alunos expusessem suas perspectivas de futuro em relação ao movimentar-se do ser-humano e a tecnologia contemporânea, suas impressões sobre o tema estão também analisadas nesta categoria.

2.4.2 Análise dos Dados das Entrevistas

2.4.2.1 A Importância do Movimentar-se para a Vida Humana

Várias possibilidades poderiam surgir em um diálogo aberto quando o tema é tão amplo e complexo como o movimentar-se para a vida humana, ainda mais se no tema está uma relação com a história da cultura. Por isso, talvez, as respostas a estes questionamentos foram tão sucintas e simplificas.

Para dar um exemplo da sintética narrativa A1 e A2 definiram a importância do movimentar-se para a vida humana da seguinte maneira:

(A1) Movimento é uma das coisas mais importantes [...] pela sobrevivência [...] o movimento faz que nosso corpo seja útil para várias coisas [...] antropologicamente falando acho que dependendo do grupo a gente se identifica com grupos culturais com outros não [...] Pra você se integrar na sociedade você precisa se mexer de acordo com aquilo [...] tanto pessoas que não se mexem são consideradas inválidas, o corpo tem uma importância útil de produção de coisas [...] então eu acho que movimento é uma das coisas básicas assim pra gente sobreviver.

(A2) Principalmente para a consciência corporal, porque quando você faz muito exercício físico, quando você se movimenta [...] você se identifica com as outras pessoas [...] eu acho que isso é importante, conseguir se identificar com os outros através dos movimentos, conhecer como é que esses movimentos vão influenciar também.

Outra resposta bastante resumida foi a seguinte:

(A3) A base de tudo, se você não se mexe, em todos os sentidos, se você não mexe você não se locomove, todas as partes, por exemplo, como eu estou no 3º e falo no sentido das coisas, se você não ligar tudo não vai ter uma coisa que faça sentido, com você se mexer, com você pensar, com você raciocinar, acho que tudo isso tem relação com o movimento.

Seguindo o mesmo caminho A4 respondeu ao questionamento com a seguinte narrativa:

(A4) A importância do movimento para a vida humana é enorme, tudo o que você faz desde que você nasce requer movimento, até para você chora quando você é um bebezinho para pedir coisa para a sua mãe que algo tá te faltando, você usa o movimento de músculo, enfim, algum movimento você produz, então movimento é essencial para a vida humana, desde o nascimento até a velhice, com ele que você demonstra que você tá sentindo algum desconforto ou que você realiza alguma tarefa que você tem que fazer, o movimento é essencial para a vida humana.

Quem deu uma pista para uma possível compreensão da dificuldade em lidar oralmente com este tema, foi A5 ao expressar:

(A5): Confesso que não é uma questão que eu penso cotidianamente...

E completou dizendo:

(A5) [...] eu acredito que seja de fundamental importância [...] se a gente for pensar na evolução nossas capacidades motoras foram ajudando a gente a se adaptar ao meio [...] fazer com que o meio se adapte aos nossos interesses [...] mas do ponto de vista cultural, ele é muito importante e é essencial [...] Fundamental para a manutenção da nossa vivência social [...] a capacidade de relação social que vem do movimento [...] ao movimento a gente deve muito ao que a gente conseguiu construir [...] é do movimento que surge a experiência [...] é do movimento que vai partir a possibilidade de ver o que externo a você mesmo, do mundo físico, a capacidade de você reconhecer através dos sentidos.

Foi no final da entrevista que A5 ampliou a questão ao expor a complexidade do tema:

(A5) Eu nunca tive [...] uma conversa assim, tão ampla sobre um conceito tão banal [...]

Quando questionado sobre o significado do termo banal explicou:

(A5) [...] banal eu digo, assim tão presente, porque é tão presente que a gente não liga, que é a capacidade de movimento [...] o tipo de coisa que você vê o tempo inteiro e você acaba esquecendo a importância dela [...] é, não há muita discussão neste tipo de coisa, ninguém conversa a respeito, e o movimento, por exemplo, tem coisas que por estarem mais presentes no cotidiano, neste sentido que eu chamei de banalizado, acabam perdendo o interesse das pessoas prá falar sobre.

Na tentativa de explicar acabou-se por expor um paradoxo, que o movimentar-se é fundamental, mas que ao mesmo tempo é banal, algo que faz parte do cotidiano que sua importância acaba sendo esquecida.

Ao ser questionado sobre esse paradoxo apontou duas hipóteses, a primeira relacionada à obviedade da importância do movimentar-se para a vida humana:

(A5) [...] justamente por ele ser fundamental, a gente não costuma discutir coisas comum a todos que existe um consenso muito grande, “o movimento é importante?”, acredito que todo mundo tenha respondido [...] qualquer um que você pergunte vai responder que sim.

Também compartilhada por A2:

(A2) Vamos imaginar que eu não tivesse um braço, isso iria me limitar para fazer todos os movimentos que eu faço todos os dias, eu iria me atrapalhar em todas as atividades, então eu acho que isso é algo que fica inconsciente no movimento, mas ele é muito importante, em geral a gente esquece.

E por A1 quando fez a seguinte consideração:

(A1) o movimento acompanha meu cotidiano inteiro [...] mas eu acho que ele é tão subjetivo, subjetivo não [...] sei lá, que não presto atenção [...] (se prestasse) [...] Ia ser melhor eu acho, porque a gente daria mais valor à gente, aos outros [...] dentro a gente é tão complexo, é tudo feito tão bonito, e talvez se gente prestasse atenção nisso, se a gente prestasse atenção que cada movimento aqui (mostra os dedos se movendo) aqui [...] tem milhões de coisas que se mexem, eu acho que nós seríamos pessoas mais completas.

Já a segunda hipótese apontou para um caráter utilitarista para o movimentar-se:

(A5) [...] você utiliza do movimento para alcançar um objetivo, seja ele científico, seja ele cotidiano, você precisa do movimento para pegar alguma coisa, ele serve como intermediário entre você e seu interesse, ele não serve como interesse.

Mesmo com as respostas sucintas diante do tema, as narrativas apontam várias das interfaces relacionadas à complexidade do tema, como mostra a tabela abaixo:

Importância do Movimento para a Vida Humana	Referência
Fundamental/Essencial//Base de Tudo	A1 – A3 – A4 – A5
Sobrevivência	A1 – A4
Utilidade/Produtividade	A1
Cultura/Identificação com Grupos Culturais	A1 – A5
Integração Social/Vida Social	A1 – A5
Consciência Corporal	A2
Locomoção	A3
Pensamento/Raciocínio	A3
Comunicação	A4
Ciclo Vital	A4
Sentimento/Sentidos	A4 – A5
Aspectos Biológicos	A4
Evolução	A5
Adaptação ao Meio	A5
Experiências Pessoais	A5
Subjetividade	A5
Construção/Tecnologia	A5

Tabela 2 - Importância do movimento para a vida humana na percepção dos alunos entrevistados

Quando o tema foi sobre a importância do movimentar-se na história da cultura, houve também grande dificuldade dos entrevistados em organizar uma resposta coerente, como se nota na falta de fluência na narrativa.

(A1) Eu acho que quando o ser-humano surgiu ele se mexia de uma forma funcional, tipo dança do acasalamento, tinha uma função específica, etc., aí eu acho que quando ele começou a ver que o movimento ele tinha uma, um poder de atuar muito fortemente nas outras pessoas, e por exemplo quem se mexe melhor, sei lá, tem mais possibilidade de se reproduzir, ser mais forte, eu acho que começaram a tentar, culturalmente talvez, tipo lapidar essas coisas, aí ao longo disso o movimento, foi, foi, foi criando suas, sei lá foi criando tipo, mais que uma função, ele foi ganhando mais espaço na cultura, não só instintivamente, mas tipo ele passou a (silêncio).

Nas interrogações que pediam uma cumplicidade afirmativa:

(A1) [...] a gente já herdou dos outros animais que se mexem, que dançam, que caçam, que correm, só que daí com a cultura, nós somos seres culturais, certo?

(A4) [...] na fase quadrupede do ser-humano, acho que existiu, né?

(A5) [...] sobre dois pés você possui dois membros que você pode usar para várias outras coisas, como é que era mesmo?

Porém em alguns recortes das narrativas importantes considerações foram traçadas sobre o tema, como as habilidades de manipulação, locomoção e crescimento do cérebro:

(A2) Eu acho que na questão de movimento uma parte fundamental para a gente estar aqui foi o movimento das mãos, esse movimento aqui (pinça e preensão) foi o que nos permitiu fazer ferramentas e não depender da força [...]

(A3) Acho que tem uma adaptação [...] A partir das necessidades, de [...] pegar as coisas nas árvores quando não tinha, enfim, ou caçar [...] foram se adaptando [...] um era mais pescar, o outro era mais caçar, então foi se

direcionando mais para a necessidade e se ramificando para uma especialização que foi se desenvolvendo até hoje [...]

(A4) [...] eu imagino que isso aconteceu junto com a evolução do cérebro que permitiu que ele (ser-humano) realizasse os movimentos que ele queria, então, o ser-humano começou a precisar correr mais, prá [...] escapar de um predador e ele precisou usar o movimento, precisou evoluir o seu potencial de movimentação prá própria sobrevivência [...] eu acho que no primeiro momento foi uma questão de necessidade, aprimorar os movimentos, aí depois foi só desenvolvimento dessas habilidades [...] prá fazer fogo, pra fazer ferramentas, isso até chegar hoje em dia [...]

Alguma dificuldade permaneceu quando narraram ou foram questionados sobre a importância da locomoção bípede para a humanidade.

(A1) [...] o fato de a gente ser bípede proporcionou a gente poder construir as coisas [...] prá cultura isso foi importante [...] eu não sei como isso aconteceu [...] tinham mais chance de reproduzir [...] aí eles foram cruzando com outras pessoas que tinham mutação e foi assim.

(A2) [...] Eu acho que primeiro a gente aprendeu a ficar ajoelhado que é uma maneira mais fácil de se equilibrar do que ficar em duas pernas, porque você tem uma base maior e aos poucos você vai tendo o levantamento do corpo.

Mas alguns alunos foram coincidentes com determinadas teorias relacionadas ao bipedalismo, como a tentativa de ampliar o campo visual ou da liberação das mãos para criar e manipular objetos, ferramentas, utensílios:

(A4) [...] eu não sei te explicar como ocorreu, mas eu tenho algumas hipóteses, talvez para conseguir ver, ter uma visão melhor do horizonte.

(A5) Tentaria explicar seguindo a Teoria da Evolução, a busca por alimentos, pelo que eu acredito ajudou o humanoide a se tornar bípede [...] sobre dois pés você possui dois membros que você pode usar para várias outras coisas [...] para segurar coisas, para manipular coisas e criar algo novo [...] você capaz de pegar duas coisas da natureza [...] e moldar para que ela siga uma

função que não é a função natural, por exemplo lascar uma pedra [...] para a caçar [...] para cortar algum alimento [...] o nosso movimento ser capaz de criar algo que é externo à natureza.

Talvez uma dificuldade em lidar com este tema complexo é pela falta de experiência com este tema no ambiente escolar, como foi relatado por A4:

(A4) É assim, eu nunca estudei muito sobre isso, porque na escola a gente não tem muito. Desculpa a pergunta é [...]

2.4.2.2 A Vida Escolar

Em determinado momento histórico a escola emerge como a instituição responsável pelos cuidados e educação formal da infância e se torna instituição obrigatória de ensino. Nesta categoria o grupo de alunos entrevistados relatam como e quando ingressaram em creches ou escolas de Educação Infantil, como perceberam suas trajetórias escolares, incluindo a entrada no Colégio F., atual U.E de todos eles:

(A1) Eu entrei na Educação Infantil na Creche [...] aí eu gostava muito deste lugar, passei muitos anos da minha vida, quando eu tive que sair eu fiquei muito triste, eu conhecia muitas pessoas lá, e eu adorava ir pra escola.

(A2) Na educação infantil eu tinha 2 anos quando entrei na A.A, eu fiquei pouco tempo lá depois eu fui para o Colégio C.[...]

(A3) [...] minha primeira escola eu morava lá na zona leste, então eu estudava numa escola que minha tia estudou, que era até boa, eu estudei lá até o Jardim 2 [...]

(A4) No ano de 99, logo que eu, se eu não me engano logo que eu tinha 6 meses minha mãe já me colocou numa, não sei se seria uma creche, mas era privada, era uma escolinha prá criança do maternal [...]

(A5) [...] não lembro totalmente, mas eu lembro que eu tive uma Pré-Escola num lugar bem pequeno, era uma casa, mas me ajudou bastante, acho que era construtivista [...]

O relato referente a trajetória escolar para alguns teve um contorno bastante amistoso:

(A4) [...] eu gostei de muita coisa de lá que eu vivi, mas tinha alguma coisa que eu gostava que eu não encontrei em nenhum lugar que só tinha no (Colégio) F., acho que é o tratamento, os professores [...]

(A5) [...] o Colégio F. foi, é, uma das coisas que eu mais gostei na minha vida, marcou demais, muito do que eu construí de identidade de produção foi graças ao F, devo muito a esse colégio [...]

Porém nem todos os relatos foram amistosos, em alguns as marcas deixadas não foram tão positivas como as relatadas acima:

(A3) [...] eu estudei meio ano numa escola pública, que era uma várzea total [...]

(A1) [...] foi assim horrível, porque eu adorava ir pra escola e quando eu entrei lá [...] a professora [...] me maltratava porque ela não gostava de mim. Ela chegava na escola e falava todo mundo de cabeça baixa, não sei o que. (Aluna mostra a posição que a professora pedia para que ficassem). Enquanto ela chegava e prepara as coisas dela a gente permanecia de cabeça baixa. Ai meu Deus o que que é isso, é assim que é a escola? [...] olhei para a lousa e não entendia nada, primeiro ano, aí eu falei professora eu não entendi você pode me explicar? Ela falou “não você não prestou atenção na explicação agora lê a lousa que você entende” (risos). O que? Aí eu parei de ler, parei de fazer tudo, eu não estudava, não fazia nada. Ela castigava a gente, era horrível [...] só que aí tinha um problema outro, tinha um professor chamado P., de Educação Física, ele era muito chato, não dava atenção para as meninas e só ficava jogando futebol com os meninos, dava qualquer coisa pra gente, largava. Eu sempre gostei de correr, me mexer, etc., aí eu comecei a não gostar mais [...]

Após os problemas relatados acima a família da A1 resolveu agir e mudá-la de colégio, e assim começou sua trajetória na U.E atual.

(A1) Minha mãe vendo toda essa coisa, a professora falando que eu era atrasada, minha mãe me tirou e me colocou no F. Eu já tinha alguns amigos aqui que estudaram comigo na creche. A A. (Coordenadora) falou que a C (nome da aluna) estava traumatizada, eles conseguiram me conduzir, eu comecei a ler de novo [...]

Já A2 tem uma relação de ingresso bastante particular com a U.E atual. Ocorreu durante uma visita ao colégio como ela relata:

(A2) A gente já tinha mudado de casa e vindo morar no Butantã quando eu tinha 9 anos, eu estava na 2ª série. Meus pais começaram a conhecer as escolas da região, O I, o F. e a V., a Escola V. era muito cara, eu conheci o I. gostei, mas eu queria conhecer o F., eu vim prá cá (U.E atual) conheci o N. (diretor do colégio) e daí foi o F.

A3 estudou em várias escolas até chegar à U.E atual:

(A3) [...] eu estudei no M., que é ali na (nome da rua), eu estudei lá metade da 1ª série e a 2ª série, na 3ª série eu achei outra escola, o E., lá eu estudei 3ª, 4ª, 5ª, eu estudei até o começo do 7º ano, no começo do 7º ano eu sai, eu fui pro V., lá eu estudei 7º, 8º ano, depois eu vim prá cá (U.E atual).

A4 e A5 foram os únicos que ingressaram na U.E atual desde o início do Ensino Fundamental:

(A4) [...] minha mãe me colocou lá e eu fiquei até 2001 até eu entrar para o que seria o Pré. Ai no Pré eu fui pra outra escola pertinho da minha casa lá no Rio Pequeno, lá eu fiz o Pré I, Pré II, e aí em 2003 foi quando eu completei o Pré II é que eu vim pro F. (U.E atual) em 2004 na 1ª série.

A4 após passar todo o Ensino Fundamental na mesma U.E decidiu ter novas experiências, em suas palavras:

(A4) [...] eu sai no 1º ano do Ensino Médio, fiquei fora um ano, eu fui pro V.B. [...] eu queria novas experiências, conhecer novos métodos, professores, pessoas novas, por esses e por outros motivos eu quis sair [...] eu gostei de muita coisa de lá que eu vivi, mas tinha alguma coisa que eu gostava que eu não encontrei em nenhum lugar que só tinha no F., acho que é o tratamento, os professores, é um pouco diferente, lá é meio estilo faculdade, cada um por si, o professor não tem muita relação com o aluno, é uma relação estritamente profissional, eu via essa diferença aqui no F., isso é que me fez retornar ao F.

O depoimento anterior coincide com outro do A5, sobre a percepção por parte dos alunos de que F. é uma escola agradável, com projeto pedagógico definido e marcado:

(A5) [...] aqui no F. (U.E atual) meus pais vieram para aquela reunião de introdução antes das aulas de 2004 [...] meus pais gostaram do projeto [...] Eu acredito muito no projeto do F., em raros momentos eu discordei, e mesmo quando eu discordava eu via uma justificativa plausível prá aquilo ser da maneira que é, pelo menos no projeto.

Esta fala é coincidente com esta pesquisa que foi prontamente aceita pela direção de F. pela sua premissa de escutar os alunos e incentivar seus professores a pesquisar processos que possam de alguma maneira trazer retorno ao colégio (VER ANEXO 7).

2.4.2.3 O Movimentar-se na Escola

Quando questionados sobre o que relativo ao movimentar-se eles aprenderam na escola, as respostas de maneira direta ou indireta já consideraram suas experiências à Educação Física:

(A1) Na aula de Educação Física os professores tentavam explicar que os nossos músculos [...]

(A2) Teoricamente pouca coisa, talvez em algumas aulas ou em alguns trabalhos que passavam sobre Educação Física [...]

(A3) Eu estava tentando lembrar isso, acho que foi tipo memória seletiva, nas minhas primeiras escolas eu não lembro minha Educação Física [...]

(A4) Olha, eu lembro que eu tive na 2ª série, inclusive com o P. (professor de Educação Física), um trabalho sobre o movimento, aí tinha formas de equilíbrios distintas, esqueci do nome do projeto, eu acho que era “Na corda bamba”.

(A5) Na escola especificamente eu aprendi a coordenação motora, você saber usar seus movimentos de uma maneira mais efetiva, saber quando usar um movimento específico foi direto na minha vivência escolar, como no Ensino Fundamental a gente tinha que pular corda, enfim, ou esticava várias cordas na quadra a gente tinha que passar por baixo [...]

A5 fez referência a conteúdo, espaço e atividades relacionadas às aulas de Educação Física, como coordenação motora, quadra e pular corda, que poderiam pertencer a outros momentos escolares, porém A1, A2, A3 e A4 fizeram uma referência direta entre a aprendizagem relacionada ao movimentar-se na escola com suas aulas de Educação Física.

Na sequência as referências foram sobre:

(A1) [...] só que o R. de Biologia falou também algumas coisas do ácido pirúvico [...]

(A2) [...] nas aulas de biologia, as funções orgânicas que o professor vai explicando as coisas do corpo e você consegue imaginar como os movimentos são realizados, mas nada que realmente influencia.

(A5) [...] teórico, eu aprendi bastante sobre anatomia, ahh, anatomia do corpo, enfim, sistema nervoso, tecido muscular, mas eu vi isso mais voltado para a evolução humana, como que o músculo, o sistema nervoso [...]

(A4) [...] na prática aulas de Educação Física desde a 1ª série elas ajudaram muito a desenvolver o movimento, porque eu acho que a escola carece um pouco disso, você fica muito preso na sala de aula [...] você fica no movimento básico de escrever, levantar a cabeça para ver a lousa, locomoção pouco, jogar papel no lixo [...]

As referências secundárias sobre a aprendizagem relacionada ao movimentar-se na escola foram correlacionadas às aulas ou conteúdo das aulas de Biologia (Ciências) ou experiências cotidianas de sala de aula. A4 seguiu apenas com experiências referentes às aulas de Educação Física.

Ao perceber que a pesquisa estava sendo realizada por um professor de Educação Física e que as narrativas, quase que unanimemente relatavam este componente curricular, a pergunta seguinte foi redirecionada para o contexto escolar mais amplo. Quando questionados se a aprendizagem relacionada ao movimentar-se estava relacionada prioritariamente às aulas de Educação Física na escola, eles responderam:

(A1) É porque no resto das aulas a gente passa na sala de aula, e assim, é, bom assim, eu sou uma pessoa que se mexe né? Eu me mexo muito na sala, mas a maior parte a gente passa sentado.

(A2) Nos outros momentos você fica sentada levanta a mão para fazer perguntas e usa os movimentos para escrever, e a boca para fazer perguntas. Também levanta para jogar papel no lixo.

(A3) [...] na sala a gente tem que ficar sentado, tipo fazer atividade era uma coisa sentar no chão em roda, mas não era nada muito dinâmico de se mexer [...]

(A4) Na sala [...] você fica no movimento básico de escrever, levantar a cabeça para ver a lousa, locomoção pouco, jogar papel no lixo, acho que por isso que a aula de Educação Física foi importante para mim e é importante nas escolas, porque é um momento na vida escolar que você sai um pouco da sala de aula e tem um contato maior com movimentação, com diferentes coisas que você não pode ter contato na sala de aula.

Já quando a pergunta foi sobre liberdade de movimentar-se na escola os alunos disseram:

(A1) Eu não diria na aula, mas eu diria com meus amigos [...] No colegial, fora da aula de Educação Física, como eu tenho um amigo que também não faz nada na aula de Educação Física, então a gente não tem que provar nada, então a gente tem uma liberdade de movimento fora da aula muito maior.

(A2) No recreio. Quando eu era pequena a gente passava correndo basicamente o tempo inteiro. Numa época eu brincava o tempo inteiro no trepa-trepa tentando alcançar mais longe possível. Na entrada algumas vezes também quando tínhamos tempo.

(A3) No intervalo, na hora que eu chegava e na hora da saída, não tinha ninguém delimitando o que eu podia fazer com o meu corpo, enfim, do tipo brincar ou fazer qualquer coisa assim.

(A4) Durante o intervalo (riso), correndo, principalmente quando eu era menor, 7, 8 anos por aí o intervalo era prá correr, brincar, saia sujo rasgado, era um dos únicos momentos, tirando as aulas de Educação Física que a gente tinha essa liberdade prá correr na escola, pra brincar, prá usar a movimentação do corpo.

(A5) Acho que no período do Fundamental 1 eu tive bastante liberdade, a gente tinha, por exemplo, 4 ou 5 aulas de Educação Física, a gente já tinha esse contato com o movimento, e criança já costuma a ser mais enérgica, a gente brincava, corria, pega-pega, futebol, pique-bandeira, mas não necessariamente apenas na escola, como também no intervalo, na saída.

O recreio ou intervalo das aulas foram os mais citados, mas o horário de entrada e saída também foram mencionados como momentos de maior liberdade para movimentar-se na escola, todos representando momentos referentes ao dia letivo. Porém A5 fala da sua liberdade no Ensino Fundamental I, o que abre espaço para uma análise sobre o momento longitudinal escolar relacionadas às fases da escolarização, a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

(A1) Na creche a gente não passava muito na sala de aula, na sala de aula a gente não tinha muita cadeira, ficava uhh! Era delicioso. No J. P. a gente passava muito tempo sentado era horrível, no F. no Fundamental era uma coisa mais lúdica você se mexe mais você está em Arte, Música, não sei o que, mas aí você vai crescendo aí, você vai, sei lá, você fica sentado, se levanta já “ai meu deus você tá causando e ahhhhhh” (levanta os braços) [...] quando a gente vai passar prá manhã (Ensino Fundamental 2) eles falam “ah, porque agora a coisa vai ficar séria”. Eles fazem um discurso de que agora é sério,

que agora então, sei lá, acaba ficando a imagem de adulto que a gente tem, sentado no escritório.

(A2) Na Educação Infantil a gente se movia mais, a gente se acostumava a sentar no chão, em roda e fazer umas atividades assim. Depois no fundamental não tinha mais isso.

(A3) No Ensino Médio a vida já ficou mais parada, né. Você tem que se esforçar mais, tem mais matéria, tem mais professor, então no 1º ano a gente tinha aula de Educação Física [...] no 2º ano começou a pesar, começou a ficar mais chato, foi inversamente proporcional, na 1ª série era “aula de Educação Física, tem duas vezes por semana, que legal, vamos sair da sala”, aí chegou no 1º ano (Ensino Médio) a gente só tinha uma aula, no Fundamental 2 você já deixa de ter dia dos pais, dia da vó, dia do não sei o que, que era todo o movimento de você arrumar a escola, não sei o que, é música, aprender dança, você vai estagnando, então você vai parando, acho que quanto mais matéria menos movimento, então foi chegando no Ensino Médio foi ficando um saco né?

(A4) [...] tirando as aulas de Educação Física que a gente tinha essa liberdade prá correr na escola, pra brincar, prá usar a movimentação do corpo [...] Até uns 12 anos era legal [...] depois meio que cessa essa questão motora e você usa o movimento para se locomover para a cantina [...]

(A5) [...] no período do Fundamental 1 eu tive bastante liberdade, a gente tinha, por exemplo, 4 ou 5 aulas de Educação Física, a gente já tinha esse contato com o movimento, e criança já costuma a ser mais enérgica, a gente brincava, corria, pega-pega, futebol, pique-bandeira [...] na minha experiência pessoal, enquanto eu fui ficando mais velho, eu fui ficando mais exigido, eu exigi de mim mesmo, ou exige-se de um aluno que vai ficando cada vez mais maduro saber se conter em alguns espaços [...] O primeiro rompimento que eu senti [...] foi [...] quando eu vim prá manhã, que foi como uma volta a 1ª série, “agora sou o mais novo dos mais velhos”, eu era pequeno e todo mundo era grande, parece que tem uma pressão sobre você que você começa a exigir de si mesmo, a se portar diante dessas pessoas, diante desse novo meio que você está envolvido. Acredito que esse tenha sido o momento em que eu senti que “mano agora eu preciso mudar”, mas é o

momento que eu senti que alguma coisa tinha que acontecer, que eu percebi que não tinha mais essa possibilidade (de sair correndo no pátio), eu tinha que saber mediar esse tipo de coisa, foi uma fase de transição entre fazer o que eu queria que era brincar o tempo inteiro com o que eu devia estar fazendo socialmente [...]

Identificados os principais momentos do movimentar-se na organização escolar e feitas algumas importantes considerações pelos alunos sobre eles, vale aprofundar a análise sobre o contraponto que os alunos relataram entre as aulas de Educação Física, as aulas da “sala de aula”. Primeiro a relação entre o movimentar-se e a sala de aula.

(A1) Ela chegava na escola e falava todo mundo de cabeça baixa [...] é assim que é a escola? [...] Na creche a gente não passava muito na sala de aula, na sala de aula a gente não tinha muita cadeira, ficava uhh! Era delicioso. No J. P. a gente passava muito tempo sentado era horrível, no F. no Fundamental era uma coisa mais lúdica você se mexe mais você está em Arte, Música, não sei o que, mas aí você vai crescendo aí, você [...] fica sentado, se levanta já “ai meu deus você tá causando [...] quando a gente vai passar prá manhã (Ensino Fundamental 2) eles falam “ah, porque agora a coisa vai ficar séria”. Eles fazem um discurso de que agora é sério, que agora então, sei lá, acaba ficando a imagem de adulto que a gente tem, sentado no escritório.

(A2) Nos outros momentos (sala de aula) você fica sentada levanta a mão para fazer perguntas e usa os movimentos para escrever, e a boca para fazer perguntas. Também levanta para jogar papel no lixo.

(A3) [...] na sala a gente tem que ficar sentado, tipo fazer atividade [...] não era nada muito dinâmico de se mexer [...]

(A4) Eu acho muito monótono, sala de aula é uma coisa que, eu acho, dentro da minha visão, esse negócio de ficar todo mundo sentado durante 5, 6 horas anotando a lousa, levantando para tomar água, eu acho muito monótono e você não consegue desenvolver o seu, suas habilidades que sua movimentação do corpo que são importantes [...]

(A5) [...] eu senti que eu ainda sou capaz de andar pela sala, eu ainda faço isso na verdade, uma hora que eu estou meio, sabe que eu preciso levantar, sabe?, me desligar um pouco da aula, eu levanto vou pro lixo joga uma coisa fico lá um tempo, volto, mas eu sinto que a disciplina, a necessidade de você se mostrar disciplinado foi limitando, mesmo que não muito, essa questão do movimento em sala de aula.

A seguir os alunos relatam como entendem a relação entre a Educação Física e a sala de aula:

(A1) Ele (o professor) mandava a gente ficar dentro da sala de aula e era uma porcaria porque eu acho que, sei lá, aula de Educação Física era o momento em que você podia correr pular, fazer várias coisas, mas não, aí era chato [...] O J. parava várias vezes e dava aula expositiva prá gente explicava como é que funcionava não sei o que, o outro professor o D. explicou também [...] eu não acho que eles são muito didáticos [...] o professor de Educação Física faz uma aula expositiva só que ele não linka (link – ligar) de uma forma positiva com a aula outra, na quadra.

(A4) [...] você fica muito preso na sala de aula, em pouco momentos você tem a possibilidade de desenvolver a movimentação do corpo que eu acho importante [...] Na sala de aula não, você fica no movimento básico de escrever, levantar a cabeça para ver a lousa, locomoção pouco, jogar papel no lixo, acho que por isso que a aula de Educação Física foi importante para mim e é importante nas escolas, porque é um momento na vida escolar que você sai um pouco da sala de aula e tem um contato maior com movimentação, com diferentes coisas que você não pode ter contato na sala de aula.

(A3) [...] na 1ª série (Ensino Médio) era “aula de Educação Física, tem duas vezes por semana, que legal, vamos sair da sala”

(A3) [...] tem Educação Física, voltar toda fedida prá sala [...]

Educação Física hora de movimentar-se na escola, a representação que os alunos fazem deste momento escolar:

(A1) [...] eu achava que [...] aula de Educação Física era o momento em que você podia correr pular, fazer várias coisas [...] eu ficava meio triste assim de pensar que a Educação Física era uma obrigação porque tudo já era obrigação, a Educação Física também é uma obrigação [...]

(A3) [...] nas minhas primeiras escolas eu não lembro minha Educação Física [...] eu começo a lembrar no M., era mais brincadeira, pega-pega [...] A Educação Física era o único movimento que eu tinha [...] era dar brincadeira de correr ou do tipo, não era nada muito elaborado pelo que eu me lembre [...]

(A4) a aula de Educação Física foi importante para mim e é importante nas escolas, porque é um momento na vida escolar que você sai um pouco da sala de aula e tem um contato maior com movimentação, com diferentes coisas que você não pode ter contato na sala de aula [...] Educação Física está aí pra isso, pra tirar um pouco do cotidiano do aluno chegar na sala, sentar, ficar olhando a lousa, anotando, pra correr um pouco, pra aprender de diferente maneira todo o conteúdo teórico que uma aula na lousa pode te dar.

(A5) a gente tinha [...] 4 ou 5 aulas de Educação Física [...] a gente brincava, corria, pega-pega, futebol, pique-bandeira [...] eu via a Educação Física como um momento de pausa entre as aulas que eu podia brincar, é o meu segundo intervalo do dia ... Educação Física é muito legal e aula teórica pra uma criança vai ser chato não adianta, por mais que ele goste de estudar, mas aula teórica me enchia o saco e aula de Educação Física nunca me enchia o saco.

Se os alunos entendem que as aulas de Educação Física têm uma relação com os espaços externos aos da sala de aula e uma relação com o movimentar-se, é relevante apresentar as narrativas que fazem de suas experiências sobre suas aulas de Educação Física, conforme segue:

(A1) ele (professor de Educação Física) [...] não dava atenção para as meninas e só ficava jogando futebol com os meninos, dava qualquer coisa pra gente, largava [...] (Entrevistador)” O que você aprendeu relacionado ao movimentar-se nas aulas de Educação Física?” (Silêncio de 12 segundos

olhando para cima procurando resposta) Eu aprendi (risos de deboche) eu aprendi a jogar futebol [...] “você está correndo errado, você não pode correr assim?” (Entrevistador) “Tinha certo e errado nas aulas de Educação Física?” (A1) Claro que tinha. “Você está correndo errado, você não pode fazer assim” [...] A Educação Física seria bom [...] se todas as aulas [...] a gente [...] pudesse se mexer talvez aí eu conseguiria estudar Educação Física [...] se todas as aulas a gente já se mexesse um pouco e fizesse as coisas a Educação Física não seria uma válvula de escape, e talvez [...] a gente conseguiria dar mais importância porque [...] se você, as aulas de Educação Física passa assim para segundo plano, assim como Arte e Música, porque ela vira uma válvula de escape, um negócio que você “ahhhhhh não quero mais, chega”!!! [...] De estudar, de coisa na sua cabeça, que você não aguenta mais de gente passando coisa prá você, você não aguenta mais sentar [...] (aula de Arte, Música e Educação Física) ocupam o espaço de [...] Válvula de escape?! Momento de, de prazer, sei lá, que você relaxa um pouco [...] se ele conseguir relacionar [...] o seu corpo, com o que você está fazendo, não simplesmente passar futebol [...]

(A2) Não sei precisamente (pausa), não sei explicar o que eu aprendi nas aulas de Educação Física [...] Estudava o movimento do corpo, jogos em equipes e estratégias [...] jogando e descobrindo e como você conseguia arremessar uma bola mais longe, qual momento era melhor para fazer o alcance da bola, como respirar para correr mais [...] fazer trabalho sobre jogos de vôlei, a história do vôlei, de outros esportes [...] Na Educação Infantil [...] a gente jogava muito pique-bandeira, queimada. No fundamental 1 seguia [...] a mesma linha com jogos e esporte [...] No Ensino Médio era dividido nos esportes também [...] Dança não, só quando era época de festa junina, e ginástica chegamos a fazer alguns exercícios com uma dupla no colchonete e só [...] Educação Física é muito mais técnica, voltada para o esporte, pro corpo, mas sem trabalhar a cabeça [...] fiz teatro e esse é o movimento que mais permanece comigo, é um movimento que liga tudo, trabalha com todos os sentidos, com todas as emoções, os movimentos do teatro é o que mais estão comigo [...]

(A3) Trabalho em grupo, você passar a bola, como eu não tinha amigos já ajudava [...] na festa junina a gente dançava e fazia interação com todo mundo, o movimento dá uma ligação, você se mexe sozinho, mas se você se

mexer com os outros tem um efeito maior, isso foi o mais marcante de lembrar e levar assim comigo [...] você vai aprender bater bola porque você vai aprender a jogar basquete [...] não porque você vai desenvolver, ver o seu movimento prá sabe, não teve isso, nunca. Foi sempre esportivizada, pesquisa esse bimestre sobre o Badminton, mas a gente nem jogava Badminton e nem fazia nada, era sempre vôlei, basquete, futebol e handebol [...] em Biologia, mesmo que você não se movimente nitidamente você entende porque que se mexe, igual agora a gente está aprendendo sobre sistema nervoso sobre as sinapses que ligam, ligam outro, ligam outro que chegam ao músculo, enfim, é uma coisa que dá um sentido a mais porque eu estou mexendo o braço, porque eu tô pensando, porque eu tô sentindo, então é uma coisa que vai fechando tudo e você vai entendendo, fica bem mais fácil [...]

(A4) Eu aprendi que a movimentação dentro da escola pode ser muito importante, ao contrário do que muitas pessoas acham, que escola não tem nada a ver com o movimento, eu acho que tem, e acho que a aula de Educação Física está aí prá isso, prá tirar um pouco do cotidiano do aluno chegar na sala, sentar, ficar olhando a lousa, anotando, prá correr um pouco, pra aprender de diferente maneira todo o conteúdo teórico que uma aula na lousa pode te dar [...] (Entrevistador) “Você estudava nas aulas de Educação Física?” Uhhh, não muito, não estudava muito [...] Educação Física e tá muito ligada a Biologia, então se você estuda Biologia a partir do corpo humano, do próprio movimento, você não deixa de estudar Educação Física, insulina, glucagon, essas matérias básicas que a Educação Física traz é, [...] tem muito a ver com Biologia.

(A5) [...] um pouco da teoria [...] em algum momento eles davam uma aula mais teórica prá gente entender os fundamentos [...] de que músculo a gente vai trabalhar, das regras de um jogo, um carrinho no futebol porque que pode machucar alguém [...] mas eu acho que a grande contribuição da Educação Física na minha experiência foi eu saber as limitações do meu corpo, saber usar forças, técnicas prá alcançar alguma coisa [...] (Entrevistador) “Você estudava nas aulas de Educação Física?” Como, estudava? Como assim? Olha, vou ser bem honesto como você, até o final do Fundamental 1 a Educação Física era um segundo intervalo para mim. Eu sempre gostei, mas eu não via como uma matéria, eu não conseguia reconhecer aquilo como por exemplo uma aula de Matemática, e hoje eu percebo o quanto que eu tava

enganado, né? [...] a partir do 1º ano eu comecei a perceber a importância da Educação Física [...] comecei a ver mais a importância da Educação Física, também na formação do aluno, assim como é a Matemática, como é a aula de Português [...]

Durante a primeira entrevista um tema surgiu logo na primeira resposta, e que não tinha sido contemplado em nenhuma das questões pré estabelecidas, o tema relacionado ao movimentar-se e a questão de gênero no ambiente escolar. A pergunta específica foi: “Ser menina(o), fez diferença na experiência relativa ao movimentar-se na escola?”

(A1) Sim, muita, muita, quando eu fazia Educação Física, os meninos se movimentavam melhor; aí como eu era uma menina frágil e pequena, eu não tinha ímpeto de mostrar que talvez eu fosse uma pessoa (fecha a mão mostrando como sinal de garra) [...]

(A2) Por uma questão histórica que considera que mulher tem que ficar em casa com uma vida sedentária para atender os desejos do homem [...]

(A3) Sim. Por ser mais devagar, por praticar menos esporte, no intervalo a quadra é dos meninos, aí eles vão jogar bola ou se você vai junto você morre [...]

(A4) Não sei se é uma visão preconceituosa a minha, mas isso é o que eu tenho visto desde que eu estou na 1ª série, eu vejo não uma facilidade, mas eu vejo que os meninos têm uma, não posso falar tendência, mas eu vou usar facilidade, uma facilidade melhor com a movimentação [...]

(A5) Acredito que sim [...]

Dois fatores se destacam entre os que responderam positivamente, primeiro uma questão biológica:

(A1) [...] nasce peito na gente né, aí você fica com vergonha de fazer certas coisas [...] modifica um pouco da gente. A gente começa a se fechar [...]

(A3) E como a gente aprende que a menina amadurece primeiro, acho que isso tem uma relevância porque a gente não leva tanto em consideração, não que a gente não dê importância, mas eles levam mais em consideração ... é melhor você ficar conversando do que você voltar toda suada prá sala, é uma coisa bem marcada nos gêneros ... Desde de quando vai começando a especificar o corpo, antes eu voltava toda suja pra casa, eu não tava nem aí, depois você vai se preocupando “ai gente eu não posso me sujar” [...] é porque eu sou menina.

(A4) Não sei se é uma visão preconceituosa a minha, mas isso é o que eu tenho visto desde que eu estou na 1ª série, eu vejo não uma facilidade, mas eu vejo que os meninos têm uma, não posso falar tendência, mas eu vou usar facilidade, uma facilidade melhor com a movimentação [...] eu via nas aulas de Educação Física [...]

Porém a questão de maior relevância para a diferença é de cunho sociocultural, segundo eles:

(A1) [...] a gente já tá preparada para saber que as meninas não jogam bem futebol [...] existe muito preconceito [...] (Como se manifesta?) A gente é frágil, a gente corre pulando, a gente não tem força, a gente vai jogar bola e faz tuuu (mostra com as mãos) a gente é meio lânguida (se afunda na cadeira) [...] O machismo, os professores tratarem os meninos e as meninas de maneira igual, não só os professores, mas os pais, tipo menino desde pequeno joga bola, menina, o que? Brinca de casinha [...] Meus sobrinhos, por exemplo, quando ele era bem pequenininho meu avô deu uma camiseta do Palmeiras para ele [...]

(A2) Por uma questão histórica que considera que mulher tem que ficar em casa com vida sedentária para atender os desejos do homem [...] os meninos não passam a bola porque pensam que mulher é ruim que a mulher não sabe fazer direito, e as meninas acabam tendo medo, e pouco interesse pelo esporte, muito grito para pouca ação [...] os meninos não passam a bola para as meninas a gente não sentia do mesmo time mesmo jogando com eles [...]

(A3) [...] no intervalo a quadra é dos meninos, aí eles vão jogar bola ou se você vai junto você morre [...] eu ficava com as minhas amigas [...] os meninos são muito fominhas, não passam a bola pra gente, então é uma coisa que influenciou bastante gente, a não estimular as meninas a fazer as coisas que a gente não tinha oportunidade [...] teve aula com o 7º ano, teve queimada [...] se for contar as vezes que eu recebi que eu peguei a bola foi uma, duas, uma coisa que sempre foi assim, a gente não vai acerta, ou a gente não tem a força ou a gente não corre prá pegar a bola, então a culpa é nossa, eles não passam a bola, mas culpa é nossa [...]

(A4) [...] nos esportes, quando tinha futebol na aula, os meninos sempre dominando a área e as meninas meio que ficando de canto, ou ficando mais tímidas prá jogar [...] isso tá muito relacionado ao estímulo que se tem quando você é pequeno em casa, o menino é sempre estimulado a jogar bola e tal, a fazer esporte, e as meninas nem sempre são estimuladas dessa forma, uma questão cultural [...] as meninas são tratadas [...] diferente dos meninos, os meninos é “joga bola” e tal, as meninas são um pouco mais resguardadas quanto ao movimento [...]

(A5) Acredito que sim, vou dar uma resposta mais pro lado social [...] a cultura tem grande papel nesse sentido de disciplinar a mulher de um jeito e disciplinar o homem de uma outra maneira, eu senti na pele que como homem eu era aceito socialmente em algumas extravagâncias que eu fizesse [...] a menina tem que ser algo mais centrado, e até mesmo prá assistir uma aula prá ficar parado [...] eu assisto aula até hoje meio desleixado, eu gosto de ficar relaxado, a mulher não, até inconscientemente cruza as pernas de um jeito mais portada [...] a limitação justamente pela cultura, pela símbolo da mulher ser uma pessoa mais centrada mais certinha, né? Acaba influenciando na movimentação [...] No Ensino Fundamental, por exemplo, tinha dias que era basicamente futebol, então eu jogava bola e as meninas, não é que elas não podiam jogar, mas elas por uma questão social mesmo não se aproximavam do jogo ficavam lá fora brincando com o bambolê, no estacionamento. Não é relacionado diretamente ao movimento, mas eu senti que houve uma especificação em alguns momentos de atividades mais masculinas e outras mais feminista.

Quando questionados sobre o que pode ser feito para que a relação seja equitativa responderam:

(A1) [...] Conversar talvez, fazer uma conscientização por exemplo, mostrar que o corpo do menino e corpo da menina, por mais das suas mudancinhas assim biológicas eles podem se mexer com a mesma agilidade, a mesma força, é só você saber usar seus músculos, e a gente não sabe usar os músculos, a gente não foi treinada para saber usar o músculo, prá saber chutar a bola [...] É um conhecimento muito incrível o que a Educação Física poderia fazer para a gente [...] eu não quis aprender [...] por uma questão também de eu querer na hora da aula de Educação Física brincar, sair correndo e não aprender a chutar a bola.

(A2) [...] Desde a Educação Infantil tem que inserir as meninas e dar um apoio para que todas. Porque desde pequenos as meninas são incentivadas a brincar de bonecas e os meninos a jogar bola e isso dá uma separação muito grande que permanece [...] Eu acho que podia ter uma coisa mais ampla, que você pudesse escolher para trabalhar isso, acho que deveria ser feito experiências em todos os aspectos. Tivemos muito pouca experiência com dança. A dança não tem nesta escola [...] Educação Física é muito mais técnica, voltada para o esporte, pro corpo, mas sem trabalhar a cabeça. Na dança acho que o movimento é mais calmo e que se vai construindo, e no teatro é mais dinâmico e o movimento se altera, nunca é o mesmo.

(A4) [...] prá gerar uma igualdade nesta questão da movimentação tem que vir desde cedo em casa [...] acho que tem que democratizar isso para todo mundo [...] interessante também, as meninas culturalmente também elas se interessem mais por esse viés da dança, do teatro [...] se tivesse uma proposta de dança ou artes cênicas que mistura no movimento, eu acho que seria legal também para as meninas, e pros meninos também.

2.4.2.4 O Movimentar-se na Vida Cotidiana

Vale recuperar a ideia de que a combinação entre locomover e manipular objetos é uma característica humana de movimentar-se no cotidiano. Ao projetar a vida cotidiana de um indivíduo seguramente suas tarefas diárias passarão por habilidades combinadas de locomoção, como andar, correr e saltar e/ou de manipulação, como carregar um objeto, utilizar alguma ferramenta, utensílio ou equipamento. Ao passar pela escola quais foram as experiências que permanecem no cotidiano dos entrevistados?

(A1) Eu tenho andado de bicicleta porque é uma coisa que eu gosto [...] eu faço coisas, movimentos que fazem sentido para mim, tipo andar de bicicleta, eu fazia ioga uma coisa boa [...] Antes eu vinha (para a escola) de ônibus, agora eu mudei de casa [...] eu venho de carro, só que eu volto de ônibus [...] eu gosto de arrumar a casa [...]

(A2) O que eu faço de movimento é ir para a escola de carro. Na escola fico sentada, no recreio eu como e fico sentada. Na hora de ir embora eu vou até o ponto de ônibus da Raposo [...] À tarde eu durmo [...] à noite faço as lições de casa, leio, mas se a diarista não vem em casa eu lavo a louça, tiro o lixo. Às sextas-feiras eu faço o teatro, que é o momento mais esperado da semana, apesar de ser desgastante porque já estou cansada da semana toda e fico até cinco e meia da tarde aqui.

(A3) Humm, a primeira coisa que me vem na cabeça é ir voltar pra casa [...] ando, pego ônibus, vou pro metro [...] minha vó a gente briga com ela prá ela fazer uma hidroginástica e fazer alguma coisa assim, ela fala “não eu limpo a casa todo dia, não sei o que”, mas é diferente você ter um propósito de limpar a casa e como consequência mexer o seu corpo e outra coisa você ter o propósito de mexer o seu corpo e como consequência melhor seu condicionamento físico, de não ser um sedentário [...] A gente aprendeu na escola, a ter uma Educação Física ser acostumado a uma vez ou duas por semana você fazer, você se mexer, você parar, sair da cadeira e ir lá correr, e fazer uma coisa e minha vó não, ela estudou a 1ª e 2ª série só [...] ela não enxerga essa necessidade que, que a gente tem hoje, que é colocada na nossa vida, tipo toda criança que vai para a escola faz Educação Física, ela precisa brincar, ela precisa correr, ela precisa se exercitar.

(A4) Eu sempre gostei de esporte [...] eu sonhava ser jogador de futebol [...] Aí com 15 anos eu entrei pro kung fu [...] Eu gosto de caminhar, então às vezes à tarde depois das lições às vezes antes de ir prá academia eu dou uma andada pelo bairro, faço uma caminhada [...] depois da caminhada eu vou para a academia ... me sinto bem andando, não é questão de saúde nem nada, eu sei que é saudável e tudo, mas eu gosto de andar, de ver o mundo, sabe?

(A5) O movimento é constante na minha vida cotidiana, nada do eu faça não exige movimento motor [...] mas o movimento no meu cotidiano ajuda bastante a fazer atividades de lazer [...] eu faço aula de bateria, agora que veio na minha mente eu percebo porque na bateria você usa os 4 membros, e o professor costuma dizer que o movimento da cabeça influencia na maneira que você vai tocar uma música dependendo da velocidade dela, e são 4 movimentos que embora ligados são totalmente independentes [...] é outro momento que eu sinto que eu estou explorando a minha capacidade motora.

Já quando questionados sobre quais as perspectivas futuras do movimentar-se do ser humano e a relação com a tecnologia contemporânea eles projetaram pontos positivos como:

(A1) [...] a gente vai conseguir fazer coisas incríveis [...] e dar saltos imensos e ter uma inteligência, pessoas que são paraplélicas começarem a se mexer [...] Eu sei pouco, eu sei o que passa no jornal, tipo o cara que chutou a bola na Copa [...]

(A3) A única coisa que me veio à cabeça foi o cara da Copa, o exoesqueleto, que não deram muita importância, mas pra pessoa que tava ali dando um passo ela paraplélica, foi [...] bom [...] eu acho que vai ajudar àqueles que realmente precisam [...]

(A4) Eu acho que o ser humano vai conseguir fazer coisas fantásticas [...] eu acho que é fantástico, uma pessoa tetraplélica que pouco andou na vida, se movimentou, de repente está dentro de um exoesqueleto.

(A5) Máquinas [...] é quase sinônimo para tecnologia. Eu percebo que tem pontos positivos e pontos negativos [...] uma prótese ou alguma parte mecânica, elétrica, eletrônica implantada no seu corpo que te permita vida

ou que te permita o movimento de alguma parte que você perdeu o movimento, eu acho que neste sentido é extremamente positivo [...]

E pontos negativos:

(A1) [...] eu acho que cada vez a gente vai perder o sentido corporal, a gente vai perder o sentido da gente porque a gente vai virar uma máquina [...] a gente vai virar mente, a gente não vai virar mente e corpo. Outro dia eu estava pensando, eu sou a cabeça ou eu sou meu corpo [...] perder a mágica da vida, porque vai ser tão fácil [...]

(A2) Eu imagino que vai ser possível acontecer o que foi retratado no Wall-E (filme da Disney e Pixar), sabe? Que as pessoas perdem os ossos e as ligações, ficando uma peça única. Isso porque a gente está preso muito a uma realidade totalmente teórica, tudo o que você tem que fazer é intelectual tem que fazer com a cabeça e o seu corpo vai perdendo importância [...] Tentativa de juntar mais essas duas coisas, eu não consigo ver muito bem trabalho intelectual e físico juntos somente em alguns.

(A3) [...] o que me veio à cabeça foi aquele filme do Wall-E, que ficam aqueles gordinhos sentados nas cadeiras, que não é uma coisa ligada ao corpo, mas eles não andam, é ligado [...] A máquina é a bateria de sua vida, sabe, e não é isso, você tem que se mexer, fazer suas coisas, senão você não vai conseguir fazer mais nada, se acabar a luz, se não tiver luz não vai ter máquina e não vai ter como você depender disso [...]

(A4) [...] eu acho que a gente está evoluindo [...] prá o homem ter que fazer cada vez menos esforço físico [...]

(A5) [...] o celular, o smartphome, que a sedentarização da vida pode chegar ao nível extremo hoje em dia [...] a partir do momento que a humanidade perde a capacidade de se comunicar frente a frente, ao vivo e a cores muitos dos propósitos da vida a gente vai perdendo né? [...] acredito que ao vivo seja a melhor opção mesmo em meio a tantas tecnologias que propiciam a relação entre pessoas [...]

Neste paradoxo dois deles foram afirmativos ao descrever o futuro de maneira mais negativa que positiva:

(A1) Eu tenho um pouco de medo do futuro [...] Eu tenho medo das máquinas assim, bastante [...] a gente não sabe mais o que é realidade, o que é realidade [...] passa na tela, isso me assusta.

(A5) [...] Eu acredito que o lado negativo esteja ganhando um pouco justamente neste sentido de sedentarização, individualismo extremo [...]

Além das considerações mais pessimistas sobre o futuro, também levantaram a questão econômica envolvida no acesso às tecnologias das máquinas que se beneficiariam as pessoas:

(A1) [...] pessoas que tem mais dinheiro vão poder se mexer melhor [...]

(A4) [...] Tem que ver só prá quem que vai ter acesso, né? Acessibilidade prá comprar [...] obviamente não é qualquer um que pode comprar um exoesqueleto, talvez ficará restrito.

(A5) [...] se você tiver dinheiro e os equipamentos necessários você pode não se mexer para mais nada, eu posso fazer muitas coisas daqui sentado...

2.4.3. Quadros de convergências e divergências dos dados analisados

2.4.3.1 Quadro 1 - Convergências nas respostas dos alunos entrevistados

A importância do movimentar-se para a vida humana

Sujeitos	Importância do movimentar-se para a vida humana	Importância do movimentar-se na história da cultura	Importância do movimentar-se para a própria vida	Como se movimenta na vida cotidiana	Como imagina o movimentar-se do ser humano no futuro
A1	Movimento é uma das coisas mais importantes	Quando o ser humano surgiu ele se mexia de uma forma funcional ... caçar	Toda. Sendo um ser humano eu tenho que trabalhar, e se eu não me mexesse eu seria uma pessoa muito triste	Eu tenho andado de bicicleta porque é uma coisa que eu gosto... eu faço coisas, movimentos que fazem sentido para mim	A gente vai conseguir fazer coisas incríveis ... e dar saltos imensos e ter uma inteligência, pessoas que são paraplégicas comecem a se mexer
A2		Movimento das mãos, esse movimento aqui (pinça e preensão)	Eu acho isso importante ... o movimento não significa somente físico, mas o movimento como um todo, da questão de você não estar parada		
A3	A base de tudo	Pegar as coisas nas árvores quando não tinha, enfim, ou caçar	Continuação da vida, desde a locomoção de sair da escola e ir pra casa		A única coisa que me veio à cabeça foi o cara da Copa, o exoesqueleto, que não deram muita importância, mas pra pessoa que tava ali dando um passo ela paraplélica, foi ... bom ... eu acho que vai ajudar àqueles que realmente precisam
A4	A importância do movimento para a vida humana é enorme, tudo o que você faz desde que você nasce requer movimento, movimento é essencial para a vida humana			Eu sempre gostei de esporte ... eu sonhava ser jogador de futebol ... Aí com 15 anos eu entrei pro kung fu ... Eu gosto de caminhar.	Eu acho que o ser humano vai conseguir fazer coisas fantásticas
A5	Eu acredito que seja de fundamental importância	A busca por alimentos		O movimento no meu cotidiano ajuda bastante a fazer atividades de lazer ... eu faço aula de bateria, agora que veio na minha mente eu percebo porque na bateria você usa os 4 membros	Uma prótese ou alguma parte mecânica, elétrica, eletrônica implantada no seu corpo que te permita vida ou que te permita o movimento de alguma parte que você perdeu o movimento, eu acho que neste sentido é extremamente positivo

2.4.3.2 Quadro 2 - Divergências nas respostas dos alunos entrevistados

A importância do movimentar-se para a vida humana

Sujeitos	Importância do movimentar-se para a vida humana	Importância do movimentar-se na história da cultura	Importância do movimentar-se para a própria vida	Como se movimenta na vida cotidiana	Como imagina o movimentar-se do ser humano no futuro
A1					Eu acho que cada vez a gente vai perder o sentido corporal, a gente vai perder o sentido da gente porque a gente vai virar uma máquina ... a gente vai virar mente, a gente não vai virar mente e corpo.
A2				O que eu faço de movimento é ir para a escola de carro. Na escola fico sentada, no recreio eu como e fico sentada. Na hora de ir embora eu vou até o ponto de ônibus da Raposo ... À tarde eu durmo ... à noite faço as lições de casa, eu leio, mas se a diarista não vem em casa eu lavo a louça, tiro o lixo	Eu imagino que vai ser possível acontecer o que foi retratado no Wall-E (filme da Disney e Pixar), sabe? Que as pessoas perdem os ossos e as ligações, ficando uma peça única. Isso porque a gente está preso muito a uma realidade totalmente teórica, tudo o que você tem que fazer é intelectual tem que fazer com a cabeça e o seu corpo vai perdendo importância
A3				Humm, a primeira coisa que me vem na cabeça é ir voltar pra casa ... ando, pego ônibus, vou pro metro	Eu acho que pode atrapalhar pra aqueles que não precisam, o que me veio à cabeça foi aquele filme do Wall-E, que ficam aqueles gordinhos sentados nas cadeiras, que não é uma coisa ligada ao corpo, mas eles não andam
A4		Eu imagino que isso aconteceu junto com a evolução do cérebro que permitiu que ele realizasse os movimentos que ele queria, então, o ser humano começou a precisar correr mais, prá ... escapar de um predador	Movimento é andar, locomover, que é a coisa mais importante que eu faço no meu dia-a-dia		E u acho que o ser humano vai se restringir muito a trabalhos mentais, vai exigir muito do cérebro ... usar cada vez menos a movimentação do corpo ... mas eu acho que a gente está evoluindo prá isso, prá o homem ter que fazer cada vez menos esforço físico
A5	Confesso que não é uma questão que eu penso cotidianamente		É do movimento que vem as coisas que eu gosto de fazer, por exemplo, a leitura de um livro por exemplo, praticar um esporte que eu gosto		Não pode esquecer a parte física mesmo, o movimento físico, eu acredito que não só biologicamente é ruim, mas socialmente

2.4.3.3 Quadro 3 - Convergências nas respostas dos alunos entrevistados
O movimentar-se na vida escolar

Sujeitos	Trajatória Escolar	Momento de maior liberdade para movimentar-se na escola	O que relacionado ao movimentar-se aprendeu na escola	O que relacionado ao movimentar-se aprendeu nas aulas de Educação Física
A1	Eu adorava ir pra escola.		Na aula de Educação Física os professores tentavam explicar que os nossos músculos ...	Eu aprendi a (riso) eu aprendi a jogar futebol, eu aprendi mais ou menos vôlei ... trabalho em grupo, trabalho coletivo de movimento em grupo ... eu fazia de qualquer jeito ... eu detestava, eu pegava, copiava, colava ... trocava as palavras, daí era ruim, eu tirava N ... mas não fazia muita diferença.
A2	Fui para o Colégio C., eles tinham um projeto bem semelhante ao do F.	No recreio. Quando eu era pequena a gente passava correndo basicamente o tempo inteiro	Teoricamente pouca coisa, talvez em algumas aulas ou em alguns trabalhos que passavam sobre Educação Física	Não sei precisamente (pausa), não sei explicar o que eu aprendi nas aulas de Educação Física ... fazer trabalho sobre jogos de vôlei, a história do vôlei, de outros esportes ... a gente jogava muito pique-bandeira, queimada. No fundamental 1 seguia ... a mesma linha com jogos e esporte ... No Ensino Médio era dividido nos esportes também
A3		No intervalo, na hora que eu chegava e na hora da saída, não tinha ninguém delimitando o que eu podia fazer com o meu corpo	Nas minhas primeiras escolas eu não lembro minha Educação Física ... eu começo a lembrar no M., era mais brincadeira, pega-pega ... A Educação Física era o único movimento que eu tinha, não na minha vida	Trabalho em grupo...Foi sempre esportivizada, pesquisa esse bimestre sobre o Badminton, mas a gente nem jogava Badminton e nem fazia nada, era sempre vôlei, basquete, futebol e handebol.
A4	Tinha alguma coisa que eu gostava que eu não encontrei em nenhum lugar que só tinha no G., acho que é o tratamento, os professores	Durante o intervalo (riso), correndo, principalmente quando eu era menor, o intervalo era prá correr, brincar, saia sujo rasgado, era um dos únicos momentos, tirando as aulas de Educação Física que a gente tinha essa liberdade prá correr na escola	Olha, eu lembro que eu tive na 2ª série, inclusive com o P. (professor de Educação Física), um trabalho sobre o movimento, ai tinha formas de equilíbrios distintas, esqueci do nome do projeto, eu acho que era “Na corda bamba”.	
A5	O F. foi, é, uma das coisas que eu mais gostei na minha vida, marcou demais, muito do que eu construí de identidade de produção foi graças ao F., devo muito a esse colégio		Saber usar seus movimentos de uma maneira mais efetiva, saber quando usar um movimento específico foi direto na minha vivência escolar	

2.4.3.4 Quadro 4 - Divergência nas respostas dos alunos entrevistados

O movimentar-se na vida escolar

Sujeitos	Trajectoria Escolar	Momento de maior liberdade para movimentar-se na escola	O que relacionado ao movimentar-se aprendeu na escola	O que relacionado ao movimentar-se aprendeu nas aulas de Educação Física
A1	Foi assim horrível, professora me maltratava, estava traumatizada	Na creche ... eu saia no meio do pátio imitando animal ... eu não ligava, sei lá eu era uma criança	Mas aí você vai crescendo aí, você ... fica sentado, se levanta já “aí meu deus você tá causando ... quando a gente vai passar prá manhã (Ensino Fundamental 2) eles falam “ah, porque agora a coisa vai ficar séria”. Eles fazem um discurso de que agora é sério, que agora então, sei lá, acaba ficando a imagem de adulto que a gente tem, sentado no escritório.	
A2			Nos outros momentos você fica sentada levanta a mão para fazer perguntas e usa os movimentos para escrever, e a boca para fazer perguntas. Também levanta para jogar papel no lixo	
A3	Eu estudei meio ano numa escola pública, que era uma várzea total		Na sala ... você fica no movimento básico de escrever, levantar a cabeça para ver a lousa, locomoção pouco, jogar papel no lixo, acho que por isso que a aula de Educação Física foi importante para mim e é importante nas escolas, porque é um momento na vida escolar que você sai um pouco da sala de aula	
A4				Eu aprendi que a movimentação dentro da escola pode ser muito importante, ao contrário do que muitas pessoas acham, que escola não tem nada a ver com o movimento, eu acho que tem, e acho que a aula de Educação Física está aí prá isso
A5		No período do Fundamental 1 ... a gente tinha ... 4 ou 5 aulas de Educação Física ... a gente brincava, corria, pega-pega, futebol, pique-bandeira ...	Uma hora que eu estou meio, sabe que eu preciso levantar, sabe?, me desligar um pouco da aula, eu levanto vou pro lixo jogar uma coisa fico lá um tempo, volto, mas eu sinto que a disciplina, a necessidade de você se mostrar disciplinado foi limitando, mesmo que não muito, essa questão do movimento em sala de aula.	Eu acho que a grande contribuição da Educação Física na minha experiência foi eu saber as limitações do meu corpo, saber usar forças, técnicas prá alcançar alguma coisa ... eu achar minhas limitações, de eu conseguir usar as minhas habilidades motoras para alcançar um objetivo

2.5 Reflexão sobre os Dados Analisados a Partir do Referencial Teórico

Quando indagados a respeito da importância do movimento para a vida humana na perspectiva educacional, histórica e do cotidiano de jovens - objetivo central da pesquisa - os alunos entrevistados declararam que movimentar-se é essencial, fundamental para a vida humana. A coluna 1 do Quadro 1 – convergências nas respostas dos alunos entrevistados – A importância do movimentar-se para a vida humana – mostra que quatro dos cinco entrevistados reiteraram de diferentes formas que o movimentar-se é essencial para a vida humana. Por outro lado, em comentários intercalados nas perguntas da entrevista, assinalaram que movimentar-se é algo banal, que no cotidiano passa despercebido e acaba sendo esquecido nos afazeres diários, e, por conseguinte, esquecido do quão importante é pensar sobre as consequências do movimentar-se para a vida humana, para a história da cultura, para a vida cotidiana e para o futuro.

Esses comentários coincidem com uma das hipóteses levantadas pelo professor Edison de Jesus Manoel durante o exame de qualificação, a de que movimentar-se é óbvio, portanto fundamental, porém os alunos tiveram dificuldades em contestar a esta pergunta de maneira clara, objetiva, com argumentação baseada em um repertório variado, com discurso coerente e consistente.

Analisando a síntese das respostas, nos quadros de convergências e de divergências (p.99-102) é possível destacar algumas relações entre: o movimentar-se com a sobrevivência, a cultura, a vida em sociedade, os sentidos/as sensações, com a locomoção, o pensamento, a comunicação, o ciclo vital, a biologia, a evolução, a subjetividade, a adaptação ao meio, com a tecnologia e a capacidade útil do movimento, a de ser produtivo.

Quando interrogados sobre o que aprenderam na escola e a importância do movimentar-se na história da cultura, ou seja, o conhecimento de fatos, conceitos e princípios relacionados ao tema, intensificou-se a dificuldade em responder ao questionamento, houve um aparente assombramento com a pergunta, uma grande dificuldade em articular a resposta, evidenciando uma vez mais a falta de repertório para lidar com o tema.

Ao analisar as respostas é possível verificar que a fluência da narrativa foi bastante entrecortada e travada, carregadas de expressões como: *“tipo, assim, sei lá, acho que, enfim, então”*; e perguntas que buscavam ajuda do entrevistador, como por exemplo, *“somos seres culturais, certo?”*, ou *“existiu, né?”*, ou ainda, *“como é que era mesmo?”*.

Talvez a resposta que sintetiza esta afirmação tenha sido “eu nunca estudei muito sobre isso, porque na escola a gente não tem muito” relatada por A4.

Quando se observa o quadro de convergências é possível afirmar que as narrativas foram direcionadas para uma relação entre a manipulação, a busca de alimentos e a sobrevivência, apontaram que movimentar-se era importante para caçar, pescar, pegar alimentos de árvores, ideias coincidentes com a perspectiva traçada por Kubrick ao criar o *homem-macaco* no filme “2001: uma odisseia no espaço” e aponta a importância do cérebro e da manipulação para o surgimento da humanidade (*dawn of man*):

[...] pedra na mão, porrete de ossos, faca de serra de maxilar de antílope, sovela ou adaga de chifre de gazela, tudo poderia, a partir de então, ser transformado em ferramentas. Essas eram as maravilhosas invenções das quais os *homens-macacos* precisavam para sobreviver [...] (eles) haviam recebido sua primeira chance. Não haveria segunda; o futuro estava, muito literalmente, em suas mãos” (CLARKE, 2013 p.50).

Nenhum dos entrevistados fez referência à locomoção bípede, diretamente, como importante para o movimentar-se humano neste contexto histórico, ou como um importante processo da evolução humana. Essa ausência de referência à locomoção bípede para Stanford (2004) tem sentido quando este afirma que a maior parte das pessoas concordaria que as verdadeiras marcas da espécie são o comportamento e a capacidade mental dos humanos, mais que sua anatomia.

Quando questionados sobre o papel do bipedalismo e sua relação com o movimentar-se na história, as respostas ficaram distantes, por exemplo, de estabelecer alguma relação entre o bipedalismo, a manipulação e o crescimento e desenvolvimento do cérebro, no que se refere a simples ordenação ou ao complexo conteúdo relacionado ao tema. O máximo que as respostas apresentaram foram algumas breves associações entre o bipedalismo e as mãos livres para manipular por um lado e por outro o uso das mãos e o crescimento do cérebro. Frente a essas frágeis conexões, cabe lembrar Foley (2003) ao comentar a questão temporal da história, e afirmar que é importante ter alguma noção da escala geral, já que isso ajudaria a compreender o intrincado quebra-cabeças do processo de hominização dos humanos.

Considerando a importância de dispor de uma noção da escala geral enfatizada por Foley frente à afirmação de A4 “eu nunca estudei muito sobre isso, porque na escola a gente não tem muito”, vale recordar Morin (2011b) e a relevância de se ter claro quais as perguntas

norteadoras para se iniciar o trabalho escolar relacionados aos temas complexos: o que é o ser-humano? o que é a vida? O que é a sociedade?

De modo geral houve um desconhecimento sobre o movimentar-se do ser-humano em seus aspectos históricos, ele aparece como um elemento fundamental para se viver, mas paradoxalmente aparece como um elemento banal, que passa despercebido, sem grande importância, algo como, basta estar vivo que um indivíduo se movimenta, algo automático, inerente a vida e que não carece ser estudado. Mas ao não se estudar o movimento pode assumir apenas seu lado utilitário e produtivo, como afirmou A1 em sua fala. Essa característica do movimento, ser utilitarista e produtivo, pode ser manipulada para algum objetivo obscuro, de esvaziamento do corpo, e conseqüentemente a alienação através da disciplinarização

[...] tornar o corpo útil tem como objetivo controlar o corpo, exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo no mesmo nível da mecânica - movimentos, gestos, atitude, rapidez [...] o objetivo do controle [...] uma economia, a eficácia do movimento, sua organização interna [...] processo [...] que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ (FOUCAULT, 2012, p.132-3).

Não perceber sua importância permanente é não observar a possibilidade de estar sendo disciplinado, útil, de ter o corpo elevado a condição de objeto, e o movimentar-se como simples elemento instrumental.

Após essa breve e fundamental introdução sobre o tema central da pesquisa de maneira livre e aberta em relação ao questionamento sobre a importância movimentar-se para vida humana, e do que aprenderam na escola referente ao conhecimento conceitual, a busca de fatos, conceitos e princípios sobre o movimentar-se na história da cultura, os questionamentos posteriores estiveram relacionados às experiências completas dos alunos, uma escuta de como viveram o movimentar-se na escola, o que permaneceu dessa experiência em suas vidas cotidianas.

O termo experiência completa refere-se aos tipos de conhecimento: conceitual, procedimental e atitudinal, as percepções, pensamentos e sentimentos, estava tudo permitido, e tudo era necessário para que os relatos levassem em conta o sujeito completo, holístico,

incorporado⁵, se não fosse dessa maneira não haveria sentido, tampouco existência, afinal de contas, sem as experiências corporais o Eu não existiria. (Cf. ARNOLD, 1979).

Para essa etapa os alunos entrevistados foram questionados sobre suas experiências sobre o movimentar-se no ambiente escolar, ao relatar suas experiências gerais, tratadas como trajetória escolar no quadro de convergências e divergências, os alunos fizeram poucas referências ao período de Educação Infantil - talvez pela distância na memória já um pouco mais distante - mas do pouco que disseram fizeram boas referências: A1 relatou que sua passagem pela creche foi maravilhosa, pois ficava muito pouco tempo na sala de aula, corriam pelo pátio, e A2 ao relatar que se movimentava mais na Educação Infantil que em outras etapas de sua vida escolar.

Das escolas que estudaram o Ensino Fundamental e Médio, incluindo a atual U.E, o Colégio F., os alunos relataram boas recordações de suas experiências, poucos foram os momentos de alguma incongruência com a instituição: A1 relatou dois desconfortos, um com a professora do 1º ano do Ensino Fundamental e seu bloqueio para seguir estudando e outro com um professor de Educação Física que, segundo ela, privilegiava os meninos em suas aulas em detrimento das meninas; A3 ao dizer que não teve boa experiência em uma escola pública dada a desorganização da instituição. No demais houve até passagens bastante representativas da boa relação com a instituição escolar: A5, por exemplo, exaltou o Colégio F., em suas palavras a experiência de estudar neste colégio foi uma das melhores coisas que aconteceram em sua vida, um lugar em que foi escutado.

Como relatado por A5 acima, de fato, o Colégio F. é uma instituição que prima pela liberdade de expressão por parte de sua comunidade, alunos, professores e pais tem um espaço de escuta, valor em comunhão com esta investigação que privou pela escuta dos alunos. Tanto que os resultados daqui obtidos serão levados para a instituição para que sejam apreciados, discutidos e, na medida do possível, considerados para possíveis fontes de transformações na organização do ambiente escolar (VER ANEXO 7).

Quando o tema foi o que aprenderam relativo ao movimentar-se na escola, o quadro de convergência mostra a associação direta entre o movimentar-se com as aulas de Educação Física, e quando questionados se as respostas estavam direcionadas ao entrevistador, professor de Educação Física do Colégio F., contestaram que não, disseram que fora das aulas de Educação Física suas vidas escolares eram restritas à sala de aula, aliás como mostra o quadro

⁵ Conceito livremente traduzido de *embodiment* (Cf. ARNOLD, 1979), para fazer referência ao indivíduo unificado, e romper com a tradição dualista cartesiana corpo e mente da tradição ocidental.

de divergências. Ambos quando analisados conjuntamente refletem uma dicotomia entre as aulas de Educação Física e o movimentar-se com as aulas na sala de aula e uma quase ausência do movimentar-se.

Dissecar essa relação, a dicotomia apresentada, é importante para compreender outro ponto fundamental dessa pesquisa: a importância do movimentar-se no ambiente escolar.

Os alunos entrevistados descreveram que na sala de aula seus movimentos eram mínimos, como escrever, levantar a mão para perguntar, abrir a boca para falar, ir ao lixo para atirar papel quando precisavam desligar um pouco da aula, afinal, ainda em suas palavras eles passavam de 5 a 6 horas presos dentro da sala, num ambiente monótono e sem o dinamismo necessário para que pudesse ser entendido como um momento apropriado para o movimentar-se.

Para alguns alunos a quase ausência de possibilidade de movimentar-se na sala de aula não foi percebida como intencional e uma forma de aprendizagem. Quando questionada se essa ausência de movimentos na sala de aula não era uma forma de aprendizagem A2 respondeu negativamente, e A5 afirmou que apesar da escassa possibilidade de movimentar-se na sala de aula ele tinha bastante liberdade de ação, liberdade descrita da seguinte maneira:

Eu acredito que a gente teve bastante liberdade sim, movimentos minúsculos como ficar de lado na cadeira, debruçar sobre a mesa não querer olhar prá aula ou até mesmo levantar e jogar alguma coisa no lixo, eu acho que neste ponto o movimento não foi tão restrito [...]

A construção dessa percepção é um processo lento que ocorre ao longo do tempo. É possível destacar alguns momentos representativos desta construção durante os rituais de passagem que manifestam um distanciamento da infância e uma aproximação da vida adulta

Nas palavras de A1:

[...] você vai crescendo aí, você vai, sei lá, você fica sentado, se levanta já “ai meu deus você tá causando e ahhhhhh” (levanta os braços) [...] quando a gente vai passar prá manhã (Ensino Fundamental 2) eles falam “ah, porque agora a coisa vai ficar séria”. Eles fazem um discurso de que agora é sério, que agora então, sei lá, acaba ficando a imagem de adulto que a gente tem, sentado no escritório.

Ou, nas palavras de A5;

O primeiro rompimento que eu senti [...] quando eu vim prá manhã, que foi como uma volta a 1ª série, “agora sou o mais novo dos mais velhos”, eu era pequeno e todo mundo era grande, parece que tem uma pressão sobre você que você começa a exigir de si mesmo [...] Acredito que esse tenha sido o momento em que eu senti que “mano agora eu preciso mudar” [...] eu percebi que não tinha mais essa possibilidade (de sair correndo no pátio).

A escola no que se refere à sala de aula, em sua organização de tempos e espaços - nas narrativas realizadas pelos alunos entrevistados - ainda permanece como uma fonte de disciplinarização e docilização dos corpos e conseqüentemente do movimentar-se, coincidindo com o que foi denominado anteriormente de disciplinadora por organizar/controlar o processo de aprendizagem em tempos e espaços estanques reiterando Foucault (2012, p.132-3).

Em contrapartida à sala de aula, na outra ponta da dicotomia, definiram a Educação Física como o momento da libertação do aprisionamento da sala de aula e de todos os processos disciplinadores vistos anteriormente, porém ao ser esse “agente libertador” a Educação Física foi descrita com características e contornos implícitos que pairam no imaginário dos alunos, como sendo o momento “não-sério” da escola. Definiram esse momento como a hora de brincar, uma atividade sem qualquer obrigação, uma aula executada com nada muito elaborado, algo como o segundo recreio do dia, ou nas palavras de A1, a válvula de escape:

Educação Física passa assim para segundo plano, assim como Arte “ahhhhhh não quero mais, chega”!!! [...] De estudar, de coisa na sua cabeça, que você não aguenta mais, de gente passando coisa prá você, você, não aguenta mais sentar [...] (aula de Arte, Música e Educação Física) ocupam o espaço de [...] prazer, sei lá, que você relaxa um pouco [...]

Dadas características fazem com que os alunos tenham uma relação com a Educação Física distante de um componente curricular, com algo para ser ensinado e algo para ser aprendido. Neste sentido a ideia dualista é reforçada, na sala de aula se estuda, nas aulas de Educação Física relaxa, enquanto a primeira cuida dos processos mentais a segunda dos corporais.

Ao lidar com esta organização a escola fragmenta o sujeito em corpo, que relaxa nas aulas de Educação Física, e mente que estuda na sala de aula, uma ideia coincidente com o que foi mencionado anteriormente como dualista (psicofísico) por conceber o sujeito dividido em corpo e mente (Cf. BUNGE, 1980).

Também fragmenta os espaços, a sala de aula é o local para aprender e a quadra espaço para brincar (no sentido exposto por A1 de relaxar). Neste sentido vale conferir a normativa da escola, descrita em seu Manual de Convivência, que define o uso da quadra como preferencialmente reservado às aulas de Educação Física. “Para usá-la outros professores deverão observar se está vaga ou entrar em entendimentos com os professores de Educação Física” (ANEXO 5), e trata também do uso dos espaços externos à sala de aula:

É muito comum os alunos pressionarem os professores para que os deixem realizar atividades no pátio, na quadra, no espaço convivência, no espaço tribuna etc. Nesses momentos é necessário ter bom senso e verificar se tal atividade requer mesmo um espaço maior. Assim, seria melhor restringir tais momentos a práticas que envolvam discussões em grupo, ensaios, elaboração de cartazes muito grandes, exercícios físicos etc. Lembramos, ainda, que ao decidir pela permanência fora da sala de aula, o professor deve informar a inspetora sobre o ano, os alunos e a atividade desenvolvida, bem como se responsabilizar para que tais grupos não perturbem o restante da escola e para que desenvolvam de fato seu trabalho. Os grupos devem se manter próximos do professor para que este consiga melhor acompanhá-los e orientá-los. Não permitir que os alunos fiquem soltos pela Escola. É importante, também, evitar as —negociações feitas com os alunos, tais como premiações por bom comportamento e trabalho realizado (por exemplo: —Se vocês terminarem no tempo previsto, sem bagunça, eu os libero para a quadra). (ANEXO 6)

Os tempos também são fragmentados, nas aulas da sala de aula o tempo é dedicado a estudar e a aula de Educação Física o tempo é dedicado a relaxar (no sentido exposto por A5, o segundo recreio).

Quanto ao controle temporal o Manual de Convivência aborda o tema com os seguintes termos:

Após o sinal de entrada para a primeira aula (7h20), haverá uma tolerância de 10 minutos para entrada com atraso em sala de aula [...] Haverá controle do

horário e caso o aluno chegue atrasado por 3 vezes no trimestre [...] Em ocorrendo reincidência, os pais serão solicitados a irem até a escola assinar um termo de compromisso.

Não há intervalo entre uma aula e outra, a não ser o previsto no horário. Portanto as trocas de sala deverão ser feitas com necessária agilidade. Não é permitida a entrada de alunos atrasados em sala após o sinal. Alunos atrasados somente poderão entrar com autorização da coordenação.

Dadas normativas sobre a organização do espaço e do tempo faz com que os alunos tenham poucas possibilidades, ou nulas, de movimentar-se, corroborando com o relato dos entrevistados ao afirmar que excetuando as aulas de Educação Física eles permanecem de 5 a 6 horas por dia dentro das salas de aula.

Mas se a Educação Física é compreendida pelos alunos como o momento de movimentar-se, relacionado ao brincar, ou o segundo recreio, percepção discordante da visão institucional, que entende a Educação Física com um componente curricular, assim como os demais, que tem algo para ensinar e que portanto os alunos têm algo para aprender, o que na percepção dos alunos entrevistados foi, afinal, aprendido sobre o movimentar nas aulas de Educação Física?

Quando questionados a respeito o quadro de convergências e divergências aponta diferentes percepções entre o que foi aprendido nas aulas de Educação Física. Enquanto as meninas tiveram dificuldades em identificar pontos importantes ou positivos referentes ao que aprenderam nas aulas de Educação Física, a fala masculina foi mais positiva em relação a suas aprendizagens que concernem ao movimentar-se neste componente curricular

Iniciando pelas meninas a fala de A2 representa, em partes, aquilo que foi respondido de maneira geral por suas colegas: *Não saberia dizer o que aprendi de fato nas aulas de Educação Física [...]*”

As tentativas que acompanharam a ideia de que pouco, ou quase nada, aprenderam neste componente curricular tentaram localizar algum tipo de conhecimento e descreveram movimentos técnicos (desempenho certo ou errado) que não trabalhavam a “cabeça”, realizados através de atividades baseadas em jogos esportivizados, principalmente o futebol, que segundo as próprias alunas entrevistadas, por uma questão cultural privilegiava os meninos, já que estes desde a mais tenra idade iniciam as habilidades motórias de correr e chutar, enquanto elas brincavam de bonecas. Para ela os momentos de aulas esportivizadas reforçam este traço da

cultura fazendo com que as meninas se movimentem menos, quer seja em quantidade ou qualidade em relação aos meninos nas aulas de Educação Física.

A ala masculina por sua vez conseguiu localizar importância neste componente curricular, A4 mencionou: *“ao contrário do que muitas pessoas acham, que escola não tem nada a ver com o movimento, eu acho que tem, e acho que a aula de Educação Física está aí prá isso”* e A5:

[...] eu acho que a grande contribuição da Educação Física na minha experiência foi eu saber as limitações do meu corpo, saber usar forças, técnicas prá alcançar alguma coisa [...] eu achar minhas limitações, de eu conseguir usar as minhas habilidades motoras para alcançar um objetivo [...]

Quando interrogados sobre o que estudavam nas aulas de Educação Física, relacionado ao movimentar-se, A5 contestou *“como assim?”*. De forma geral as respostas apontaram que o verbo estudar não está relacionado ao movimentar-se. Recuperando Freire, Soriano e De Santo (1988) no Ensino Fundamental os alunos já deveriam estar envolvidos com a aprendizagem sobre o movimento, um determinado conhecimento sobre implicações na escolha de uma atividade e não de outras, consequências do trabalho muscular para os sistemas respiratório e vascular, questionamentos sobre algumas atividades, brinquedos e jogos que a criança faz (ou deixa de fazer) fora da escola, ou lembrando Mariz de Oliveira (1991) o aluno não vai aprender a andar, a correr, a saltar na escola; é na escola, especificamente nas aulas relacionadas ao movimentar-se (Educação Física), que este aluno aprenderá as implicações dos movimentos de andar, de correr, de saltar, em todas as suas dimensões, o que é oposto a ir andar na escola, ir correr na escola, ir saltar na escola, até porque estas ações ocorrem deliberadamente na vida cotidiana da criança dentro e fora do ambiente escolar.

Já no final do processo de escolarização, nos três anos finais do Ensino Médio, os alunos, devem estar envolvidos de maneira mais enfática na aprendizagem para o movimento.

[...] deve ser assegurado que a criança e o adolescente tenham condições de demonstrar/exteriorizar não só o potencial motor, mas também, os conhecimentos que assimilou. Nesse período, os principais conhecimentos a serem ensinados aos alunos são os valores e as atitudes necessárias para a realização de atividades motoras. (FREIRE, E. S.; SORIANO, J.B.; DE SANTO, D.L., 1998, p.231)

Acostumados a estudar fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores, normas e atitudes relacionadas ao ser-humano em movimento, a realidade apontou que os alunos entrevistados associam estudar Educação Física aos trabalhos que realizaram durante suas experiências escolares. Ditos trabalhos teóricos relacionados com as regras de algumas modalidades esportivas ou com alguns aspectos históricos de algumas modalidades esportivas, muitas vezes, nem eram trabalhadas de forma articulada com as “práticas” que estavam vivenciando na quadra. Os alunos relataram que chegaram a fazer trabalho de sumô ou badminton sem sequer vivenciar algum aspecto das modalidades em questão.

Apesar de distantes do conhecimento relacionado ao movimentar-se do ser-humano, como apresentado anteriormente, esse modelo de Educação Física vivenciado pelos alunos entrevistados não causa nenhuma surpresa, recuperando a pesquisa realizada para investigar a característica do conhecimento da Educação Física para alunos da Educação Infantil, Mariz de Oliveira, Marchioreto e Oyama (1999a) ouviram afirmações do gênero: “eu estudava Português [...] eu estudava Matemática. Nas aulas de Educação Física o que você estudava? Estudar a gente não estudava, a gente só fazia brincadeira [...] Nas outras aulas a gente estuda; nas aulas de Educação Física a gente aprende a se divertir”, em uma alusão as outras áreas onde se estuda conceitos, procedimento e atitudes (intelectual) e a Educação Física fica com o papel de entretenimento ligado às “coisas” do corpo, mecânico, automático, que precisa ser domesticado, disciplinado, eficiente.

Mesmo sendo a primeira geração pós-RCNEI, que trouxe a questão do movimentar-se para a Educação Infantil, terminam o ciclo escolar respondendo as mesmas respostas dos alunos que cursaram Educação Infantil há quinze anos atrás. O que ocorreu desde então? Por que os esforços nesta área têm sido em vão? O que é necessário fazer para modificar tal quadro?

Na configuração atual - de organização escolar - a Educação Física se resumirá ao seu papel secundário: organizar jogos esportivizados e ensinar os alunos apenas a fazer movimento, próximo daquilo que é caracterizado pelo adestramento ou pelo treinamento, muito pouco perto da dimensão do que poderia ensinar a respeito no movimentar-se do ser-humano em todas as suas dimensões. Recordando Mariz de Oliveira (1991, p.09), aprender movimento não é de domínio exclusivo do ser-humano:

Se formos entender que na aula de Educação Física alguém vai aprender movimento eu diria que vamos cair naquela crítica de que aprender movimento relaciona-se também com adestramento de pessoas. Da mesma

forma que o ser humano aprende movimento, o urso aprende, o elefante aprende, a foca aprende.

O que fazer para mudar esse quadro? Nas palavras de A1:

[...] se em todas as aulas a gente já se mexesse um pouco e fizesse as coisas a Educação Física não seria uma válvula de escape, e talvez [...] a gente conseguiria dar mais importância [...] se todas as aulas [...] a gente tivesse sei lá, pudesse se mexer talvez aí eu conseguiria estudar Educação Física.

Quanto à questão do que relativo ao movimentar-se aprendido/vivido na escola permanece na vida cotidiana dos alunos, primeiro os entrevistados narraram qual a importância do movimentar-se para suas vidas. Responderam de duas maneiras bastante distintas, conforme apresentadas no quadro de convergências e divergências, uma mais coletiva e generalizadora, apontando para, se o movimentar-se é importante para vida humana também é para si próprio, por outro lado relacionaram a si próprios, nas ações que geram prazer individual.

Com relação a como se movimentam no cotidiano também houve divisão nas repostas: três alunos relataram atividades relacionadas principalmente ao lazer e o tempo livre, como andar em bicicleta, jogar futebol, sair para caminhar - a realização de uma ação cujo movimentar-se tem um valor intrínseco, ligado ao prazer em estar em movimento; outros dois entrevistados citaram apenas o movimentar-se como meio para a realização de tarefas cotidianas, como ir à escola, fazer lição, arrumar a casa, ações cujo movimentar-se ocupa um valor instrumental ou extrínseco.

Em ambas as questões as respostas ligadas a questões individuais e de valor intrínsecos foram citadas pelos meninos, enquanto duas meninas responderam de maneira genérica e apontaram ações de valor instrumental relacionadas ao movimentar-se no cotidiano.

Quando questionados sobre se houve diferença em relação ao movimentar-se em suas experiências escolares relacionadas ao gênero, todos afirmaram que sim, que os meninos têm alguns privilégios em relação às meninas. Desde aspectos ligados à questão biológica, como o surgimento dos seios como fator limitante, aos aspectos culturais, como a ligação dos meninos com a bola e delas com a boneca o que gera posteriormente uma supremacia nas aulas de Educação Física esportivizada.

No geral as respostas sobre a permanência de conhecimentos escolares em suas vidas cotidianas foram breves, e sem referência a algum conhecimento obtido em suas experiências

escolares. Talvez sem a percepção, como discutido anteriormente, que o que mais aprenderam nestes anos de confinamento nas salas de aula foi a ser disciplinados e dóceis, prontos para permanecer horas sentados, executando alguma tarefa do mundo do trabalho.

Com relação ao futuro, houve grande concordância de que a tecnologia contemporânea, como o exoesqueleto - citados por dois alunos entrevistados, próteses e similares - trarão benefícios fantásticos para recuperação dos movimentos, porém as narrativas também foram unânimes em afirmar que as tecnologias relacionadas ao movimentar-se do ser humano no futuro não trariam apenas benefícios. As narrativas apontaram para uma tendência das máquinas substituírem ações cotidianas executadas atualmente pelos humanos, alguns usaram o filme Wall-E como metáfora para descreverem o futuro do movimentar-se do ser humano, o extremo do sedentarismo, causado pela hipocinesia.

Máquinas realizando atividades antes humanas não é exclusividade do futuro, há tempos que máquinas veem substituindo tarefas exclusivamente desempenhadas através do movimento humano, e animal, porém os alunos apontaram para um futuro sombrio coincidente com a perspectiva retratada por Ciment (2013, p.91) ao fazer a crítica do filme “2001: uma odisseia no espaço”:

O objetivo da cibernética é substituir o homem pela máquina em todas as tarefas servis, em tudo o que é mecânico e intermediário [...] o homem seria então totalmente mecanizável e não haveria mais homem. Estas especulações não estão longe das de Arthur Clarke, roteirista do filme, que imagina um mundo povoado por robôs, onde as máquinas dominarão, simplesmente porque seu potencial é bem maior do que o do homem.

Esta perspectiva fortalece a dicotomia entre corpo e mente, seria o auge da visão cartesiana, os processos mentais operando máquinas enquanto o corpo humano transformando-se em um “objeto obsoleto” e pouco útil.

Perspectiva essa reiterada pelos processos escolares quando reproduz essa ideia de futuro no presente, descartando o movimentar-se dos alunos ao aprisioná-los nas salas de aula e privando-os dos conhecimentos e implicações do movimentar-se do ser humano, e toda a sua complexidade.

Neste sentido, para que o sujeito seja livre de fato, e a escola forme o cidadão pleno, não basta que o aluno tenha e aprenda na escola, apenas, e não menos importante, a liberdade de expressão, mas que o aluno também tenha e aprenda na escola a liberdade de ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação “A importância do movimentar-se para a vida humana: aspectos históricos, educacionais e do cotidiano” concretizou uma trajetória lavrada no Estudo do Movimento Humano ou Cinesiologia Humana, e neste percurso consolidou buscas para ampliar o olhar no sentido de compreender o ser humano e sua relação com o movimento.

O objetivo geral desta dissertação, “como qualificam suas experiências escolares relativas ao movimentar-se jovens que passaram pelo sistema de Educação Básica na cidade de São Paulo”, pode-se considerar plenamente atingido, ao partir da voz de alunos e escutar suas experiências relacionadas à complexidade do tema. Nas palavras de A5:

“[...] eu nunca tive [...] uma conversa assim, tão ampla sobre um conceito [...] tão presente [...] é tão presente que a gente não liga, que é a capacidade de movimento, a gente foi de evolução pra tecnologia, pra minha experiência pessoal, meu cotidiano, eu acho que a gente falou ... o que o movimento pode influenciar, não só pra mim, mas pra sociedade”.

Foi, por outro lado, um caminho difícil por descortinar a complexidade dos elementos dispostos na organização dos dados; seleção de recortes ilustrativos para compor um quadro de análise do percurso de como cada um vivenciou na escola, o que aprendeu sobre, e o que levou para seu cotidiano relativo ao movimentar-se.

Pesquisar essa população foi uma descoberta que atendeu à preocupação de encontrar uma forma inovadora para desvelar experiências e construir conhecimento sobre o que propicia condições para o movimentar-se expressivo e livre e o que o cerceia.

A análise evidenciou que mesmo com a mudança no RCNEI pouco ou quase nada foi dito, específico sobre a importância do movimentar-se na Educação Infantil. Como a mudança foi muito próxima a fase em que os alunos estavam cursando este ciclo outras pesquisas mais específicas serão necessárias para verificar se, de fato, o documento alterou a realidade deste período escolar.

Quando o tema é o período de escolarização que engloba o Ensino Fundamental e Médio ficou evidenciado que a escola organizada de maneira fragmentada em tempos e espaços fortalece o dualismo psicofísico (corpo x mente). Ao organizar o espaço da aprendizagem em salas de aulas os alunos reconhecem estes locais como ambiente de aprendizagem e de estudo,

importante e sério (mental); e os espaços externos, como a quadra, por exemplo, como o ambiente para brincar e se movimentar, relaxado e não-sério (corporal).

A percepção é similar quanto a organização dos tempos, o recreio e a Educação Física são entendidos como o momento para brincar e se movimentar, relaxado e não-sério; enquanto que as aulas em sala de aula, em que os alunos permanecem sentados a maior parte do tempo com movimentos limitados é o momento de aprendizagem e de estudo, importante e sério.

Nesta perspectiva, ficou evidente nas respostas dos alunos que quando questionados sobre o movimentar-se na escola o associaram diretamente com as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio, ao recreio e pouco, ou quase nada, a outros componentes curriculares, a outros espaços ou tempo (momentos) escolares.

O programa de Educação Física não foi associado, em nenhum momento, ao verbo estudar e seus aspectos correspondentes (leitura, interpretação, associação, etc). Os dados analisados, portanto, permitem considerar que movimentar-se na escola não foi estudado, permanecendo apenas na dimensão procedimental, brincar no recreio e nas aulas de Educação Física fazer uma série de movimentos, principalmente os relacionados a brincadeiras e jogos de tipificação esportiva.

A análise dos dados permite considerar que mesmo havendo esforços dos professores de Educação Física em modificar o quadro descrito acima, na tentativa de lidar com conhecimentos complexos em relação ao movimentar-se, para que este seja valorizado na escola, esses esforços terão que estar articulados com uma mudança curricular mais ampla, minimamente na apropriação dos espaços e utilização dos tempos pelos alunos em ações que envolvam o movimentar-se livre e criativo de maneira mais efetiva e constante no ambiente escolar. Recordando as palavras de A1:

A Educação Física seria bom [...] se todas as aulas [...] a gente [...] pudesse se mexer, talvez aí eu conseguiria estudar Educação Física.

A escola para ser libertária precisa dar liberdade para seus alunos e não apenas de expressão, alunos precisam de liberdade de ação, que se manifesta na liberdade de se movimentar pelo ambiente escolar, melhor ainda, se essa liberdade pudesse ser pensada em conjunto com a U.E e acolhida como um valor positivo pela comunidade, de outra forma, a escola estará fadada a seguir sendo disciplinadora, dualista e simplificadora, longe dos seus próprios ideais, geralmente traçados nas linhas iniciais de seus projetos pedagógicos: a formação do cidadão na sua integralidade.

Porém, é sabido que transformações são lentas e difíceis de serem executadas, neste caso específico, o da escola dar a importância necessária para o movimentar-se, um passo necessário e obvio, é reconhecer a própria importância do movimentar-se para a vida humana, para além da obviedade narrada pelos alunos, mas com a complexidade que de fato o movimentar-se representa para a vida humana, dos seus aspectos evolutivos, seus valores constitutivos (intrínsecos e extrínsecos), às suas implicações com a vida cotidiana.

Mas o que fazer, então? Três importantes questões terão que ser revisitadas e modificadas na organização curricular escolar para lidar com o movimentar-se em uma perspectiva sistêmica e complexa, (1) a substituição da visão cartesiana dualista e hierárquica mente e corpo, por outra monista, integrativa e holística; (2) o redimensionamento do currículo no sentido de suprimir a fragmentação curricular (de tempos, espaços e conhecimento) que isola e reduz por um tipo de organização baseada em uma pedagogia emancipadora e cidadã; e (3) o desaparecimento da Educação Física e o surgimento da Cinesiologia Humana, componente educacional responsável pelo conhecimento complexo relacionado ao movimentar-se do ser-humano.

As três transformações estão relacionadas entre si e tem como característica uma mudança paradigmática que implica em importantes consequências no que se refere a mudanças organizacionais e operativas em relação ao currículo escolar.

A primeira delas trate-se de uma questão quase que eminentemente paradigmática, a substituição do dualismo hierárquico (corpo e mente) para o monismo que lida com o indivíduo (a não divisão do sujeito). Pensando nesta questão, algumas experiências podem contribuir para superar o dualismo, Celestine Freinet, por exemplo, ao criar algumas de suas invariantes pedagógicas, defendeu a igualdade entre mente e corpo e que ambos deveriam ser igualmente privilegiados, para ele o comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional, e que não há indivíduo qualquer que goste de trabalhar sem objetivo, atuar como uma máquina, sujeitar-se a rotinas nas quais não participa. Dessa forma o aluno que está presente na escola é um indivíduo, e como tal deve ser tratado de maneira integral em todos os momentos de sua vida.

Neste sentido o movimentar-se deve ser entendido como (a) uma importante ferramenta de ajuda nos métodos de aprendizagem por um lado (valor extrínseco ou instrumental do movimento), e por outro (b) um elemento para ser aprendido em toda sua complexidade, em todas as dimensões do conhecimento, quer seja ele de natureza conceitual, procedimental ou atitudinal (valor intrínseco do movimento).

Quanto a segunda transformação, relativa a fragmentação curricular, para propor um redimensionamento do currículo é importante estudar as experiências no tempo e no espaço que possam orientar uma mudança paradigmática. Para traçar as perspectivas de transformações necessárias para a educação escolar neste século, é essencial revisitar, minimamente, algumas experiências realizadas nos últimos dois séculos.

Neste sentido é preciso compreender quais as características de clássicos relacionados à organização curricular e o (re)ligamento do conhecimento com tempos e espaços educativos, como ocorre na escola democrática de Summer Hill de Alexander Sutherland Neill, na pedagogia de projetos de John Dewey, na cidade educadora de Reggio-Emilia, na Escola da Ponte em Portugal, na Antroposofia e as experiências existentes nas Escolas Waldorf, assim como nas experiências brasileiras como nas Escolas Parque de Anísio Teixeira ou nos Ginásios Vocacionais de Maria Nilde Mascellani.

Dessas experiências vale destacar duas por suas características relacionadas ao rompimento com a fragmentação curricular em diferentes aspectos (conhecimento, tempos e espaços escolares). John Dewey ao propor o conceito de “aprender fazendo” e educação por projeto apresentou um modelo de educação na qual a aprendizagem é desencadeada pela inquietação relacionada a uma situação problema que sugere a investigação, à busca pela informação, à construção de novos conceitos e a seleção de procedimentos adequados, maneira pela qual o próprio processo é quem define quais os conhecimentos, tempos e espaços necessários para compreender, superar, afrontar a situação problema proposta.

Outra importante experiência, inventada no século passado, por Celestine Freinet, que foi transformada e segue sendo utilizada por diferentes escolas em diferentes situações de ensino, é a aula-passeio. Nela, em vez dos alunos cochilarem em frente a um texto sem sentido, eles saíam ao campo que rodeava a escola em busca de novas experiências. Essas novas experiências traziam novas formas de exploração e interação com o ambiente físico e social, a curiosidade despertava para o conhecimento, firmava os relacionamentos, possibilitava a ampliação da linguagem. O objetivo da aula-passeio é trazer motivação, ação e vida para a escola, já que para Freinet o mundo é mais interessante que a escola, e que portanto, fazia muito mais sentido buscar no mundo que os rodeava motivos para serem estudados na escola, um modelo de “aula” que unifica a estrutura do cotidiano pedagógico relacionado ao conhecimento, tempos e espaços de aprendizagem.

Os exemplos citados acima são poucos, porém representativos de experiências do passado que romperam com a fragmentação curricular, já que em ambos os casos, o conhecimento é entendido como o meio para solucionar problemas reais da vida cotidiana, e

que deve ser buscado em diferentes disciplinas em convergência para alcançar o resultado desejado, o tempo é destinado aos processos de aprendizagem, rompendo com as estruturas temporais estanques, transcendendo aos períodos letivos predeterminados, como as grades de horários semanais fixas, os trimestres letivos e a seriação anual, e o espaço escolar é o mundo, onde ocorre a vida cotidiana, é o ambiente interno ou o entorno da própria unidade escolar. Ambas são exemplos de experiências que convergem na direção de um currículo sistêmico e complexo que, em resumo, dão organicidade à vida escolar.

A terceira e última modificação é referente ao desaparecimento da Educação Física e o surgimento da Cinesiologia Humana como componente do sistema educacional. Vale ressaltar que o desaparecimento só faz sentido em correspondência com uma mudança de paradigma relacionada à organização curricular, caso contrário, na escola de característica dualista, disciplinadora, simplificadora, de organização curricular fragmentada em tempos, espaços e conhecimento, a Educação Física tal como descrita pelos alunos em suas entrevistas (esportivizada, recreio estendido, local para a prática de atividades, aula para brincar e não para estudar) faz sentido.

Já para uma escola com organização curricular sistêmica e complexa a Educação Física não faz sentido precisando necessariamente ser substituída pela Cinesiologia Humana. Para exemplificar que essa modificação é necessária, e que não se trata de um modismo fugaz e passageiro, Brown e Cassidy (1963), ao introduzir seu livro “Theory in Physical Education: A Guide to Program Change”⁶ descreveram no primeiro parágrafo da primeira página do prefácio a premência de uma mudança da Educação Física em direção ao Estudo do Movimento Humano ao tecer a seguinte consideração:

“O material deste livro foi desenvolvido como uma ponte entre a terminologia e conceitos mais antigos relacionados à educação física e a terminologia e conceitos mais precisos relacionados ao movimento humano” (Brown e Cassidy, 1963 p.07).

Dessa forma, a substituição da Educação Física pela Cinesiologia Humana não se trata de uma substituição simples, de uma pela outra. Para que faça sentido a Cinesiologia Humana deve fazer parte de um contexto escolar com organização sistêmica e complexa, cuja responsabilidade é coordenar, em conjunto com outras áreas do conhecimento, o movimentar-

⁶ “Teoria em Educação Física: Um Guia para a Mudança no Programa” – tradução do autor

se dos alunos na vida orgânica da escola, o que implicaria, a princípio, em pelo menos três responsabilidades básicas: (1) ajudar na coordenação da organização do espaço como um agente educador, como por exemplo, colaborar com o projeto arquitetônico inicial, ou com reformas, quando necessárias, para possibilitar que o movimentar-se dos alunos pelo ambiente seja seguro, saudável e educador; (2) participar da organização dos tempos destinados às mais variadas atividades escolares na busca de estabelecer o equilíbrio relacionado ao movimentar-se, para que os alunos possam ter liberdade de ação e ampliação de seu repertório motor, sendo respeitado suas características relacionadas à idade maturacional, sua identidade cultural e seus interesses individuais; e (3) atuar como um componente curricular com a intenção de selecionar, elaborar e ensinar o conhecimento específico relacionado ao movimentar-se do ser humano, cujo objetivo seria:

viabilizar ao aluno a aprendizagem relacionada com fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores, normas e atitudes referentes a conhecimentos sobre o movimento humano que permita-lhe, individual e intencionalmente otimizar suas possibilidades e potencialidades para movimentação genérica ou específica, harmoniosa e eficaz e, em correspondência a capacitação para, em relação ao meio em que vive, agir (interagir, adaptar-se e transformar), na busca de benefícios para sua qualidade de vida” (MARIZ DE OLIVEIRA, 2003 p.02).

Portanto a Cinesiologia Humana como um componente do processo da Educação Escolar Básica pode contribuir para a organicidade da escola, revelando as suas características de ser uma área de estudo integrativo ao estabelecer relações com outras áreas, colaborativa ao contribuir na organização do movimentar-se em espaços e tempos escolares, e um componente curricular ao organizar um programa de estudo relacionado ao movimentar-se do ser humano.

Isso posto, essa investigação permitiu consolidar algumas convicções, porém mais do que isso, os dados registrados e analisados trouxeram novas perguntas e outras possibilidades de investigação, como por exemplo: por que a escola, depois de tantas experiências e pesquisas que apontam o movimentar-se como elemento complexo e positivo para o desenvolvimento integral humano, continua com seus processos disciplinadores, que limitam e tiram a liberdade expressiva e criativa de seus alunos? Ou como organizar (selecionar, sistematizar) o conteúdo relativo ao movimentar-se que deveria ser ensinado pelo componente curricular Cinesiologia Humana?

Tais questionamentos convidam a novas pesquisas dentre as quais compreender a percepção do movimentar-se na escola para coordenadores e diretores escolares, ou como organizar um programa de Cinesiologia Humana na Educação Escolar Básica, ou ainda, caberia a possibilidade de investigar como escolas com organização curricular sistêmica e complexa lidam com o movimentar-se, de maneira genérica e específica.

Certamente pesquisas como essas abrem caminhos para inúmeras investigações que poderiam corrigir, modificar e ampliar o conhecimento relativo ao movimentar-se do ser-humano. A continuidade deste trabalho é uma proposta e um desafio mobilizadores para seguir nesta jornada extraordinária que é investigar o movimentar-se do ser-humano.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. O adolescente e a liberdade. In: ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Maurício. Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ARNOLD, P.J. Meaning in movement, sport and physical education. London, Heinemann, 1979.
- ARNOLD, P.J. (1993). Kinesiology and the professional preparation of the movement teacher. *Journal of Human Movement Studies*, 25, 203-231.
- ASHCROFT, F.M. A vida no limite: a ciência da sobrevivência. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- BATESON, G. Mente e natureza – a unidade necessária. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- BERTALANFLY, L. V. Teoria geral dos sistemas. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1975.
- BETTI, M. Opinião. *Boletim da APEF-SP*, julho/agosto, p.11-12, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRESSAN, E.S. 2001: The profession is dead - Was it murder or suicide? *Quest*, 31, 77-82, 1979.
- BROEKHOFF, J. A discipline who needs it? *Proceedings National Association for Physical Education in Higher Education*, Volume III, p. 28-35, 1982.
- BRONW C.; CASSIDY R. Theory in physical education: a guide to program change. Philadelphia, Lea & Febiger, 1963.
- BROWN, C. The structure of knowledge of physical education. *Quest*, 9, 53-67, 1967.
- BUNGE, M.: The Mind-Body Problem (Psycho-biological Approach). Pergamon Press, 1980.
- CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: A história que não se conta. Campinas, Papirus, 1988.
- CHEFFERS, J; EVAUL, T. Introduction to physical education: concepts of human movement. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1978.
- CIMENT, M. Conversas com Kubrick. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- CLARKE, A. C. 2001: uma odisseia no espaço. São Paulo, Aleph, 2013.
- COLL, C. Psicologia e currículo. São Paulo: Ática, 1996.

- CORTELLA, M. S. A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo, Cortez, 1998.
- CUNHA, M. S. V. Educação física ou ciência da motricidade humana? Campinas, SP: Papirus, 1991.
- CUNHA, M. S. V. Epistemologia da motricidade humana. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 1996.
- CURL, G. F. An attempt to justify human movement as a field of study. In: BROOKE, J. D.; WHITING, H. T. A. (Eds.) Human movement: a field of study. London, Henry Kimpton, 7-17, 1973.
- DAMASIO, A. O Erro de Descartes, Pan Macmillan, Abril 1995.
- DAMASIO, E o cérebro criou o homem. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- DAWKINS, R. A grande história da evolução: na trilha dos nossos ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DIAMOND J. Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas. 15ª ed., Rio de Janeiro, Record, 2013.
- FELSHIN, J. More than movement: an introduction to physical education. Philadelphia, Lea & Febiger, 1972.
- FERRAZ, O. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade - a questão da pré-escola. Revista Paulista de Educação Física, supl.2, p.16-22, 1996.
- FOLEY, R. Os humanos antes da humanidade: uma perspectiva evolucionista. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 40.ed., 2012.
- FREIRE, E. S.; SORIANO, J.B.; DE SANTO, D.L. O conhecimento da educação física escolar. In: I Congresso Latino-Americano de Educação Motora / II Congresso Brasileiro de Educação Motora, 1998, Foz do Iguaçu. Anais do I Congresso Latino-Americano de Educação Motora e II Congresso Brasileiro de Educação Motora. Campinas: UNICAMP/Faculdade de Educação Física/Departamento de Educação Motora, v. 1. p. 227-235, 1998.
- GAYA A. Será o corpo humano obsoleto? Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 13, jan/jun, p. 324-337, 2005.
- GUINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUINZBURG, C. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HARPER, B. et al. Cuidado escola: desigualdade, domesticação, e algumas saídas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1ª ed., 1980.

HENRY, F. M. Physical education: an academic discipline. Em H. S. Slusher, & A. S. Lockhart (Eds.), Anthology of contemporary readings: an introduction to physical education (pp. 281-286). Dubuque: Wm. C. Brown, 1966.

HENRY, F. M. The academic discipline of physical education. Quest, 29, 13-29, 1978.

JACOMELI, M. R. M. Políticas para o currículo da educação fundamental: a pluralidade cultural em tempos de globalização. In: LOMBARDI, C. J.; BITTENCOURT, A. P.; ROCHA MAGALHÃES, L. D.; ROCHA MAGALHÃES, C. (orgs.) História, educação e cultura. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

KUBRICK, S. 2001: uma odisseia no espaço. Stanley Kubrick, Turner Entertainment e Warner Bros. Entertainment, 2009.

LEAKEY, R. E.; LEWIN, R. Origens: o que novas descobertas revelam sobre o aparecimento de nossa espécie e seu possível futuro. 2ª ed., São Paulo: Melhoramentos, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

LIMA J. R. P. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. Revista Paulista de Educação Física, v.08, n.02, p.54-68, 1994.

MACHADO, N. J. Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo, Cortez, 1995.

MANOEL E. J. O que é educação física, texto não publicado, p.01-06, 1986.

MANOEL E. J. Primazia do movimento. Mover-se. Boletim Oficial do Instituto de Cinesiologia Humana de São Paulo, SP, ano3, n.01, jan-jun, p.02, 2005.

MARINHO, I. P. Introdução ao estudo da filosofia da educação física e dos desportos (8a. Parte - Tema para debate: nova denominação para o Professor de Educação Física – Educação Física, uma Expressão Inadequada, 213-231). Brasília: Horizonte, 1984.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Educação física escolar: construindo castelos de areia. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.5, n.1/2, p.05-11, 1991.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G., MARCHIORETO, F.; OYAMA, E. R. Educação física e conhecimento na educação infantil. Revista Consciência, Palmas-PR, n.13(1), p.41-60, 1999a.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Significado e objetivo da educação física no ensino fundamental. In: Anais do V Seminário de Educação Física Escolar, São Paulo: USP/Escola de Educação Física e Esporte/Departamento de Pedagogia do Movimento do Corpo Humano, p. 17-8, 1999b.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Cinesiologia humana (educação física) na educação escolar básica. Mover-se. Boletim Oficial do Instituto de Cinesiologia Humana de São Paulo, SP, ano 1, número inaugural, jul-dez, p.02, 2003.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Cinesiologia humana: entendimento do termo. Mover-se. Boletim Oficial do Instituto de Cinesiologia Humana de São Paulo, SP, ano 2, n.01, jan-jun, p.02, 2004.

MASINI, E.F.S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. Metodologia de pesquisa educacional. 4 ed., São Paulo: Cortez, 1989.

MASINI, E.F.S. Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisar em educação. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v.19, n.01, p. 71-8, jan-jun, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: WMF Martins Fontes, 4ªed., 2011.

MORIN, E. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento – 19ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre, Sulina, 2011b.

NEWELL, K. M. Physical education in higher education: chaos out of order. Quest, 42, 227-242, 1990.

NICOLEIS, M. Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebros e máquinas – e como pode mudar nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NICOLEIS, M. Mind in motion. Scientific American, p.58-53, September, 2012. Disponível em <http://www.natalneuro.org.br/noticias_brasil/pdf/2012-08-article-sciam-mind-motion.pdf> Acesso em: 09 mar. 2014.

PALHARINI, L. Conhecimento Disciplinar: (im)possibilidades do discurso sobre a problemática ambiental. Revista Pesquisa em Educação Ambiental, volume 2, nº2, p. 29-48, Ribeirão Preto, UFSCar – USP – UNESP, 2007.

RATEY, J. J., HAGERMAN, E. Corpo ativo, mente desperte: a nova ciência do exercício físico e do cérebro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

RENSHAW, Peter. The nature of human movement studies and its relationship with physical education. Quest, Champaign, n. 20, p.79-86, jun. 1973.

RENSON, R. (1989). From physical education to kinanthropology: A quest for academic and professional identity. Quest, 41, 235-256.

SAGE, G. H. The quest for identity in college physical education. Quest, v.36, p115-21, 1984.

SANTAELLA L. Revista USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas-SP, Autores Associados, 6ªed, 1997.

STANFORD, C. B. Como nos tornamos humanos: um estudo da evolução da espécie humana, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

TANI, G.; MANOEL, E.J.; KOKUBUN; PROENÇA, J.E. Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.

TANI, G. Perspectivas para a educação física escolar. Revista Paulista de Educação Física, 5, 61-69, 1991.

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v.03, n.02, p.09-50, 1996.

TEIXEIRA, L. A. Estudo da motricidade humana como fonte de ordem para um tema científico, uma profissão, e um componente curricular. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, v.7, n.1, p.77-91, 1993.

TREBELS, A. H. Uma concepção dialógica e uma teoria do movimento humano. Perspectiva, Florianópolis, v.21, n.01, p.249-67, jan.-jun., 2013.

TYLER, R. W. Basic principles of curriculum and instruction. Chicago, The University of Chicago, 1949.

WHITING, H.T.A.; WHITING, M.G. Editorial. Journal of Human Movement Studies, p.01-4, mar, 1975

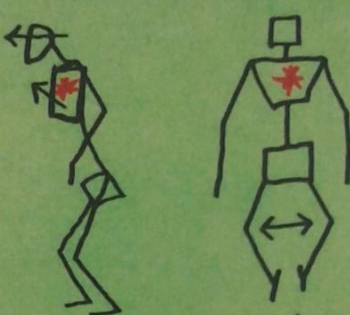
ANEXOS

Anexo 1 - Exposição Stanley Kubrick – “2001: uma odisséia no espaço” - Rascunho 1 –
 Descrição do movimento do homem-macaco (australopiteco) do filme

Dawn of Man

Movement of the Australopithecines

1) alignment:



DYNAMIC

Fluidity of movement -

Rag doll -

animal freedom

+ relaxation -

Ease w/ co-ordinated

ENERGY

*

Chest: up + forward to:

- a) pull torso up to fullest length
- b) give a forward lunge to upper torso w/ a slight sway in the back (lower torso + pelvis must remain relaxed)

Head: forward from the chin

Knees: completely turned out w/

feet: remaining parallel, 1 foot apart

Shoulders: lift slightly so as to allow the arms to hang freely

~~with~~

P.T.O.

WRIST
RAG 5367

Anexo 2 - Exposição Stanley Kubrick - "2001: uma odisséia no espaço" - Rascunho 2 -
 Descrição do movimento do homem-macaco (australopiteco)

Walk: Weight always remains forward over balls of feet and walk is based on transfer thru relief w/ ascent on the drop to the flat supporting foot with weight still over the ball

rhythm: [— v' — v' — v' — v']

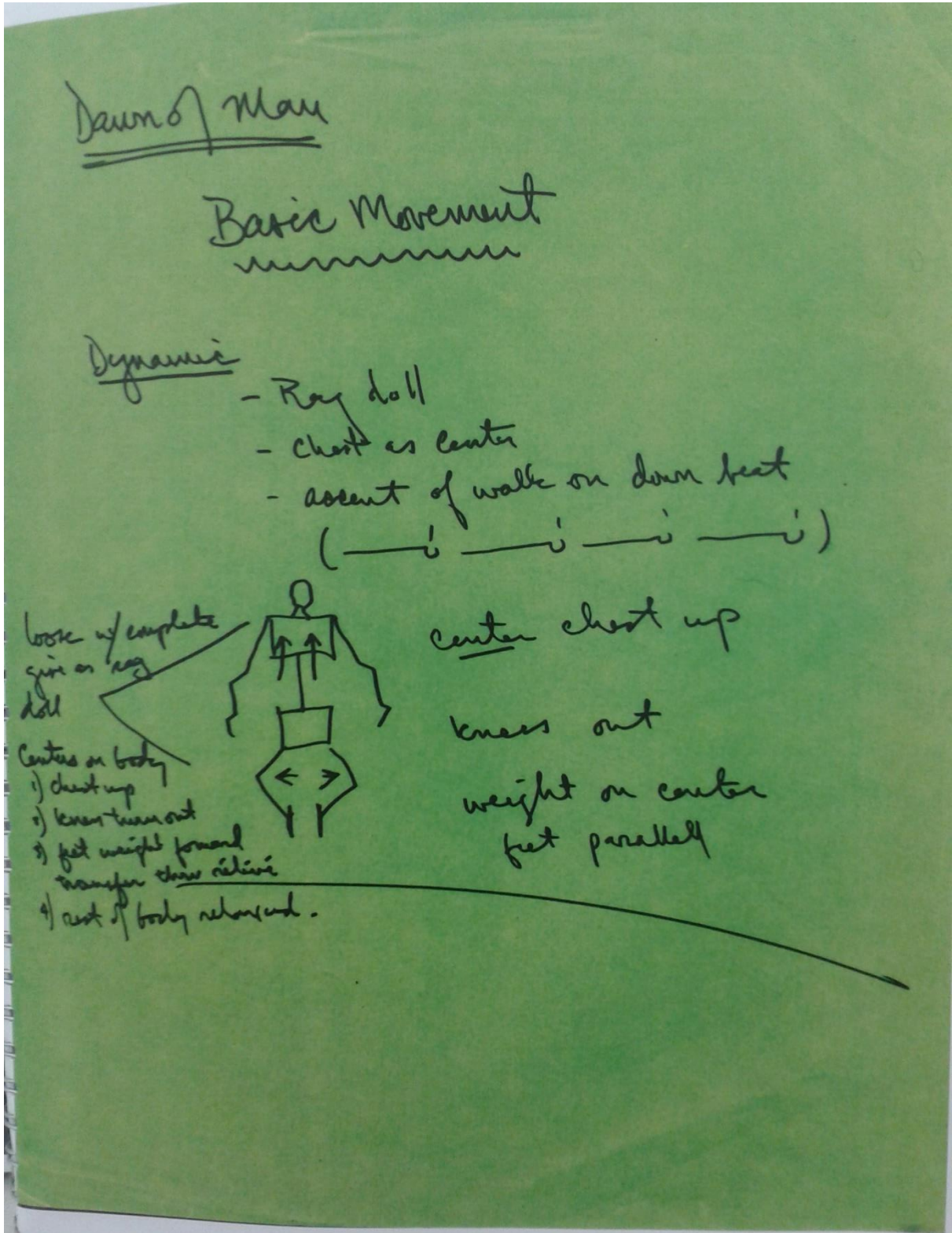
Arms remain hanging loosely in a flopping opposition w/ ascent coming from the opposite chest side leading forward toward the leading foot just before the ascent

Transfers: [up + down
side + tilts]

Center: is always chest producing elongated torso lower back + pelvis always as low as possible + secondary.



Anexo 3 - Exposição Stanley Kubrick - "2001: uma odisséia no espaço" - Rascunho 3 -
 Descrição do movimento do homem-macaco (australopiteco)



Anexo 4 - Exposição Stanley Kubrick - "2001: uma odisseia no espaço" - Rascunho 4 -
Descrição do movimento do homem-macaco (australopiteco)

Down of Man

Order of Basic training

- 1) Alignment
- 2) transfer
- 3) rhythms
- 4) positions (sit, transfers up + down)
- 5) activities + relationships .
- 6) script + character

Anexo 5 - Manual de Convivência – Organização Escolar - Colégio F.

A DIMENSÃO BIOPSÍQUICA

No Colégio F. as atividades corporais são consideradas imprescindíveis. Alunos e professores deverão fazer esforços para compreender o corpo não apenas em sua dimensão biológica, mas também em sua dimensão social e simbólica, buscando compreender os tabus e mitos que o cercam – sobretudo, nas questões da sexualidade, do amor, da reprodução, das fases de desenvolvimento etc. A busca de um equilíbrio harmonioso do sujeito enquanto um todo é meta da comunidade.

USO DA QUADRA ESPORTIVA

O uso da quadra é preferencialmente reservado às aulas de Educação Física. Se outros professores necessitarem desse espaço, deverão observar se está vaga ou, se for o caso, entrar em entendimentos com os professores de Educação Física.

No horário do intervalo, os alunos poderão utilizá-la para a prática desportiva, desde que haja entendimento entre os diversos grupos interessados, de modo a evitar conflitos.

A quadra será fechada todos os dias às 12h45. Nos dias em que não houver a 6ª aula no espaço, ou seja, no horário das 11h55 às 12h45, os alunos poderão usar a quadra.

Em semanas de provas a quadra permanecerá fechada.

É proibido comer e beber dentro da quadra.

EDUCAÇÕES FÍSICA

O aluno deverá estar devidamente uniformizado para a prática das aulas de Educação Física, ou seja, até o 9º ano os alunos devem estar vestidos com o uniforme do Colégio e, no ensino médio, deverão usar a camiseta e roupas que propiciem elasticidade, conforto e segurança (tênis, short ou agasalho de moletom, tactel ou elanca).

Caso o aluno não esteja devidamente uniformizado, não desenvolverá as atividades propostas na aula, recebendo falta. Cabe ainda ao aluno e ao professor preservarem o material utilizado na prática esportiva.

A participação efetiva dos alunos nas aulas de Educação Física está condicionada à apresentação de atestado médico.

Anexo 6 - Manual de Convivência – Organização Escolar - Colégio F.

ALUNOS FORA DA SALA DE AULA

É muito comum os alunos pressionarem os professores para que os deixem realizar atividades no pátio, na quadra, no espaço convivência, no espaço tribuna etc. Nesses momentos é necessário ter bom senso e verificar se tal atividade requer mesmo um espaço maior. Assim, seria melhor restringir tais momentos a práticas que envolvam discussões em grupo, ensaios, elaboração de cartazes muito grandes, exercícios físicos etc. Lembramos, ainda, que ao decidir pela permanência fora da sala de aula, o professor deve informar a inspetora sobre o ano, os alunos e a atividade desenvolvida, bem como se responsabilizar para que tais grupos não perturbem o restante da escola e para que desenvolvam de fato seu trabalho. Os grupos devem se manter próximos do professor para que este consiga melhor acompanhá-los e orientá-los. Não permitir que os alunos fiquem soltos pela Escola. É importante, também, evitar as —negociações feitas com os alunos, tais como premiações por bom comportamento e trabalho realizado (por exemplo: —Se vocês terminarem no tempo previsto, sem bagunça, eu os libero para a quadra).

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES QUANTO AO HORÁRIO - PERÍODO MATUTINO

Após o sinal de entrada para a primeira aula (7h20), haverá uma tolerância de 10 minutos para entrada com atraso em sala de aula. Após este prazo, os alunos só poderão entrar em sala na 2ª aula, às 8H10. O ingresso na escola após às 8H10 somente poderá ocorrer em casos específicos comunicados com a devida antecedência à coordenação. De qualquer forma, o aluno somente poderá entrar no colégio, no máximo, até às 8H10.

Haverá controle do horário e caso o aluno chegue atrasado por 3 vezes no trimestre, receberá uma advertência. É importante saber que alunos atrasados após o recebimento da 3ª advertência, somente poderão entrar no colégio mediante justificativa escrita dos responsáveis. Em ocorrendo reincidência, os pais serão solicitados a irem até a escola assinar um termo de compromisso.

Não há intervalo entre uma aula e outra, a não ser o previsto no horário. Portanto as trocas de sala deverão ser feitas com necessária agilidade. Não é permitida a entrada de alunos atrasados em sala após o sinal. Alunos atrasados somente poderão entrar com autorização da coordenação.

Anexo 7 - Manual de Convivência – Organização Escolar - Colégio F.

A CONTEMPORANEIDADE – Estamos passando por um momento histórico em que se está operando uma radical virada nos modelos de conhecimentos, nos conteúdos, na própria vida social e tecnológica. Tudo está sendo questionado. Por outro lado, o cidadão comum vive imerso num mar de linguagens alienantes – que vai desde o CONSUMISMO DESENFREADO ao próprio universo tecnológico da atualidade. Compreender e teorizar sobre nosso mundo é uma das metas dos Educadores do Colégio F. Queremos saber: QUE ARTES, QUE LITERATURAS, QUE CIÊNCIAS, QUE CONHECIMENTOS SE PRODUZEM EM NOSSO TEMPO.

Nesse sentido, todas as contribuições dos alunos, dos pais, da comunidade em geral serão bem-vindas.

ENTREVISTAS

Roteiro de Perguntas

- 1) Como foi sua trajetória escolar?
- 2) Qual a importância do movimento para a vida humana?
- 3) Qual a importância do movimento para a sua vida?
- 4) Levando em consideração os seus estudos na Educação Básica, o que você sabe sobre a evolução do movimento do ser humano? Como ocorreu?
- 5) O que relativo ao movimento você aprendeu na escola?
- 6) Em que momentos você tinha maior liberdade para se movimentar na escola?
- 7) O que você aprendeu relativo ao movimento nas aulas de Educação Física?
- 8) Fale sobre o movimento em sua vida cotidiana?
- 9) Como você imagina o futuro do movimento do ser humano levando em conta as teorias biocibernética (hibridismo humano-máquina)?
- 10) O que eu não te perguntei mas você gostaria de falar a respeito do tema?

Entrevista 1 – A1

E: Como foi sua trajetória escolar?

Desde a 1ª série? Eu entrei na Educação Infantil em 1990 na Creche O., aí eu gostava muito deste lugar, passei muitos anos da minha vida, quando eu tive que sair eu fiquei muito triste, eu conhecia muitas pessoas lá, e eu adorava ir pra escola. No 1º ano eu ia pro F., mas fui para a mesma escola da minha irmã que era o J., e foi assim horrível, porque eu adorava ir pra escola e quando eu entrei lá, a creche era construtivista aquela coisa, e o J. era estilo Anglo, e ele era muito ruim, a professora era idiota, ela me maltratava porque ela não gostava de mim. Ela chegava na escola e falava todo mundo de cabeça baixa, não sei o que. (Aluna mostra a posição que a professora pedia para que ficassem). Enquanto ela chegava e prepara as coisas dela a gente permanecia de cabeça baixa. Ai meu Deus o que que é isso, é assim que é a escola, ok. Ela era burra prá caramba, ela escreveu um negócio eu estava acabando o ditado, ela falou quem não acabou o ditado acaba agora e nam, nam, nam aí eu acabei e olhei para a lousa e não entendia nada, primeiro ano, aí eu falei professora eu não entendi você pode me explicar? Ela falou “não você não prestou atenção na explicação agora lê a lousa que você entende” (risos). O que? Aí eu parei de ler, parei de fazer tudo, eu não estudava, não fazia nada. Ela castigava a gente, era horrível. Minha mãe vendo toda essa coisa, a professora falando que eu era atrasada, minha mãe me tirou e me colocou no F. Eu já tinha alguns amigos aqui que estudaram comigo na creche. A Andreia falou que eu estava traumatizada, eles conseguiram me conduzir, eu comecei a ler de novo. Com o J. eu parei de ler e com o F. eu comecei a ler de novo comecei a gostar de ler, só que aí tinha um problema outro, tinha um professor chamado Z., de Educação Física, ele era muito chato, não dava atenção para as meninas e só ficava jogando futebol com os meninos, dava qualquer coisa prá gente, largava. Eu sempre gostei de correr, me mexer, etc., aí eu comecei a não gostar mais, e eu sempre achei que era a maior boa, assim, aí eu descobri que eu era uma porcaria. Na 3ª série a gente começou a se rebelar, a gente ficou com o Z. vários anos, eu parei de gostar de Educação Física, parei de me empenhar. No 7º ano a gente começou a ter aula com o F., era divertido,

E: Teve um corte na Educação Física no 7º ano?

É acho que sim, a gente tinha aula com o F. que era divertido, só que daí não podia fazer aula de calça jeans, eu vivia de calça jeans e eu não podia fazer aula de Educação Física. Aí eu comecei a continuar não me dedicando a Educação Física.

E: Você está me falando muito da Educação Física, porque eu te falei que eu sou um professor de Educação Física ou na sua trajetória escolar a Educação Física foi muito marcada?

Foi bastante marcada.

E: Vamos entrar no Ensino Médio.

Ok, foi assim saiu o F. e entrou o J., que era chato prá caramba, mandava um monte de trabalho prá gente fazer sobre sumô, essas coisas. Aí eu achava maior chato e eu não fazia. Ele mandava a gente ficar dentro da sala de aula e era uma porcaria porque eu achava que, sei lá, aula de Educação Física era o momento em que você podia correr pular, fazer várias coisas, mas não, aí era chato, e também tinha outra coisa, assim, antes de eu não gostar de Educação Física eu achava que eu era maior boa, aí eu fui vendo que eu era uma pessoa muito ruim.

E: Ruim em que?

Em me mexer.

E: Como assim? Dá um exemplo

Ah! Tipo eu entrava em pânico, porque você estava jogando futebol aí a bola caía no meu pé, eu entrava em pânico, não sabia que fazer, eu ficava ai meu deus prá quem eu chuto, ai, ai, ai.

E: Isso no futebol, mas se você tivesse uma aula relacionada à expressão corporal?

Eu achava legal.

E: O pânico diminuía.

Sei lá, por conta de eu conseguir jogar futebol. Jogo coletivo eu não consigo fazer muito bem direito, principalmente futebol, basquete, acho que por conta dos bloqueios que eu tive na minha formação. E sei lá, as pessoas também reforçavam um pouco essa coisa de eu ser muito ruim.

E: Então vamos entrar nestas questões.

Espera aí.

E: Verdade o Ensino Médio.

Entrou o D., ele era mais legal assim, ele queria fazer a gente se movimentar e tal, ele tentava ensinar alguma coisa, só que toda aula eu saía triste, quase em depressão.

E: Por que?

Porque eu sou ruim, e era chato, e era triste, péssimo, aí no 3º colegial não tem mais aula graças a deus, e eu sou uma pessoa mais feliz e completa desde então.

E: Vamos lá entender essa completude então. Qual a importância do movimento para a vida humana?

Movimento é uma das coisas mais importantes assim, uma pela sobrevivência, porque se a gente ficar parado a gente não ia sobreviver, e a gente tem um corpo, certo? A gente precisa usar, tipo o movimento faz que nosso corpo seja útil para várias coisas, aí a gente antropologicamente falando acho que dependendo do grupo a gente se identifica com grupos culturais com outros não.

E: Dá um exemplo.

Sei lá, dançar. Tem o hip hop, se eu dançar o hip hop eu vou me identificar mais com pessoas que dançam hip hop, se eu for uma pessoa mais clássica e tipo gostar de dança de salão eu vou me identificar com as pessoas, e tipo as pessoas vão olhar para mim e se identificar comigo por como eu me mexo. Prá você se integrar na sociedade você precisa se mexer de acordo com aquilo. Por exemplo, eu não me mexia de acordo com o resto das pessoas, por isso eu sempre fui escolhida por último em todos os jogos, eu fui deixada de lado a minha vida inteira porque eu não me mexo de acordo (risos), e, eu acho que tanto pessoas que não se mexem são consideradas inválidas, o corpo tem uma importância útil de produção de coisas, etc., então eu acho que movimento é uma das coisas básicas assim pra gente sobreviver.

E: E para a sua vida. Qual a importância do Movimento para a sua vida?

Prá minha vida? Toda. Sendo um ser-humano eu tenho que trabalhar, e se eu não me mexesse eu seria uma pessoa muito triste porque eu não poderia, vamos supor, ter um grau de independência que eu tenho, de eu conseguir pegar aqui, e eu até poder dançar, e me fazer alegre, me fazer triste, me expressar, eu sou uma pessoa que se expressa muito através do movimento, então acho que o movimento dentro da minha vida é muito importante.

E: Você fez um paralelo entre “eu ser expressiva e as aulas” e você falou também “eu adoro movimento eu sou expressiva, etc., sou muito ruim, você terá que explicar isso aí, mas anterior a isso eu quero saber: Levando em consideração os seus estudos na Educação Básica, o que você sabe sobre a evolução do movimento do ser humano? Como ocorreu?

Eu acho que quando o ser-humano surgiu ele se mexia de uma forma funcional, tipo dança do acasalamento, tinha uma função específica, etc., aí eu acho que quando ele começou a ver que o movimento ele tinha uma, um poder de atuar muito fortemente nas outras pessoas, e por exemplo quem se mexe melhor, sei lá, tem mais possibilidade de se reproduzir, ser mais forte, eu acho que começaram a tentar, culturalmente talvez, tipo lapidar essas coisas, aí ao longo disso o movimento, foi, foi, foi criando suas, sei lá foi criando tipo, mais que uma função, ele foi ganhando mais espaço na cultura, não só instintivamente, mas tipo ele passou a (silêncio)

E: Você consegue identificar essa passagem?

Você caçar, você reproduzir não sei o que, que a gente já herdou dos outros animais que se mexem, que dançam, que caçam, que correm, só que daí com a cultura, nós somos seres culturais, certo? A cultura ajudou a gente a ir evoluindo os movimentos prá mais de uma função, sendo que daí ele começa a influir nas nossas formas de relação.

E: O ser-humano é o único primata bípede, como isso ocorreu?

Evolução direcional, sei lá. Hum, o fato de a gente ser bípede proporcionou a gente poder construir as coisas, tipo, porque a gente não tá assim (faz movimento com os braços indicando quadrupedia), a gente tem muito mais acesso há várias coisas, e eu acho que prá cultura isso foi importante porque, por exemplo, a gente tem meio que uma coisa com os outros animais que rastejam e ficam perto do chão assim, e a gente se diferencia do resto pelo fato da gente ser bípede, eu não sei como isso aconteceu, tipo os animais que foram, que tinham a coluna um pouquinho mais assim (mão direita mostra no sentido vertical) tinham mais chance de reproduzir, de comer outras coisas, aí eles foram cruzando com outras pessoas que tinham mutação e foi assim. Ah! Uma coisa, o fato de o movimento ser lucrativo teve uma grande importância porque, tipo festival de dança, a partir do momento em que você consegue tirar o capital do movimento você vai tentando aperfeiçoar e vai tornando ele diferente do resto prá você conseguir vender e não sei o que, essa coisa do novo, novo, novo, aí a gente conseguiu evoluir o movimento de uma maneira estranha, e sei lá ela passou a ser uma coisa muito mais, sei lá tipo uma importância além do que talvez fosse necessário.

E: O que relativo ao Movimento você aprendeu na escola?

Na aula de Educação Física os professores tentavam explicar que os nossos músculos, nam, nam, nam, só que.

E: Desde de o segundo ano? Aqui no F. sempre houve essa preocupação?

C: Ah! assim, eu esqueci de falar que eu fiz natação, quando eu fazia natação o professor falava, gente pense no que vocês estão fazendo.

E: A natação foi fora da escola?

Foi, fiz uns quatro ou cinco anos, era divertido, ele falava prá gente pensar no que estava fazendo, nam, nam, nam, alguns professores quando eles queriam causar na nossa, eles falavam “vocês estão causando demais na aula, a gente vai ter aula expositiva, nam, nam, nam”. O J. parava várias vezes e dava aula expositiva prá gente explicava como é que funcionava não sei o que, o outro professor o D. explicou também, só que o R. de Biologia falou também algumas coisas do ácido pirúvico e não sei o que, só que pra mim o R. é muito mais, eu consigo muito mais visualizar do que os outros professores, porque eu não sei, eu não acho que eles não são muito didáticos, porque eles dão um monte de nome estranho e não explicam muita coisa assim, explicam tipo “oh, você mexe aqui, nam, nam, nam e. O que eu vejo o professor de Educação Física faz uma aula expositiva só que ele não linka (link – ligar) de uma forma positiva com a aula outra, na quadra, então você esquece o que você aprendeu porque você não usa quando você está fazendo esporte, você não tem consciência do seu movimento, por mais que você tente, por mais que você tentasse, a gente num, num é muito preparada para prestar atenção no nosso corpo, eu comecei a ter consciência do meu corpo com a ioga, né? É uma coisa doida porque eu nunca tive consciência, eu sei lá, que tipo, do corpo, o corpo é uma coisa muito estranha e a gente não está preparado para perceber isso, eu acho que se os professores com as aulas expositivas falassem do movimento e não sei o que, fizesse a gente tatear (toca o braço para ilustrar), pegar um corpo humano e, ah, na 2ª série a gente trabalhou equilíbrio e o professor também falou várias coisas, mas eu não lembro muito bem. Eu acho que se eles fizessem uma aula guiada prá gente prestar atenção mais, e não só, não sei, acho que seria mais proveitoso.

E: Eu falei de Movimento na escola e você falou somente das aulas de Educação Física, você só associa Movimento às aulas de Educação Física?

É porque no resto das aulas a gente passa na sala de aula, e assim, eh, bom assim, eu sou uma pessoa que se mexe né? Eu me mexo muito na sala, mas a maior parte a gente passa sentado.

E: Desde pequena até o Ensino Médio?

Na creche a gente não passava muito na sala de aula, na sala de aula a gente não tinha muita cadeira, ficava uhh! Era delicioso. No J. a gente passava muito tempo sentado era horrível, no

F. no Fundamental era uma coisa mais lúdica você se mexe mais você está em Arte, Música, não sei o que, mas aí você vai crescendo aí, você vai, sei lá, você fica sentado, se levanta já “ai meu deus você tá causando e ahhhhhh” (levanta os braços).

E: Esse corte você consegue visualizar? Você falou em Arte, Música, Educação Física que tinham Movimento na aula em um determinado período escolar, você visualizar o corte em que se fica sentado mais tempo?

Então, quando a gente vai passar prá manhã (Ensino Fundamental 2) eles falam “ah, porque agora a coisa vai ficar séria”. Eles fazem um discurso de que agora é sério, que agora então, sei lá, acaba ficando a imagem de adulto que a gente tem, sentado no escritório.

E: Essa imagem vem de onde? Como é construída essa imagem, sentado no escritório?

Por exemplo filme, todos os veículos de mídia, meu pai por exemplo trabalha em oficina, ele se mexe bastante, não sei o que, mas não é vinculado prá gente, prá gente o adulto é uma pessoa séria (engrossa a voz) que veste preto e está sempre sei lá (riso), que toma café.

E: Em que momento você tinha maior liberdade para se movimentar na escola?

Eu acho que assim na creche, eu não lembro muita coisa, mas outro dia eu estava, eu mudei de casa eu achei uma folha que era o meu relatório de escola, aí eu sei lá, eu saia no meio do pátio imitando animal, eu acho que comparado aos outros momentos na creche eu tinha mais liberdade, porque eu não ligava, sei lá eu era uma criança. A 1ª série foi um momento de castração muito forte na minha vida, aí eu fiquei meio triste assim.

E: Essa liberdade da creche daria para ter experimentado no Ensino Fundamental e Médio?

Sim, talvez não com a minha sala, porque a gente tem uma capacidade de dispersão muito grande, mas eu acredito que seja possível, porque eu acho que a gente fica muito ansioso quando a gente está sentado, e daí a capacidade de concentração, não sei, eu acho que seria possível porque eu e se eu consigo outras pessoas também conseguem, tipo sei lá, mesmo quando você é criança você consegue, acho que tipo, é só você fazer o trajeto inteiro assim, não sei.

E: Em que momentos no F. você tinha maior liberdade para se movimentar?

Eu não diria na aula, mas eu diria com meus amigos.

E: Em que momento?

No colegial, fora da aula de Educação Física como eu tenho um amigo que também não faz nada na aula de Educação Física, então a gente não tem que provar nada, então a gente tem uma liberdade de movimento fora da aula muito maior assim.

E: O que você aprendeu relacionado ao Movimento nas aulas de Educação Física?

(Silêncio de 12 segundo mais movimentos dos braços passando a ideia de procurando a resposta) Eu aprendi a (riso) jogar vôlei, mentira, eu já sabia, mas, ah! eu não sei (riso) eu não sei, eu aprendi a jogar futebol, eu aprendi mais ou menos vôlei, quer dizer, ah, eu fiz aula de vôlei também, ah, eu me esqueci de falar uma coisa, no 8º ano eu comecei a fazer Teatro, ah sim, e no Teatro eu comecei a ter mais liberdade de movimento, porque aí eu estava dentro dos conformes, porque tipo ali você tem uma maior liberdade, você pode se expressar como muito mais assim, e acho que isso foi importante, eu esqueci de falar isso, e no 1º colegial a gente fez um trabalho de palhaço que ajudou também a, sei lá.

E: Que na aula de Educação Física não tinha?

É. Porque você podia, sabe, você não é errado você fazer as coisas.

E: Errado? Tinha certo ou errado nas aulas de Educação Física?

Claro que tinha. “Você está correndo errado, você não pode fazer assim” e não sei o que, e nam, nam, nam, isso é muito chato, e eu aprendi nas aulas de Educação Física, eh, trabalho em grupo, trabalho coletivo de movimento em grupo.

E: Que aprendizagem foi essa?

Eu aprendi que se você é bom as pessoas te passam a bola, se você é ruim você tá ali prá fazer nada, você tem que tentar, tem que se esforçar ao máximo, porque daí se você está se esforçando as pessoas veem que você está se esforçando e as pessoas passam a bola, mas se você não liga as pessoas também não vão passar a bola, porque você tá ali, mas não tá querendo, então normal. Isso eu aprendi, que no esporte você tem que tentar se esforçar porque é difícil, que movimento você tem que trabalhar, tipo na aula de vôlei, a gente tava tentando dar o saque você fala, sei lá, não sei que o que, nam, nam, nam daí você vai trabalhando.

Esse trabalhando é o que?

É uma questão de física, se você bater a bola aqui ela não vai prá lá (demonstrando com as mãos a posição de batida na bola e direção) você tem que bater a bola assim e não sei o que, aí você vai aprendendo.

E: Você estudava em Educação Física?

Estudava, como assim?

E: Na escola você vem e estuda.

Tá ãh (cara de espanto com a pergunta)

E: Você vem prá estudar na escola

Sim.

E: Você tem uma disciplina chamada Educação Física.

Seu eu. Éhhhh

E: Se você estudava nas aulas de Educação Física.

Não muito, quer dizer, eu fazia os trabalhos quando pediam, mas eu acho que, eu ficava meio triste assim de pensar que a Educação Física era uma obrigação porque tudo já era obrigação, a Educação Física também é uma obrigação. A Educação Física seria bom se, sei lá, se todas as aulas fossem, se a gente tivesse sei lá pudesse se mexer talvez aí eu conseguiria estudar Educação Física.

E: Se todos?

Vamos supor se todas as aulas a gente já se mexesse um pouco e fizesse as coisas a Educação Física não seria uma válvula de escape, e talvez, éhhh, a gente conseguiria dar mais importância porque tipo se você, as aulas de Educação Física passam assim para segundo plano, assim como Arte e Música, porque ela vira uma válvula de escape, um negócio que você “ahhhhhh não quero mais, chega”!!!

E: Chega do que?

De estudar, de coisa na sua cabeça, que você não aguenta mais de gente passando coisa prá você, você não aguenta mais sentar.

E: Então aula de Arte, Música e Educação Física ocupam o espaço de?
Válvula de escape?! Momento de, de prazer, sei lá, que você relaxa um pouco.

E: Se o professor levar algum conhecimento nessa aula?
É divertido, podes ser divertido, se ele conseguir fazer a ponte, assim bonitinho.

E: Ponte com?

Vamos supor, se ele conseguir relacionar, vamos supor você, o seu corpo, com o que você está fazendo, não simplesmente passar futebol é assim, nam, nam, nam. Se ele trazer algo, não sei, legal, alguma, tipo, quando o Flávio, quando ele foi ensinar sobre o equilíbrio, não sei o que, ele contou uma historinha, e não sei o que, a importância do movimento, falou tipo porque é assim, a gente tem alguma coisa meio que utilitarista do movimento, certo? Tipo matemática, prá que eu vou aprender isso se eu não vou usar? Então eu acho que, quando ele.

E: A Educação Física também tem isso?

C: Tem, por exemplo, essa eu prestei atenção, acho que as únicas coisas que eu guardei assim, foi no momento que eu ia usar na minha vida, coisas que eu não iria usar na minha vida, tipo regras do sumô eu não guardei, por mais que fosse uma coisa interessante de se guardar de se conhecer, etc.

E: E se o professor fala, vira uma cambalhota, você não se locomove desta maneira.
Ahhhhh, mas eu posso tentar sim.

E: Mas por que, ela não é utilitarista?

Não, mas é que é divertido, tipo é um desafio, um desafio que talvez eu conseguisse fazer.

E: Então fugiria da questão utilitarista.

É, talvez.

E: Você estava falando do F. que ele dava trabalhos.

Não, é o J.

E: Dos trabalhos que você fez, você acredita que ali você estava estudando?

Não.

E: Por quê?

Porque eu não aprendi muita coisa, tipo, eu fazia de qualquer jeito, era um saco, eu detestava, eu pegava, copiava, colava, colocava, sei lá, fazer por, trocava as palavras, daí era ruim, eu tirava N, na época era conceito, mas não fazia muita diferença.

E: Como é o movimento na sua vida cotidiana?

Eu tenho andado de bicicleta porque é uma coisa que eu gosto que eu tinha esquecido porque quando eu era pequena eu me machucava muito quando eu ficava brincando e aí eu rolei várias vezes.

E: Você anda de bicicleta por prazer ou para se locomover?

É, porque é gostoso, sei lá, nas eleições eu fui de bicicleta até o lugar que eu fui votar, eu fui buscar meu sobrinho na escola, éhh, eu faço hoje em dia, eu faço coisas, movimentos que fazem sentido para mim, tipo andar de bicicleta, eu fazia ioga uma coisa boa, eu tenho dois sobrinhos e eles me fazem me movimentar muito, correm muito, etc., então movimento é coisa básica para eu acompanhar, e fazer as coisas que, a demanda que meus sobrinhos dão.

E: E em um dia comum.

Antes eu vinha (para a escola) de ônibus, agora eu mudei de casa e moro perto da A2, agora eu venho de carro, só que eu volto de ônibus, (quando chega em casa), se meus sobrinhos estão lá eu fico com eles, se eles não estão eu vou ler um livro, ou durmo, ou eu arrumo a casa, eu gosto de arrumar a casa, eu acho assim, o movimento acompanha meu cotidiano inteiro, afinal de contas eu preciso fazer várias coisas e o movimento me ajuda, mas eu acho que ele é tão subjetivo, subjetivo não, mas tipo tão, sei lá, que não presto atenção.

E: Algo como automático?

Porque é justamente como eu estava falando, a gente não presta atenção no nosso corpo (pausa para pensar).

E: E se prestasse?

Ia ser melhor eu acho, porque a gente daria mais valor à gente, aos outros, porque se você pensar que a outra pessoa também se movimenta, na aula de Biologia, quando o R. ele ensina não sei o que, sobre a célula nam, nam, nam, se você pensar que aquilo tudo acontece dentro de você e

que tem milhões de seres dentro de você, é doido demais, outro dia eu comecei a pirar no fato do corpo, dessa coisa sei lá, de a gente tentar achar sentido fora da gente tal, mas dentro a gente é tão complexo, é tudo feito tão bonito, e talvez se gente prestasse atenção nisso, se a gente prestasse atenção que cada movimento aqui (mostra os dedos se movendo) aqui que faz tem milhões de coisas que se mexem, eu acho que nós seríamos pessoas mais completas.

E: Como você imagina o futuro do Movimento Humano levando em conta as teorias pós humanistas ou biocibernética que tratam do hibridismo humano-máquina?

Eu acho que ele, eu tenho um pouco de medo do futuro, porque a gente tá desenvolvendo uma natureza que não é muito agradável. Acho que a gente vai conseguir fazer coisas incríveis, assim de dar saltos imensos e ter uma inteligência, pessoas que são paraplégicas começarem a se mexer e não sei o que, só que eu acho que cada vez a gente vai perder o sentido corporal, a gente vai perder o sentido da gente porque a gente vai virar uma máquina porque a gente é externo, a gente vai virar mente, a gente não vai virar mente e corpo. Outro dia eu estava pensando, eu sou a cabeça ou eu sou meu corpo, mas eu sou tudo isso a partir do momento que a gente vai colocando coisas na gente e se mexendo, cada vez mais a gente vai parar de prestar atenção no interno só prestar atenção no externo, porque tipo, eu acho que a gente vai começar a ficar mais depressivo talvez, perder a mágica da vida, porque vai ser tão fácil, sei lá, vai ser assim, pessoas que tem mais dinheiro vão poder se mexer melhor.

E: Apesar dos pontos positivos, o futuro do movimento é um universo sombrio?

Eu tenho medo das máquinas assim, bastante.

E: O que você conhece sobre esse tema atualmente?

Eu sei pouco, eu sei o que passa no jornal, tipo o cara que chutou a bola na Copa, eu sei muito pouco, mas o que eu vejo, o que eu sei são coisas que eu vejo no meu dia-a-dia, a gente vai se fundindo, a gente não sabe mais o que é realidade, o que é realidade o que passa na tela, isso me assusta.

E: O que eu não te perguntei, mas você gostaria de tratar sobre esse tema: a importância do movimento para a vida humana?

O primeiro ponto é que o movimento, ele traz um bem estar muito grande pelo fato de você usar seu corpo, eu acho que ele fica feliz, quando eu volto de andar de bicicleta eu acho que eu fiz uma boa ação para o meu corpo, eu fico realmente feliz.

E: O meu corpo?

É, eu não sei, porque às vezes eu acho que a gente é meio separados, eu e o meu corpo a gente tem uma história, enfim, ele faz tanta coisa sozinho, eu queria viver ao contrário para ver como é que é. Engolindo, eu queria ver como é que funciona, sabe? Eu tenho a impressão que tipo, ele só me carrega, mas ao mesmo tempo também eu influo nele porque a gente tá meio que grudado assim. Outro dia eu tava muito confusa, né?

E: Sobre esse tema?

Saber quem que eu era assim, saber meu corpo o que que está acontecendo, que que é isso que eu reencarno em outro corpo, que meu deus do céu, porque assim, eu estava pensando, eu não sou espírita, mas eu acredito, mas aí eu estava pensando, né, que eu sou C., eu tenho meu corpo, mas se eu morrer eu vou encarnar em outro corpo e vou continuar sendo a C., só que uma C. diferente, mas eu ainda sou a C. e mesmo antes eu já era a C., aí eu comecei a pensar, meu deus do céu que que eu sou né? Aí eu comecei a pensar, meu corpo, enfim.

E: Existe C. sem corpo?

Não sei, existe eu acho, eu acho que existe, mas aí então, eu escrevi um poema sobre isso. Chama “A tarde de um olho”, que é tipo a tarde de um fauno, que é uma música do The Pussy, é que é assim, eu estava pensando que eu era só uma televisãozinha que meu corpo sustenta, daí eu vou olhando as coisas, aí eu vou meio que contando o dia como se o olho pensasse, como se ele tivesse consciência, tipo “o corpo me levou até lá”, o movimento que ele faz. O bonito da gente é a gente ser uma unidade, a gente separa muito as coisas.

E: O bonito é ser uma unidade?

É. Uma unidade tipo corpo e cabeça, a minha cabeça conversar meu corpo, e eu sento que tipo eu tô com fome eu vou te alimenta. Eu cai de bicicleta, e sei lá, e porque eu cai, eu participei de uma medicina alternativa, o corpo fala com a gente, alguma doença que a gente tem, tem um fundamento, eu acho que é importante a gente ouvir nosso corpo, sentir porque eu estou sentindo dor de cabeça, tem uma razão, nosso corpo sabe muito sobre a gente, a gente é que num sabe nada sobre o nosso corpo, e a gente fica aí falando que não serve pra nada.

E: Ser menina, mulher tem diferença ao na experiência em relação ao movimento ao se passar pela escola?

Sim, muita, muita, quando eu fazia Educação Física, os meninos se movimentavam melhor, aí como eu era uma menina frágil e pequena, eu não tinha ímpeto de mostrar que talvez eu fosse uma pessoa assim, sabe? (fecha a mão mostrando como sinal de garra) e eu acho que a gente quando começa a crescer, nasce peito na gente né, aí você fica com vergonha de fazer certas coisas, e daí isso prejudica também, porque você não quer, sei lá, se expor, e tipo o nosso corpo em mudanças, modifica um pouco da gente, assim. A gente começa a se fechar.

E: A transformação do corpo como aspecto biológico, mas esse processo também é cultural? Com certeza, porque a gente já tá meio que preparada prá se mexer com menos sei lá, no futebol, a gente já tá preparada para saber que as meninas não jogam bem futebol, então se você já não joga bem futebol você não vai tentar mudar isso.

E: Isso é verdadeiro?

Não. Eu pensei que eu jogasse bem futebol, mas aí eu não jogo, eu fiquei feliz quando eu joguei um dia futebol e deu tudo certo, mas tipo eu acho que existe muito preconceito.

E: Como se manifesta.

A gente é frágil, a gente corre pulando, a gente não tem força, a gente vai jogar bola e faz tuuu (mostra com as mãos) a gente é meio lânguida (se afunda na cadeira).

E: Que não é verdadeiro.

Não!!!! Se eu fosse uma pessoa empenha com certeza eu me mexeria bem, mas eu não sou porque não sou empenhada em Educação Física, talvez por traumas pessoais, individuais.

E: O que poderia ser feito para melhorar esse quadro?

O machismo, os professores tratarem os meninos e as meninas de maneira igual, não só os professores, mas os pais, tipo menino desde pequeno joga bola, menina, o que? Brinca de casinha.

E: Isso permanece?

Permanece. Meus sobrinhos, por exemplo, quando ele era bem pequenininho meu avô deu uma camiseta do Palmeiras para ele.

E: Quando você tem a lembrança de ter chutado uma bola?

Quando eu era pequena eu tinha, meus pais sempre me deram, eu sei lá, eu tinha um quintal bem grande, eu e minha irmã jogávamos futebol, eu tinha vários primos e eles iam lá em casa, na creche a gente brincava de bola, desde pequena.

E: Quando isso se perdeu?

Com o Z., quando eu comecei a pegar ódio do futebol porque era uma coisa que, era sempre futebol, e sempre ele deixava de lado, sei lá virou uma coisa muito chata.

E: O que a escola pode fazer para melhorar as atividades motorias das meninas.

Não sei. Fazer tipo ai meu você é capaz de se mexer porque você não está querendo jogar futebol? Conversar talvez, fazer uma conscientização por exemplo, mostrar que o corpo do menino e corpo da menina, por mais das suas mudancinhas assim biológicas eles podem se mexer com a mesma agilidade, a mesma força, é só você saber usar seus músculos, e a gente não sabe usar os músculos, a gente não foi treinada para saber usar o músculo, prá saber chutar a bola.

E: Tem um saber, um conhecimento aí?

É um conhecimento muito incrível o que a Educação Física poderia fazer para a gente.

E: Poderia?

Poderia.

E: A sua não fez?

Não, porque eu não quis aprender, eu não consegui guardar as aulas. E por uma questão também de eu querer na hora da aula de Educação Física brincar, sair correndo e não aprender a chutar a bola.

Entrevista 2 – A2

E: Como foi sua trajetória escolar?

Na educação infantil eu tinha 2 anos quando entrei na A., eu fiquei pouco tempo lá depois eu fui para o Colégio C., eles tinham um projeto bem semelhante ao do F. lá eu fiz do Grupo 2 até a 4ª. Aí eles iam mudar então eu vim para o F. no 6ª ano (5ª série).

A gente já tinha mudado de casa e vindo morar no Butantã quando eu tinha 9 anos, eu estava na 2ª série. Meus pais começaram a conhecer as escolas da região, O I., o F. e a Escola V., a Escola V. era muito cara, eu conheci o I. gostei, mas eu queria conhecer o F., eu vim prá cá (Colégio F.) conheci o Nivaldo e daí foi o F..

E: Qual a importância do Movimento para a vida humana?

Principalmente para a consciência corporal, porque quando você faz muito exercício físico, quando você se movimenta, qualquer coisa você acaba fazendo esforço e sentindo dor, você se identifica com as outras pessoas porque todo mundo vai sentir essa sensação, fazendo determinados esforços e eu acho que isso é importante, conseguir se identificar com os outros através dos movimentos, conhecer como é que esses movimentos vão influenciar também.

E: Qual a importância do Movimento para a sua vida cotidiana?

Eu acho isso importante, eu fiz muito esporte na minha vida, acho que isso muda bastante porque se você se move você fica mais confortável com o corpo e eu acho que o movimento não significa somente físico, mas o movimento como um todo, da questão de você não estar parada, estar mudando. (E: deter ao movimentar-se)

E: Você identifica o movimento a fazer esporte, mas com relação ao movimento do cotidiano como que ele está presente?

Vamos imaginar que eu não tivesse um braço, isso iria me limitar para fazer todos os movimentos que eu faço todos os dias, eu iria me atrapalhar em todas as atividades, então eu acho que isso é algo que fica inconsciente no movimento, mas ele é muito importante, em geral a gente esquece.

E: Você sabe por que a gente esquece?

Não. Acho que a cabeça fica voltada para outras coisas.

E: Levando em consideração que você está terminando a Educação Básica, o que você sabe sobre a evolução dos movimentos do ser-humano?

E1: Eu acho que na questão de movimento uma parte fundamental para a gente estar aqui foi o movimento das mãos, esse movimento aqui (pinça e preensão) foi o que nos permitiu fazer ferramentas e não depender da força, a gente vai criando extensões.

E: E como ocorreu a evolução da manipulação tendo em conta a locomoção bípede?

Eu acho que primeiro a gente aprendeu a ficar ajoelhado que é uma maneira mais fácil de se equilibrar do que ficar em duas pernas, porque você tem uma base maior e aos poucos você vai tendo o levantamento do corpo.

E: O que sobre o Movimento você aprendeu na escola?

Teoricamente ou experimentalmente?

E: você faz aí uma divisão, vamos começar então por teoricamente.

Teoricamente pouca coisa, talvez em algumas aulas ou em alguns trabalhos que passavam sobre Educação Física e experimentalmente essa escola não deu muita ênfase, eu aprendi muito mais na outra escola que eu estive que eu fiz aula de esporte, eu tinha muita coisa na área de expressão corporal, aí eu cheguei aqui a Educação Física parecia meio fraca, então eu acabei atrofiando o que eu tinha aprendido sobre o movimento ficou uma coisa muito mais teórica que experimental.

E: Você fala que a Educação Física é fraca. O que você quer dizer com isso?

Fraca de não ter incentivo, agora esse ano por exemplo a gente não tem aula de Educação Física, as aulas de Esporte são sempre as 17h30 hora que tem trânsito na Raposo Tavares (rodovia nas proximidades do Colégio). Tem que pagar uma taxa a mais para pagar, sei lá.

E: E na outra escola, como as aulas experimentais foram mais significativas para você?

Então, eu fiz bastante aulas de Educação Física, eu jogava muito futebol no recreio, eu participava, eu comecei a fazer capoeira na 1ª série como atividade extra, eu queira mesmo era fazer ginástica olímpica, mas minha mãe dizia que eu ficaria baixinha. Fiz capoeira mesmo, o treino era bem puxado tinha uma parte de alongamento e também tinha as apresentações do que as pessoas trabalhavam nos seus cursos. Eu comecei a fazer futebol na 3ª série lá também.

E: A pergunta foi o que você aprendeu sobre o Movimento na escola, você dividiu entre parte teórica e experimental, mas voltando a parte teórica, você não se lembra de algum projeto que tenha importância para a sua vida atual?

Só nas aulas de biologia, as funções orgânicas que o professor vai explicando as coisas do corpo e você consegue imaginar como os movimentos são realizados, mas nada que realmente influencia.

E: Somente nas aulas de Biologia?

Basicamente sim porque os trabalhos de Educação Física que eu cheguei a fazer eu não me lembro de nada.

E: Até então você associa Movimento às atividades extras, às aulas e trabalhos de Educação Física e Biologia, e em outros momentos, não houve aprendizado relativo ao Movimento na escola?

Nos outros momentos você fica sentada levanta a mão para fazer perguntas e usa os movimentos para escrever, e a boca para fazer perguntas. Também levanta para jogar papel no lixo.

E: Isso ocorreu na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio?

Na Educação Infantil a gente se movia mais, a gente se acostumava a sentar no chão, em roda e fazer umas atividades assim. Depois no fundamental não tinha mais isso.

E: E você não acha que isso é uma forma de aprendizado?

Não, sobre o movimento não, isso é um aprendizado sobre o que não envolve o movimento.

E: Em que momentos na escola você tinha mais liberdade para se movimentar?

No recreio. Quando eu era pequena a gente passava correndo basicamente o tempo inteiro. Numa época eu brincava o tempo inteiro no trepa-trepa tentando alcançar mais longe possível. Na entrada algumas vezes também quando tínhamos tempo.

E: Isso (se movimentar na escola) te fez falta?

Nessa época eu tinha muito mais energia prá correr e tinha a necessidade de gastar essa energia eu ficava muito mais inquieta nesta época.

E: E como é o recreio agora?

Fico conversando com amigos de outras salas e jogando truco.

E: O que você aprendeu relativo ao movimento nas aulas de Educação Física?

Não sei precisamente (pausa), não sei explicar o que eu aprendi nas aulas de Educação Física.

E: O que você estudava nestas aulas?

Estudava o movimento do corpo, jogos em equipes e estratégias.

E: Movimentos do próprio corpo, como você estudava isso, através de livros cadernos, se movimentando, me fale como era?

Era jogando e descobrindo e como você conseguia arremessar uma bola mais longe, qual momento era melhor para fazer o alcance da bola, como respirar para correr mais.

E: Isso era uma autoaprendizagem?

Era. Ela dava algum exercício para fazer e a gente fazia e a aprendizagem era pessoal mesmo.

E: Os trabalhos teóricos, do que tratavam?

Ele (professor) pedia para fazer trabalho sobre jogos de vôlei, a história do vôlei, de outros esportes.

E: Qual a relevância destes trabalhos para sua vida atual?

Sinceramente nenhuma.

E: E na época?

Também não. Ele queria que a gente pensasse sobre o tema. A gente entregava e vinha com uma nota, mas não tinha ligação com o que a gente fazia (nas aulas).

E: Como eram as aulas, o que vocês faziam?

A gente mudou muito de professor de Educação Física. Na Educação Infantil eu não me lembro muito bem, sei que tinha um professor e a gente jogava muito pique-bandeira, queimada. No fundamental 1 seguia mais ou menos a mesma linha com jogos e esporte. Quando eu vim pra cá o Z. era o professor, não me lembro bem, ele dividia a sala e fazia um jogo na quadra e na parte de cascalho outro, ou o mesmo, e era isso, baseado em jogos. No Ensino Médio era dividido nos esportes também, só que ai a gente estudava por trimestre, futebol por exemplo,

durante algumas aulas a gente fazia só treino de drible era uma coisa mais técnica para aprender diferentes partes do futebol.

E: Você fala que suas aulas de Educação Física foram esportivizadas, baseadas em jogos esportivos. Nunca vocês tiveram outros conteúdos como por exemplo a ginástica ou a dança? Dança não, só quando era época de festa junina, e ginástica chegamos a fazer alguns exercícios com uma dupla no colchonete e só.

E: O único momento em que você falou com empatia na relação entre movimento e escola foi com relação as atividades extras. Fale um pouco mais sobre este tema.

Essas atividades foram bem mais importantes e me marcaram mais. Eu fiz muito tempo de capoeira, acho que foram 6 anos, e me ajudou muito e aprendi muita coisa, tinha um foco, um objetivo, no final do ano iam juntar vários professores e você ia tocar ia jogar, era uma coisa muito mais ritualística e simbólica. Educação Física era uma ou duas vezes por semana. Eu também fiz tetro e esse é o movimento que mais permanece comigo, é um movimento que liga tudo, trabalha com todos os sentidos, com todas as emoções, os movimentos do teatro é o que mais estão comigo.

E: Descreve os movimentos do teatro.

O professor propõe muitos jogos para improvisação em cena e tipo jogo do mafioso, aquele em que você pisca para a pessoa, mas fazemos andando, é uma forma de lidar com seu movimento de uma forma mais discreta ou mais expressiva.

E: Você acredita que com esse método do teatro levado para outros ambientes e momentos escolares você teria aprendido mais e melhor?

Talvez. No teatro essas atividades vão ficando filosóficas as relações que vamos criando, acredito que conseguimos conhecer melhor as pessoas e a contribuição de todo mundo aumenta. Acho que levado para a sala de aula funcionaria também dessa forma.

E: Qual a importância do Movimentos para a sua vida cotidiana?

O que eu faço de movimento é ir para a escola de carro. Na escola fico sentada, no recreio eu como e fico sentada. Na hora de ir embora eu vou até o ponto de ônibus da Raposo maçante não tem sobra, chata. À tarde eu durmo se seu fico acordada após às dez da noite do dia anterior,

à noite faço as lições de casa, eu leio, mas se a diarista não vem em casa eu lavo a louça, tiro o lixo.

Às sextas-feiras eu faço o teatro, que é o momento mais esperado da semana, apesar de ser desgastante porque já estou cansada da semana toda e fico até cinco e meia da tarde aqui (no Colégio).

E: Em relação ao futuro, como você imagina o Movimento Humano levando em conta as teorias pós humanistas ou biocibernética – aquelas relacionadas ao hibridismo humano-máquina?

Eu imagino que vai ser possível acontecer o que foi retratado no Wall-E (filme da Disney e Pixar), sabe? Que as pessoas perdem os ossos e as ligações, ficando uma peça única. Isso porque a gente está preso muito a uma realidade totalmente teórica, tudo o que você tem que fazer é intelectual tem que fazer com a cabeça e o seu corpo vai perdendo importância.

E: Você dividiu o ser humano em corpo e mente, você acredita que é assim?

Acho que sim na questão do trabalho sim, na questão do corpo está todo interligado, acho que é isso.

E: Você faz uma perspectiva sombria de futuro, o que fazer para modificar esse quadro?

Tentativa de juntar mais essas duas coisas, eu não consigo ver muito bem trabalho intelectual e físico juntos somente em alguns. Cito como exemplo no teatro em que você consegue juntar todos os sentimentos. E os que estão separados eu falaria das provas, estudo, leitura, essas coisas.

E: O que eu não te perguntei mas você gostaria de falar a respeito do tema?

A Gestalt Terapia em que é uma terapia em grupo em que o cara (terapeuta) tem que estar muito atento aos seus movimentos, suas reações corporais para tentar curar alguma coisa, alguma questão interna sua e eles conseguem fazer isso observando como as pessoas falam, como elas se mexem e o quanto esses movimentos refletem coisas da cabeça. Eu acho que esse tipo de ligação é importante para evitar esse futuro sombrio que eu falei antes.

E: A questão de gênero influenciou de alguma forma sua experiência em relação ao movimento na sua educação escolar?

Por uma questão histórica que considera que mulher tem que ficar em casa com uma vida sedentária para atender os desejos do homem você acaba tendo uma maior dificuldade de se

inserir no esporte no recreio por exemplo. Aqui eu tive mais dificuldade porque os meninos não passam a bola porque pensam que mulher é ruim que a mulher não sabe fazer direito, e as meninas acabam tendo medo, e pouco interesse pelo esporte, muito grito para pouca ação.

Na Educação Física também era assim os meninos não passam a bola para as meninas a gente não sentia do mesmo time mesmo jogando com eles.

E: Como mudar?

Desde a Educação Infantil tem que inserir as meninas e dar um apoio para que todas. Porque desde pequenos as meninas são incentivadas a brincar de bonecas e os meninos a jogar bola e isso dá uma separação muito grande que permanece.

E: Se nas aulas de Educação Física tivesse conteúdos de movimentos relacionados à dança, mímica ou teatro faria diferença?

Faria com certeza. O fato de ser separado é porque todos já têm uma relação diferente com a Educação Física. Eu acho que podia ter uma coisa mais ampla, que você pudesse escolher para trabalhar isso, acho que deveria ser feito experiências em todos os aspectos. Tivemos muito pouca experiência com dança. A dança não tem nesta escola.

E: Qual a diferença entre dança, teatro e Educação Física?

Educação Física é muito mais técnica, voltada para o esporte, pro corpo, mas sem trabalhar a cabeça. Na dança acho que o movimento é mais calmo e que se vai construindo, e no teatro é mais dinâmico e o movimento se altera, nunca é o mesmo.

Entrevista 3 – A3

E: Como foi sua trajetória escolar?

Essa é minha sétima escola, eu tenho experiência em vários mundos, minha primeira escola eu morava lá na zona leste, então eu estudava numa escola que minha tia estudou, que era até boa, eu estudei lá até o Jardim 2, depois no Pré eu fui prá uma escola, eu sempre morei com minha vó, aí eu mudei com a minha mãe, quando tava no pré, na T. eu estudei o pré, na 1ª série eu não aguentei a morar com a minha mãe e voltei a morar com a minha avó, eu estudei meio ano numa escola pública, que era uma várzea total, a O. Dias, aí eu fique o meio ano lá, minha mãe não aguentou e fez um esforço prá me pagar uma escola particular, aí eu estudei no M., que é ali na Jorge Joao Saad, eu estudei lá metade da 1ª série e a 2ª série, na 3ª série eu achei outra escola, o S, lá eu estudei 3ª, 4ª, 5ª, eu estudei até o começo do 7º ano, no começo do 7º ano eu sai, eu fui pro Colégio U, lá eu estudei 7º, 8º ano, depois eu vim prá cá.

E: Qual a importância do Movimento para a vida humana?

A base de tudo, se você não se mexe, em todos os sentidos, se você não mexe você não se locomove, todas as partes, por exemplo, como eu estou no 3º e falo no sentido das coisas, se você não ligar tudo não vai ter uma coisa que faça sentido, com você se mexer, com você pensar, com você raciocinar, acho que tudo isso tem relação com o movimento.

E: Qual a importância do Movimento para a sua vida cotidiana?

Continuação da vida, desde a locomoção de sair da escola e ir prá casa, até, sei lá, passear, ir no parque, enfim.

E: Levando em consideração os seus estudos na Educação Básica, o que você sabe sobre a evolução do movimento do ser humano? Como ocorreu?

Acho que tem uma adaptação, assim, você vai se acostumando com aquilo que te colocam, aquilo que te propõe, por exemplo, quando eu assisti sua aula, eu vi que as crianças ainda estavam aprendendo a segurar a raquete, estavam aprendendo a pegar a bolinha, bolinha menor, bolinha maior.

E: Vou ampliar um pouco, você está falando da evolução do indivíduo, gostaria que você falasse da evolução da espécie humana.

(A evolução ocorreu) A partir das necessidades, de tipo por exemplo, pegar as coisas nas árvores quando não tinha, enfim, ou caçar, acho que dependendo de cada região, a Mesopotâmia, sei lá, outros lugares, foram se adaptando, exemplo, um era mais pescar, o outro era mais caçar, então foi se direcionando mais para a necessidade e se ramificando para uma especialização que foi se desenvolvendo até hoje e foi acelerando, chegou um ponto que se especializou e essa parte foi ficando mais rápido.

E: Essa necessidade que você fala é sobrevivência?

Sim. O mínimo que se precisa.

E: Pegar coisa em árvore, você está partindo de um pressuposto bípede, como você acredita que isso ocorreu?

Como eu aprendi em Biologia, uma adaptação da água, e foi indo por exemplo, da adaptação de ficar perto da água, por uma dependência ou área de contato com o pulmão que foi aumentando para poder se locomover e ficar mais longe da água, então eu acho que minha resposta é na base da adaptação mesmo, de, dos mecanismos do corpo de estruturas do corpo se adaptarem a outro ambiente a outro tipo de hábito, assim.

E: O que sobre o Movimento você aprendeu na escola?

Eu estava tentando lembrar isso, acho que foi tipo memória seletiva, nas minhas primeiras escolas eu não lembro minha Educação Física, antes eu não lembro, na 1ª série eu não lembro, eu começo a lembrar no M., era mais brincadeira, pega-pega.

E: Eu falo movimento e você associa Educação Física.

Sim, porque era o único movimento que eu tinha, não na minha vida, mas tipo, era que minha vida era basicamente escolar, quando eu estava no T. eu ficava o dia inteiro na escola, eu sempre fui de dormir muito, eu passava a maior parte do meu dia na escola, então se eu for olhar o meu movimento eu vou relacionar a escola que era a maior parte do meu tempo.

E: Quando você não estava na aula de Educação Física como você se movimentava na escola? Brincadeira na hora do intervalo, porque na sala a gente tem que ficar sentado, tipo fazer atividade era uma coisa sentar no chão em roda, mas não era nada muito dinâmico de se mexer, mas eu tinha aula de balé, eu fazia balé, e só. Aí quando eu começo a lembrar as aulas de Educação Física era mais tipo, tanto que eu estava comparando quando eu vi sua aula com a

aula que eu tive, que eu lembro mais ou menos do 1º ano, era tipo, e comparando com as outras escolas que eu estudei, que não tem nenhuma relação com esta escola, de se preocupar com a evolução do, por exemplo, construir um estágio e depois construir um encima, desde que o debaixo esteja totalmente fixo e que sustente, tanto que era dá brincadeira de correm ou tipo, não era nada muito elaborado pelo que eu me lembre. Começou a elaborar um pouco quando eu fui para o Exupéry, que era mais obstáculo, trabalhar com a bola, essa foi uma escola que a Educação Física não tinha nota, eu achava isso estranho porque tinha o boletim e tinha um asterisco, e eu perguntava prá professora porque não tem nota, ela “eu não posso avaliar só por capacidade física”, isso ficou na minha cabeça, tanto que depois quando eu fui pra outra escola, minha nota de Educação Física, porque você está me dando, você não pode avaliar minha capacidade, isso ficou na minha cabeça. Essa escola tinha mais atividades extracurriculares, nesta escola eu fazia teatro, você tinha que imaginar o objeto e, acho que isso ajudou um pouco de, não é limite, mas uma percepção do que não está na sua frente, assim.

E: Você se movia no recreio?

Só lembro do 1º ano, eu era uma criança gorda, com isso eu brincava menos, por isso eu corria ficava ofegante e tinha que parar já, mas eu gostava bastante de brincar, tanto que eu voltava prá casa toda suja, enfim, como a maioria das crianças.

E: Em que momento você tinha maior liberdade para se movimentar na escola?

No intervalo, na hora que eu chegava e na hora da saída, não tinha ninguém delimitando o que eu podia fazer com o meu corpo, enfim, do tipo brincar ou fazer qualquer coisa assim.

E: Em que espaços, não era a sala de aula?

Não. Como eu sempre fui de transporte escolar, na perua eu brincava bastante, não podia, mas a gente passava por baixo do banco, brincava de pega-pega, era uma parte no final do dia antes de chegar em casa, a gente brincava de pega-pega sem cair na perua (cara de felicidade com a lembrança).

E: Como era essa questão no Ensino Fundamental 2 e Médio?

Eu fiquei nessa dinâmica de não ser avaliada pela minha capacidade física até o 7º ano, depois quando eu fui para o Colégio U. eu peguei e era um professor mais tipo, era uma coisa nova prá mim, tipo tinha que se alongar, e eu ficava, mas porque tem eu tenho que me alongar pra fazer aula? Tanto que eu até chegava depois.

E: E não tinha uma explicação?

Não, era “ahh, não vai doer depois”, mas eu nunca fiz isso e nunca doeu, porque que eu vou ter que fazer isso agora, então, era um professor que trabalhava cada bimestre um esporte, era o bimestre do vôlei, o bimestre do futebol, a gente fazia, por exemplo futebol a gente ia tocando a bola até o final da aula, depois a gente era passe um com outro, depois tinha o jogo, ia aos poucos, no final do bimestre tinha que entregar um trabalho, e no final tinha um circuito que tinha que pula corda, fazer canoa no colchonete, tinha que fazer abdominal, no 7º e no 8º era basicamente a mesma coisa, tanto que os trabalhos eram praticamente iguais. O professor não se tocava, eu vou ler de novo colocar umas coisas a mais já que eu estou um ano a mais bimestre diferente, então, e quando eu estava no outro colégio tinha isso de fazer trabalho e tal, mas nada muito, eles estavam mais, acho que era aula de entretenimento dos aluno, não tinha explicação como Português, Matemática.

E: O que você aprendeu relativo ao movimento nas aulas de Educação Física?

Acho que tipo coisas básica, trabalho em grupo, você passar a bola, como eu não tinha amigos já ajudava, “ai ele vai passar a bola pra mim”, na festa junina a gente dançava e fazia interação com todo mundo, o movimento dá uma ligação, você se mexe sozinho, mas se você se mexer com os outros tem um efeito maior, isso foi o mais marcante de lembrar e levar assim comigo.

E: Da questão individual, você estudava nas aulas de Educação Física?

Não, se eu te falar que eu lembro da história do basquete, eu não faço a mínima ideia, eu fazia aquele negócio, fazia tudo caprichado, mas eu não lembro de nada, nem prá que tipo eu estudei aquilo, era um negócio pra você, pro professor ver, “ahh vamos colocar uma coisa ali pra tentar ajudar pra eles entenderem melhor como surgiu a história do basquete, se foi com uma cesta de lixo, se foi com quem, brincando, enfim, eu acho que isso ajudava um pouco, por exemplo, quando você começava a aprender o basquete, mas não é uma coisa que eu levo quanto eu aprendi a fórmula de Báscara. Ter a noção de porque eu jogo uma bola numa cesta, abriu uma noção assim, mas não ficou guardado.

E: Algo relacionado à aprendizagem do movimento, aprender a fazer um movimento, você aprendeu na escola?

Sim. Quando você entra na escola você tá tipo assim, uma folha em branco, o professor vai te desenhando e vai te arrumando do jeito mais propício prá você poder se encaixar, então todo

mundo tem que aprender a bater uma bola, todo mundo tem que aprender a pular o obstáculo, é uma coisa que ajuda a andar na rua, que sei lá, vai soltando a mão da sua mãe para atravessar uma rua, porque você já não tropeça mais no meio da rua, é uma coisa que ajuda na sua evolução, não como melhora.

E: Você é que faz essa interpretação

Sim, nunca ninguém me explicou porque eu tenho, você vai aprender bater bola porque você vai aprender a jogar basquete, você vai aprimorar suas coisas porque, não porque você vai desenvolver, ver o seu movimento prá sabe, não teve isso, nunca. Foi sempre esportivizada, pesquisa esse bimestre sobre o Badminton, mas a gente nem jogava Badminton e nem fazia nada, era sempre vôlei, basquete, futebol e handebol.

E: Isso era no seu fundamental 2?

Sim, no final do Fundamental 2 eu entrei aqui e era o J. que dava aula, então era diferente, a gente aprendeu *Le parcour*, a gente fazia umas atividades com bambolês, tipo tem que ser rápido para você pular o bambolê, foi bem mais diferente assim a noção, e também a usar espaço de locomoção para você entender na aula de matemática, na minha primeira aula de matemática com o R., ele pegou um barbante e foi ensinar prá gente o que era um triângulo retângulo, ele levou a gente prá quadra. A gente ficou numa posição de triângulo retângulo e ele mostrou o ângulo reto, e também em outra aula ele mostrou a partir do movimento do sol, ele pegou nossa posição, a nossa sombra e mostrou o triângulo retângulo.

E: Em alguma outra experiência em outras áreas utilizando o movimento?

(Silêncio pensativo) Biologia, mesmo que você não se movimente nitidamente você entende porque que se mexe, igual agora a gente está aprendendo sobre sistema nervoso sobre as sinapses que ligam, ligam outro, ligam outro que chegam ao músculo, enfim, é uma coisa que dá um sentido a mais porque eu estou mexendo o braço, porque eu tô pensando, porque eu tô sentindo, então é uma coisa que vai fechando tudo e você vai entendendo, fica bem mais fácil. Se isso fosse ensinado aos poucos teria ficado muito mais detalhado e muito mais rico você entender porque você faz tudo.

E: O que seria aos poucos?

Por exemplo, se você aprendesse muito mais detalhadamente as coisas da Biologia quando você chegasse no Ensino Médio você ia ter uma noção muito maior, você ia poder aprender muito

mais, ou entender muito mais caso, do que você só aprender, não sei fazer assim uma proposta de Educação. Eu não lembro exatamente, tem gente que lembra da 3ª série quando aprendeu divisão, eu não aprendi divisão na 3ª série, eu fui aprender quando eu fiz Kumon no 9º ano, era tipo um negócio absurdo não saber divisão, multiplicação, não sabia nada, acho que o movimento não tem como se desapegar, quando você aprende a andar você não vai esquecer isso, só se acontecer alguma coisa muito drástica, agora as outras matérias que são mais focadas a gente esquece, como por exemplo, alguma coisa de Geografia, de História, você não lembra de tudo, se você mexer o braço, você não vai se esquecer de como mexer o braço.

E: Você associou Movimento às aulas de Biologia, você consegue associar a aprendizagem do movimento com outras áreas?

Hummmm, deixa eu ver (pensando) na Física, se analisa mais os movimentos das coisas, velocidade média, o movimento do carro, da hora, da inércia, tipo coisas assim que cada vez mais vão dando sentido às coisas, então eu acho tipo que antes de você começar a ter a Biologia e a Física começar a ter a Educação Física que depois a Física e a Biologia usarem como exemplo é muito mais fácil de você entender, não você ter objeto de análise, mas um exemplo que você vivenciou e não tem como esquecer e dá prá relacionar, assim.

E: Você acredita que se você tiver mais experiências motoras é mais fácil para aprender Física ou Biologia.

Sim, sim, porque você fica pensando na construção do corpo humano, você fica tipo, dá todo um sentido, faz toda uma ligação, como se fosse um tecido que você vai costurando ele e vai dando uma coisa concreta.

E: Como era o cotidiano seu de movimento no Ensino Médio?

No Ensino Médio a vida já ficou mais parada, né. Você tem que se esforçar mais, tem mais matéria, tem mais professor, então no 1º ano a gente tinha aula de Educação Física com o D. já, então era, gente eu não lembro direito, era mais, tanto que eu achava o D. muito estranho, eu ficava, gente, esse cara é muito estranho (riso), e tinha hora que a gente fazia flexão, aí no 2º ano começou a pesar, começou a ficar mais chato, foi inversamente proporcional, na 1ª série era “aula de Educação Física, tem duas vezes por semana, que legal, vamos sair da sala”, aí chegou no 1º ano (Ensino Médio) a gente só tinha uma aula, no Fundamental 2 você já deixa de ter dia dos pais, dia da vó, dia do não sei o que, que era todo o movimento de você arrumar a escola, não sei o que, é música, aprender dança, você vai estagnando, então você parando,

acho que quanto mais matéria menos movimento, então foi chegando no Ensino Médio foi ficando um saco né? Putz, tem que fazer não sei o que e tem Educação Física, voltar toda fedida prá sala, tanto que era a última aula. Aí no 2º ano era à tarde, um peso maior ainda, você tinha que ficar aqui à tarde prá fazer Educação Física, aí tinha porcentagem de nota pra você, de faltas, prá você não ficar de recuperação, então vai ficando um peso cada vez maior, “putz a gente tem Educação Física”, e no 3º ano não tem, o ano passado era opcional, tanto que alguns do 3º do ano passado faziam com a gente.

E: Prá você isso é bom?

Sim, e não porque eu fui atrás do futebol, eu fazia futebol aqui, só que aí eu tive que parar por causa do ensaio, porque eu tô morando muito longe, enfim, não deu, mas quando eu morava mais perto, eu voltava de perua então era bem mais fácil, muito mais cômodo, mas como agora você tem muito mais coisa você tem que, não sei, eu estou começando a me adaptar ao F. agora, meio estranho, porque é totalmente diferente a forma que eles colocam pra gente de adquirir o conhecimento e não tirar uma nota, você sabe, você aprende, você leva junto com você.

E: Como é o movimento na sua vida cotidiana?

Humm, a primeira coisa que me vem na cabeça é ir voltar pra casa, que é a única coisa que eu faço de mais tipo de me mexer, ando, pego ônibus, vou pro metro, o ensaio não me atrapalhou, porque eu adorei fazer, mas tanto que eu estava fazendo o futebol junto com o ensaio e tava atrapalhando muito, tanto que eu faltei muito, as meninas brigavam comigo, o D. também, gente eu tô no 3º eu tenho que fazer o ensaio, “tem que fazer não sei o que, não tá muito fácil, eu sei que vocês tem lição também, mas tá muito mais puxado”, e eu mudei de prédio e tem uma academia ao lado da minha casa, então eu tô lá fazendo minha lição e tem um cara gritando um, dois, três, e a música alto, eu coloco a minha, senão não consigo fazer minha lição, é um estímulo bastante forte prá eu descer e fazer, tanto que agora depois do ensaio e formatura eu vou começar a fazer academia porque eu estou muito parada.

E: Por que academia?

Eu tô mole, não por estética, eu nunca liguei pra isso, agora ainda que eu tô magra agora eu tô feliz de verdade, eu emagreci uns dez quilos então fez uma diferença tremenda na minha vida, então eu acho que mais prá você não ficar parado, não é atrofiar, é pra não ficar, porque você só andar, minha vó a gente briga com ela prá ela fazer uma hidrogenástica e fazer alguma coisa assim, ela fala “não eu limpo a casa todo dia, não sei o que”, mas é diferente você ter um

propósito de limpar a casa e como consequência mexer o seu corpo e outra coisa você ter o propósito de mexer o seu corpo e como consequência melhor seu condicionamento físico, de não ser um sedentário.

E: Como você percebe essa intencionalidade em relação ao movimento que você tem e sua avó não teve?

A gente aprendeu na escola, a ter uma Educação Física ser acostumado a uma vez ou duas por semana você fazer, você se mexer, você parar, sair da cadeira e ir lá correr, e fazer uma coisa e minha vó não, ela estudou a 1ª e 2ª série só, ele sabe o abecedário ela sabe ler, ele é uma, uma, funcional, ela saber tipo o básico, então acho que ela não teve essa questão do tipo, ter que brincar, ter que correr, acho que até um pouco isso, como ela é lá do Ceará, ela cuidava dos irmãos dela, então ela desde muito cedo teve que exercer outro papel que não era o de criança, então ela rompeu um estágio na vida dela muito grande, então faz com que ela não enxerga essa necessidade que, que a gente tem hoje, que é colocada na nossa vida, tipo toda criança que vai para a escola faz Educação Física, ela precisa brincar, ela precisa correr, ela precisa se exercitar.

E: Como você imagina o futuro do Movimento Humano levando em conta as teorias pós humanistas ou biocibernética em relação ao hibridismo humano-máquina?

Humm, A única coisa que me veio à cabeça foi o cara da Copa, o exoesqueleto, que não deram muita importância, mas pra pessoa que tava ali dando um passo ela paraplégica, foi um, mas eu acho que foge um pouco, é bom, mas eu acho que não tem a mesma essência, obvio que não tem a mesma essência porque é uma máquina, mas eu acho que vai ajudar àqueles que realmente precisam, mas eu acho que pode atrapalhar pra aqueles que não precisam, o que me veio à cabeça foi aquele filme do Wall-E, que ficam aqueles gordinhos sentados nas cadeira, que não é uma coisa ligada ao corpo, mas eles não andam, é ligado e não é, sabe? A máquina é a bateria de sua vida, sabe, e não é isso, você tem que se mexer, fazer suas coisas, senão você não vai conseguir fazer mais nada, se acabar a luz, se não tiver luz não vai ter máquina e não vai ter como você depender disso, é uma ferramenta, um mecanismo que pode ajudar, mas a dependência não pode ser apenas em cima disso, vai ajudar bastante, pelas pesquisas que passam na tevê, o braço biônico, o pé daqueles caras que correm na Paraolimpíadas, aí é ótimo, mas outro dia eu vi no facebook uma menina ela queria amputar a perna e colocar uma perna biônica para correr na Paraolimpíadas, qual o problema dessa pessoa se ela tem uma a perna saudável, ela arrancar a perna dela para correr na Paraolimpíadas, é uma coisa surreal, mano

“você tem uma perna e, você quer arrancar prá por uma perna de ferro? Eu fiquei abismada, é uma coisa que não tem, você fica como assim?”

E: Como você imagina que será o futuro?

Eu acho que pode ser bastante prejudicial, de ir parando o ser humano de se movimentar, eu acho que pode ser mais prejudicial do que funcional, do mesmo jeito que a tecnologia está se desenvolvendo bastante hoje, ela também atrapalha muito, eu não consigo fazer minha lição porque eu fico no meu celular, ou mesmo o braço biônico e a menina que queria arrancar a perna, eu acho que está 50% cada um, a pessoa vai escolher e vai se encaixar onde ela acha mais apta, e as pessoas não tem essa noção.

E: Nesta queda de braço você consegue prever quem ganha?

Eu acho que prejudicial, ela está mais atrapalhando, as pessoas estão ficando muito bitoladas, eu sou uma delas, não estou me excluindo, mas é ruim você não ter uma interação, por exemplo, você conversa pelo Skype com seu amigo que mora a 2 km da sua casa, você podia muito bem ir lá e conversar, mas não, então mesmo os meios de comunicação e locomoção que fazem parte da vida, acho que eles mais atrapalham que ajudam, não o carro, porque ele ajuda bastante, mas que uma coisa individual, mas uma ferramenta que vai te parando, acho que prejudica.

E: O que eu não te perguntei, mas você gostaria de falar sobre esse tema?

Eu acho que a gente fugiria muito da nossa essência se a gente fosse muito para esse lado biônico, mecânico, ia perder muito, não é mais puramente o ser humano, e mais máquina, tipo boa parte máquina, eu acho que isso é ruim, porque uma máquina não pensa, e você vai perdendo o que você foi aprimorando desde do homo sapiens até chegar no ano 2000 você parar e mudar para máquina, é um estágio além só que um estágio ruim na minha visão.

E: Alguma pergunta sobre o tema movimento que você queira falar que eu não perguntei.

Tô tentando lembrar. Passar adiante o que você aprendeu na escola, trocar as brincadeiras que um professor inventou numa escola e levar para seus amigos do condomínio, acho que é uma forma de expansão e de tipo, uma troca de experiências que é muito boa, válida, sei lá quando você aprende a brincar de polícia e ladrão, aí vem outro e fala “você já brincou de pique-bandeira” e fazer as trocas. Como o movimento marca é muito mais, não é a mesma coisa você ensinar alguém a jogar pique-bandeira, do que ensinar uma conta de vezes, como eu falei no começo, o movimento não tem uma, a gente, pelo menos eu, não aprendi muito um significado,

mas eu tenho noção da importância, mas as pessoas não dando importância elas não veem que tipo como faz tudo sentido uma peça chave é o movimento.

E: Se você tivesse a oportunidade na escola de aprender se movimentando...

Acho que é mais fácil de lembrar, em algumas coisas, por exemplo, o movimento me vem uma coisa concreta na cabeça, quando eu aprendi geometria espacial esse ano em matemática eu fui muito bem na matéria, eu tirei um 9.7, eu nunca tinha tirado um 9.7 na minha vida no Ensino Médio, então é uma coisa mais concreta de você ver, mas agora na qual de Química em um experimento, eu fico totalmente desorientada, eu fico pensando, nossa, “mas porque você fez isso”, eu já não estava aprendendo com números, agora você quer que eu saiba quando muda a cor ver o que é, assim uma coisa que tipo você tem uma interação umas vezes atrapalha em outras ajuda, mas eu acho que tipo a concretude de algumas coisas ajuda a você ter uma imagem na sua cabeça que vai ficar mais fácil de você lembrar do que simplesmente um conceito uma fala, eu acho que se você se mexer, uma coreografia para uma dança uma coisa mais assim palpável, prá você poder lembrar. O movimento você chegar assim no seu amigo e tocar de algum jeito, você vai lembra da história de quando isso foi criado, ele carrega mais coisa do que simplesmente a fala.

E: De que forma em termos de movimento ser menina fez ou não diferença nas suas experiências na escola?

Sim. Por ser mais devagar, por praticar menos esporte, no intervalo a quadra é dos meninos, aí eles vão jogar bola ou se você vai junto você morre, é uma coisa que, como eu era menina, e mais gordinha (riso) isso influenciou bastante, porque tipo, eu ficava com as minhas amigas, então ou eu corria com elas, que algumas não gostavam muito ou eu, quando você ia brincar com os meninos era algo misto, eu pelo menos não queria, é uma coisa muito diferente, por exemplo, os meninos são muito fominhas, não passam a bola pra gente, então é uma coisa que influenciou bastante gente, a não estimular as meninas a fazer as coisas que a gente não tinha oportunidade, não se reprimindo, mas sempre foi assim, como agora a gente não tem mais Educação Física, mas sempre foi, no começo a gente teve aula com o 7º ano, teve queimada eu acho, se for contar as vezes que eu recebi que eu peguei a bola foi tipo uma, duas, uma coisa que sempre foi assim, a gente não vai acertar, ou a gente não tem a força ou a gente não corre prá pegar a bola, então a culpa é nossa, eles não passam a bola, mas culpa é nossa.

E: Como modificar esse quadro?

Eu acho que não, porque você separar por exemplo, eu conheci por exemplo umas amigas que tem aula separada, aula de meninas e aula de meninos em quadras diferentes, porque é escola de freira e tal, eu acho que individualiza muito porque vai ter sempre aquelas meninas que são mais para a característica que o menino carrega, do tipo de ter a vontade do esporte que são mais brutas, então eu acho que você separando vai ter uma ramificação sempre, então acho que não vai ter efeito.

E: Você colocou a separação de gênero, e se a proposta for de comunicação e expressão, uma aula de dança, outro formato que não o esportivizado?

Não entendi direito.

E: Você fala que a Educação Física é esportivizada, suponhamos que a Educação Física agora seja mais próxima de expressão e comunicação ou dança.

Eu acho que vai mais da característica da pessoa.

E: Mas modificaria a questão de gênero?

Sim, eu não gosto de dançar, acho que seria mais uma forma de adaptação.

E: Nos outros ambientes escolares a questão entre movimento e gênero tem alguma diferença?

Humm, eu acho que quando a gente aprende, por exemplo, eu lembro até hoje na 4ª série de uma imagem que era do tipo, a professora tampou os rostos, e a gente só identificava os corpos porque tinha uma saia, uma blusa, uma calça, aí depois as mudanças no corpo e as diferenças do corpo do homem e da mulher, eu acho que vai modificando mas a relação mais igual, não é mais igual, quando os corpos são parecidos eu acho que a interação entre meninos e meninas é menor, isso no meu caso, eu não tive muitos amigos meninos, comecei a ter amigos meninos bem mais tarde, e depois quando vai se especificando tem mais um encaixe.

E: Mas sobre os movimentos que vocês fazem.

Então, o menino que continua jogando futebol todo o intervalo, é uma (silêncio)

E: Nos meninos permanecem, e as meninas no recreio?

A minha vida inteira a gente conversou, nunca foi levado nada pro esporte, os meninos é tipo intervalo vamos correr, eles vão com a mesma essência que o A. tem, o T. tem (alunos do 1º ano do Ensino Fundamental) de sair correndo, eles são iguais, é tipo, eles chegam na sala ligam

o ar e ficam “ai que calor” não sei o que, juro parecem do 1º ano. E como a gente aprende que a menina amadurece primeiro, acho que isso tem uma relevância porque a gente não leva tanto em consideração, não que a gente não dê importância, mas eles levam mais em consideração, a gente é mais, meu caso pelo menos, é mais incomum você fazer isso, tipo é melhor você ficar conversando do que você voltar toda suada prá sala, é uma coisa bem marcada nos gêneros.

E: Desde quando?

Desde de quando vai começando a especificar o corpo, antes eu voltava toda suja pra casa, eu não tava nem aí, depois você vai se preocupando “ai gente eu não posso me sujar” não sei o que, você vai ficando com mais receio, é porque eu sou menina, eu não ligo muito prá isso, mas você vai tendo que se adaptar a isso vai sendo forçada a se adaptar a isso, porque às vezes sua amiga chega e “ai você tá toda suja”, ai você tá não sei o que, não sei o que, tava brincando, antes eu tinha mais a levada de eu tava brincando, ou “porque você não fica aqui com a gente?”.

E: Você levará isso pro seu cotidiano depois da escola?

Não sei, nunca parei prá pensar.

Entrevista 4 – A4

E: Como foi sua trajetória escolar?

No ano de 99, logo que eu, se eu não me engano logo que eu tinha 6 meses minha mãe já me colocou numa, não sei se seria uma creche, mas era privada, era uma escolinha prá criança do maternal, e acho que foi no ano de 97 ou 98. Aí minha mãe me colocou lá e eu fiquei até 2001 até eu entrar para o que seria o Pré. Ai no Pré eu fui pra outra escola pertinho da minha casa lá no Rio Pequeno, lá eu fiz o Pré I, Pré II, e aí em 2003 foi quando eu completei o Pré II é que eu vim pro F. em 2004 na 1ª série.

E: Desde então você está no F.

Na verdade eu sai no 1º ano do Ensino Médio, fiquei fora um ano, eu fui pro V., colégio novo, inclusive do mesmo dono do S., como eu tinha muito tempo no F., eu queria assim, novas experiências, conhecer novos métodos, professores, pessoas novas, por esses e por outros motivos eu quis sair. Aí eu tive contato lá com o pessoal, com uma metodologia totalmente diferente do F., e eu gostei de muita coisa de lá que eu vivi, mas tinha alguma coisa que eu gostava que eu não encontrei em nenhum lugar que só tinha no F., acho que é o tratamento, os professores, é um pouco diferente, lá é meio estilo faculdade, cada um por si, o professor não tem muita relação com o aluno, é uma relação estritamente profissional, e eu via essa diferença aqui no F., isso é que me fez retornar ao F. no 2º ano do Ensino Médio, ano passado, e foi isso eu fiz o 2º ano aqui no F. e agora estou finalizando o 3º.

E: Qual a importância do Movimento para vida humana?

A importância do movimento para a vida humana é enorme, tudo o que você faz desde que você nasce requer movimento, até para você chora quando você é um bebezinho para pedir coisa para a sua mãe que algo tá te faltando, você usa o movimento de músculo, enfim, algum movimento você produz, então movimento é essencial para a vida humana, desde o nascimento até a velhice, com ele que você demonstra que você tá sentindo algum desconforto ou que você realiza alguma tarefa que você tem que fazer, o movimento é essencial para a vida humana.

E: Qual a importância do movimento para a sua vida atual?

Movimento é andar, locomover, que é a coisa mais importante que eu faço no meu dia-a-dia é locomoção, ai depois vem escrever, fazer trabalho, fazer esporte, que eu gosto de fazer esporte.

E: Vamos para a primeira parte em que você falou locomover, como você vem para a escola?
Eu venho com a minha mãe, mas eu vou embora de ônibus ou a pé, geralmente eu vou a pé porque, enfim, o ônibus tá meio caro, então eu prefiro economizar e vou a pé, dá uns 3 km a pé, por aí não é muito, em meia horinha você vai.

E: Você falou locomoção, trabalhos e esporte, o que você faz?

Eu tive envolvimento com o esporte desde pequeno, eu joguei futebol, que é um esporte que requer muito o movimento do corpo, depois eu pratiquei kung fu, durante um ano e meio dois anos, movimento é sumo importante, não só movimento, mas movimento rápido, tem que ser ágil, tem que ter um grau de movimentação, e agora eu estou fazendo musculação, eu jogo futebol de vez em quando, mas eu faço musculação.

E: Desde de quando?

Ahhh, faz um ano, exige obviamente movimento do corpo.

E: Levando em consideração os seus estudos na Educação Básica, o que você sabe sobre a evolução do movimento do ser humano? Como ocorreu?

É assim, eu nunca estudei muito sobre isso, porque na escola a gente não tem muito. Desculpa a pergunta, é o surgimento...

E: É sobre evolução, o surgimento do ser humano e a evolução do movimento.

Tá, eu imagino que foi de uma forma bem gradativa, obviamente não precisa nem falar que o ser humano não tem todas as habilidades motoras hoje em dia em relação ao que ele tinha no surgimento da espécie, mas eu imagino que isso aconteceu junto com a evolução do cérebro que permitiu que ele realizasse os movimentos que ele queria, então, o ser humano começou a precisar correr mais, prá sei lá precisar escapar de um predador e ele precisou usar o movimento, precisou evoluir o seu potencial de movimentação prá própria sobrevivência dele, eu acho que no primeiro momento foi uma questão de necessidade, aprimorar os movimentos, aí depois foi só desenvolvimento dessas habilidades, né? Prá fazer fogo, pra fazer ferramentas, isso até chegar hoje em dia.

E: Você fala, “ele corria”, você está assumindo uma posição bípede, depois fala em fazer ferramentas, essa é a ordem?

Eu acho que sim, mas agora vendo por outro ponto de vista não sei se faz tanto sentido assim, mas éhh, eu acho que o movimento, agora que você falou, surge antes, de que o ser humano

torne-se bípede, talvez venha na fase quadrúpede do ser-humano, acho que existiu, né? Eu não sei se tô falando bobagem, mas acho que já existiu sim fase quadrúpede.

E: Dos primatas o único a se locomover na posição bípede é o homo sapiens, o ser humano, você tem uma hipótese de como isso aconteceu?

Ahhh, o homem tem um ancestral comum com os demais primatas, isso a Biologia diz, então provavelmente já que os homo sapiens são os únicos primatas a ficar em pé, então provavelmente um ancestral do ser humano era quadrúpede, eu não sei te explicar como ocorreu, mas eu tenho algumas hipóteses, talvez para conseguir ver, ter uma visão melhor do horizonte, eu imagino que tenha surgido mais ou menos daí, da necessidade de ver, expandir os horizontes.

E: O que sobre o Movimento você aprendeu na escola?

Olha, eu lembro que eu tive na 2ª série, inclusive com o Z., um trabalho sobre o movimento, aí tinha formas de equilíbrios distintas, esqueci do nome do projeto, eu acho que era “Na corda bamba”, e a proposta era investigar os diferentes tipos de movimentos que o corpo conseguiu se adequar, junto com o equilíbrio, essas coisas, isso me marcou muito na escola porque foi um trabalho que eu gostei de realizar, e foi com professores que eu gostava na época tinha a D. que fazia junto com o Z. e a gente aprendeu bastante coisa sobre a movimentação do corpo sobre as formas de equilíbrio, que a D. explicou prá gente, foi isso.

E: Isso na 2ª série, algum outro?

Não sei se teoricamente, mas na prática aulas de Educação Física desde a 1ª série elas ajudaram muito a desenvolver o movimento, porque eu acho que a escola carece um pouco disso, você fica muito preso na sala de aula, em pouco momentos você tem a possibilidade de desenvolver a movimentação do corpo que eu acho importante.

E: Na sala de aula era impossível?

Na sala de não, você fica no movimento básico de escrever, levantar a cabeça para ver a lousa, locomoção pouco, jogar papel no lixo, acho que por isso que a aula de Educação Física foi importante para mim e é importante nas escolas, porque é um momento na vida escolar que você sai um pouco da sala de aula e tem um contato maior com movimentação, com diferentes coisas que você não pode ter contato na sala de aula.

E: Em que momentos você tinha mais liberdade de se movimentar na escola?

Durante o intervalo (riso), correndo, principalmente quando eu era menor, 7, 8 anos por aí o intervalo era prá correr, brincar, saia sujo rasgado, era um dos únicos momentos, tirando as aulas de Educação Física que a gente tinha essa liberdade prá correr na escola, pra brincar, prá usar a movimentação do corpo.

E: Depois esse recreio, como era?

Até uns 12 anos era legal, você corre bastante, aí depois meio que cessa essa questão motora e você usa o movimento para se locomover para a cantina.

E: Porque cessa?

Não sei, não tenho uma hipótese pronta para isso, não sei, não consigo responder.

E: No Ensino Médio você tem liberdade para se movimentar em que momento?

Até ano passado eu tinha na aula de Educação Física que a gente usava muito a movimentação, mas agora o 3º ano não tem mais aula de Educação Física.

E: Você associa muito movimento às aulas de Educação Física na escola.

Um dos únicos momentos que a gente tem para usar o movimento.

E: Por que no restante?

Eu acho muito monótono, sala de aula é uma coisa que, eu acho, dentro da minha visão, esse negócio de ficar todo mundo sentado durante 5, 6 horas anotando a lousa, levantando para tomar água, eu acho muito monótono e você não consegue desenvolver o seu, suas habilidades que sua movimentação do corpo que são importantes, e por isso que eu não gostei de terem tirado Educação Física da grade do 3º ano.

E: Você acha que seria diferente a aprendizagem se você pudesse se movimentar mais na escola?

Não sei se poderia ser diferente, mas eu acho que o aprendizado poderia ser mais prazeroso, e sendo mais prazeroso, eu não fiz pedagogia, mas imagino que uma criança aprenda melhor com um ensino mais prazeroso.

E: Daria para fazer no Ensino Médio?

Não sei se no Ensino Médio daria, mas eu imagino que sim, por que não tentar, né?

E: Você teve alguma outra experiência relacionada ao movimento em alguma outra área?

Não que eu lembre, movimento com Educação Física e com ciências com a Denise.

E: E a entrada e saída?

É um pouco mais aberta a entrada e saída da escola, você vai um pouco pro pátio e tal, você fica lá toma uma água, e vai prá quadra volta, e na saída a mesma coisa, você conversa um pouco com os amigos, você tem um pouco mais de liberdade prá se movimentar.

E: Cursos extras você fez algum?

Eu fiz na 1ª série capoeira e só.

E: O que você aprendeu relativo ao movimento nas aulas de Educação Física?

Eu aprendi que a movimentação dentro da escola pode ser muito importante, ao contrário do que muitas pessoas acham, que escola não tem nada a ver com o movimento, eu acho que tem, e acho que a aula de Educação Física está aí prá isso, prá tirar um pouco do cotidiano do aluno chegar na sala, sentar, ficar olhando a lousa, anotando, prá correr um pouco, pra aprender de diferente maneira todo o conteúdo teórico que uma aula na lousa pode te dar.

E: O que você sabe sobre o se movimentar e que foi aprendido nas aulas de Educação Física?

Tá, eh, eu lembro das diferentes formas de equilíbrio, foi o que a gente aprendeu na 2ª série, e sobre o movimento em si, essa questão de só pegando o movimento e excluindo as outras coisas, eu acho que não aprendi muita coisa em relação a isso, mas movimento junto a outras áreas, como basquete, futebol, isso sim a gente aprendeu em Educação Física, táticas esportivas essas coisas que misturam com o movimento.

E: Um aprendizado mais ligado às questões esportivas?

É, mais ligado à questão esportiva do que do movimento em si, acho que sim.

E: Você estudava nas aulas de Educação Física?

Uhhh, não muito, não estudava muito.

E: Você estuda em outras áreas, se estuda também em Educação Física?

Sim, eu estudei e estou estudando agora inclusive, eu tô pensando, pensando não, eu me inscrevi agora para Educação Física na Fuvest, eu sempre gostei de Educação Física, então, repete a pergunta por favor.

E: É e a relação do estudar com a Educação Física.

Sim, sim, porque eu acho que é uma matéria importante, eu sempre gostei de Educação Física e tá muito ligada a Biologia, então se você estuda Biologia a partir do corpo humano, do próprio movimento, você não deixa de estudar Educação Física, então, sei lá, insulina, glucagon, essas matérias básicas que a Educação Física traz é, além de ser importante para o vestibular, tem muito a ver com Biologia, então não tem como fugir desse estudo na escola.

E: Como você se movimenta no seu cotidiano?

Eu sempre gostei de esporte, desde que eu nasci, aí eu como muitos brasileiros ou a maioria deles eu sonhava ser jogador de futebol, inclusive eu fiz por um tempo escolinha no Corinthians, isso eu comecei com 8 anos a fazer futebol, antes eu jogava com meu pai, aos 12 anos, 4 anos depois eu fui fazer uma peneira, que é um teste no Corinthians, e se passasse eu ia conseguir treinar lá em Itaquera lá no CT (Centro de Treinamento), eu fiz o teste tal, foram umas 400 crianças fazendo o teste e acho que só 10 passaram, eu fui daqueles que não passou, eu tinha 12 anos também, era um campo enorme e eu não me sentia, eu tava acostumado a jogar society numa quadra bem menor, eu vi aquele campo enorme, tava um sol aquele dia tava, foi tenso, e eu não passei, né, não consegui ter um bom desempenho aí eu desisti de jogar futebol profissionalmente naquele dia, continuei a jogar futebol na escola, mas profissionalmente eu desisti naquele dia. Aí com 15 anos eu entrei pro kung fu, que era uma coisa que eu gostava sempre quis fazer, não necessariamente o kung fu, mas uma arte marcial, porque enfim, eu gostava, não era necessariamente o que as pessoas gostam de fazer por aqui, mas eu via filmes, assistia o Van Damme (riso) ele fazia aquele negócio com a perna assim, aí eu quis entrar pro kung fu, com 15 anos eu entrei.

E: Você entrou porque você gosta, há um prazer em fazer.

Entre porque eu gosto, aí com 15 anos eu entrei e tal, consegui ir até prá uma graduação mediana, uma graduação legal, e com 17 anos, esse ano eu parei de fazer kung fu, enfim porque era longe da minha casa, eu tinha prazer, mas por questão logística, eu moro aqui no Rio Pequeno era lá em Pinheiros, e você sabe, ir prá lá à noite de ônibus, mesmo que meu pai fosse me levar era trânsito, aí tinha que sair uma hora antes de casa para chegar lá fazer a aula e só

voltar 1 hora depois que a aula terminasse, era um problema essa questão logística, aí enfim, eu decidi parar com o kung fu, inclusive a musculação eu cheguei a fazer a musculação junto com o kung fu, um pouco antes prá ajudar na movimentação do corpo no kung fu e na força do golpe, porque eu me sentia um cara magrinho fraco, eu achava que se eu desse um golpe em alguém não ia acontecer nada, o kung fu me levou a musculação. Eu achava que eu não tinha força, eu me olhava no espelho e me achava magrinho, “ahh, eu vou tentar desenvolver um pouco de força, até para eu me sair melhor nas lutas do kung fu, que eu poderia ter depois. E aí aconteceu que eu sai do kung fu, mas não sai da musculação, acabei gostando do esporte e já faz um ano e um mês que eu tô fazendo direto.

E: Agora por prazer, você gosta de fazer musculação.

Sim, sim, gosto, a logística da musculação é muito facilitada prá mim porque é absolutamente, sei lá, dá uns 50 metros da minha casa, eu vou a hora que eu quero, pertinho, não é que nem o kung fu.

E: Você tem movimentos comuns, como é seu cotidiano além da questão esportiva e escolar? Eu gosto de caminhar, então às vezes à tarde depois das lições enfim, que eu esse último ano eu estou estudando bastante pro vestibular, depois que eu faço minhas tarefas que eu tenho que fazer à tarde, às vezes antes de ir prá academia eu dou uma andada pelo bairro, faço uma caminhada, geralmente quando eu faço dá uma hora de caminhada direto, depois da caminhada eu vou para a academia.

E: Por que você faz a caminhada?

Porque eu gosto, me sinto bem andando, não é questão de saúde nem nada, eu sei que é saudável e tudo, mas eu gosto de andar, de ver o mundo, sabe? De não ficar parado em casa, eu não gosto.

E: Você anda...

Eu ando pelo bairro, pelas ruas próximas do bairro, fico dando volta em torno.

E: Depois?

Volto prá casa, como alguma coisa e vou prá academia, depois eu volto prá casa janto e estudo mais um pouquinho, é isso.

E: Como você imagina o futuro do Movimento Humano levando em conta as teorias pós humanistas ou biocibernética, o hibridismo entre humano e máquina?

Eu acho que o ser humano vai conseguir fazer coisas fantásticas, só que sem exigir a movimentação física dele, eu acho que o ser humano vai se restringir muito a trabalhos mentais, vai exigir muito do cérebro, eu vejo uma tendência a parar de, não parar, mas usar cada vez menos a movimentação do corpo. A gente vê hoje em dia pessoas que ficam 4, 5 horas, o dia inteiro em frente ao computador, ou no videogame, ou da tevê, as pessoas estão ficando mais ociosas.

E: Você vê (percebe) isso entre seus colegas?

Vejo, vejo, eu já tive uma fase na minha vida que eu fiquei mais, hoje em dia eu não fico tanto, porque eu não gosto, eu não me sinto bem, mas eu já cheguei a ficar dias seguidos 2 horas em frente ao computador, tal, eu vejo isso, não sei até que ponto é uma visão negativa da sociedade, mas eu acho que a gente está evoluindo prá isso, prá o homem ter que fazer cada vez menos esforço físico, mas fazer mais esforço mental talvez, ou não, relaxa tudo.

E: Você vê isso como positivo?

Não, não vejo.

E: Mas é a perspectiva de futuro.

Eu vejo que é um caminho que a gente tá indo, né?

E: Como você vê o caso dos braços e pernas biônicas, do exoesqueleto?

Eu acho fantástico porque dá uma nova oportunidade prá pessoa que perdeu parte de seus movimentos conseguir eles de novo. O próprio exoesqueleto que teve na Copa, não teve muita notoriedade quando entrou e tal, mas eu acho que é fantástico, uma pessoa tetraplégica que pouco andou na vida, se movimentou, de repente está dentro de um exoesqueleto. Tem que ver só prá quem que vai ter acesso, né? Acessibilidade prá comprar.

Você está associando o movimento à acessibilidade econômica?

Ao poder econômico, obviamente não é qualquer um que pode comprar um exoesqueleto, talvez ficará restrito.

E: O que eu não te perguntei sobre o tema movimento humano e você gostaria de responder?

Eu tava pensando isso recentemente, conversando com meu pai, da capacidade que o ser humano tem hoje em dia de se movimentar sem usar o movimento, grandes distâncias percorridas com pouca movimentação física, sei lá, avião, viagens de avião até o Japão, China, se você for pensar você faz um grande deslocamento de área, mas você não está se movimentando quase não, você tá parado no avião. Eu acho que isso é um paradoxo legal você se movimenta sem se movimentar, só isso que eu tenho prá falar.

E: O que te leva querer entrar prá área profissional da Educação Física?

Na verdade assim, eu vou fazer Educação Física, mas não exatamente para ser professor, né? Eu quero trabalhar com, não em escolas, mas talvez em dar consultoria esportiva, eu quero trabalhar com Educação Física, mas mais voltada para treinamento de atleta, isso quando eu for me aprofundando na carreira e na área. Eu quero trabalhar com esporte, vinculado a atletas, ou enfim, atletas amadores que queiram ou necessitem de um treinamento específico. O meu projeto inicial é trabalhar na área de Educação Física, mas construir uma clínica, enfim, aí eu teria que partir prá administração também, e juntar profissionais da área da saúde, juntar nutricionista, juntar médico, juntar profissional da Educação Física, uma clínica de consultoria prá atleta ou não atleta, para melhorar o rendimento, ou o atleta teve uma contusão na perna ele precisa treinar para daqui a 2 meses estar pronto de novo para competir num jogo, enfim, aí vem na minha clínica, passa pelos profissionais lá, aí ele sai sabendo o que ele tem que fazer prá melhorar o treinamento dele. Eu queria trabalhar com futebol, ou na própria musculação mesmo, atletas no geral de alto rendimento.

E: Ser homem fez diferença na experiência relativa ao movimento na escola?

Assim, não sei se é uma visão preconceituosa a minha, mas isso é o que eu tenho visto desde que eu estou na 1ª série, eu vejo não uma facilidade, mas eu vejo que os meninos têm uma, não posso falar tendência, mas eu vou usar facilidade, uma facilidade melhor com a movimentação, isso eu via nas aulas de Educação Física, por exemplo, nos esportes, quando tinha futebol na aula, os meninos sempre dominando a área e as meninas meio que ficando de canto, ou ficando mais tímidas prá jogar, ou jogando menos, eu vejo que pelo menos na escola que foi o contato que eu tive com meninos meninas fazendo esporte ou praticando, movimentando o corpo no geral, eu via que os meninos tinham um interesse maior, não sei com que isso se relaciona, o que gera isso, ou como que isso se relaciona. A constatação que eu tive foi que os meninos estavam mais interessados ou gostariam mais de praticar a movimentação do que eu via com as meninas, foi isso.

E: O que se pode fazer para que as meninas tenham uma igualdade de oportunidades de aprendizagem nas aulas de Educação Física?

Não sei, mas que isso tá muito relacionado ao estímulo que se tem quando você é pequeno em casa, o menino é sempre estimulado a jogar bola e tal, a fazer esporte, e as meninas nem sempre são estimuladas dessa forma, uma questão cultural. Eu acho que o estímulo de casa, prá gerar uma igualdade nesta questão da movimentação tem que vir desde cedo em casa, tanto prá meninos quanto prá meninas, ambos têm que ser estimulados prá pratica esportiva, a esse negócio hoje em dia que é quase restrito, não quase restrito, mas muito mais dos meninos, essas coisas que os pais de tem de incentivar, estimular que o filho “joga bola”, “corre até ali”.

E: Seriam coisas de meninos e coisas de meninas?

É isso, acho que tem que democratizar isso para todo mundo.

E: Se muda a aula de Educação Física, de esportivizada para movimento ligado à dança, à expressão corporal, ao teatro, como você veria isso nesta relação de gênero?

Interessante também, as meninas culturalmente também elas se interessem mais por esse viés da dança, do teatro.

E: Elas teriam maior interesse?

Do jeito que as meninas são tratadas, são tratadas diferente dos meninos, os meninos é “joga bola” e tal, as meninas são um pouco mais resguardadas quanto ao movimento, mas eu não sei, se tivesse uma proposta de dança ou artes cênicas que mistura no movimento, eu acho que seria legal também para as meninas, e pros meninos também, mas acho que viria um pouquinho mais forte para as meninas, porque eu vejo que algumas não gostavam de correr prá pegar a bola, jogar futebol, seria legal também.

Entrevista 5 – A5

E: Como foi sua trajetória escolar?

Vou tentar resumir um pouco e também não lembro totalmente, mas eu lembro que eu tive uma Pré-Escola num lugar bem pequeno, era uma casa, mas me ajudou bastante, acho que era construtivista que tentava fazer a gente onde a gente era bom, onde a gente tinha facilidade, onde tinha dificuldade para aprimorar, tentar melhorar.

E: Com quantos anos?

Dos 2 aos 6 anos, eu tive só duas escolas na minha vida.

E: Você lembra o nome?

Q., ela é bastante conhecida aqui no F. porque ela indicava para que os alunos viessem prá cá, ou prá V. ou pro I., as três escolas indicadas por eles. Aí vim prá cá, meus pais gostaram do projeto, estudei dois anos lá no outro prédio, entrei em 2004, o F. foi, é, uma das coisas que eu mais gostei na minha vida, marcou demais, muito do que eu construí de identidade de produção foi graças ao F., devo muito a esse colégio. Eu vi que esse processo de construção, seja de identidade ou de produção veio desde o começo, aqui no F. meus pais vieram para aquela reunião de introdução antes das aulas de 2004, a S., não sei se você lembra, ela ficou responsável por entreter a gente enquanto os pais ficavam lá, lembro da C. bastante, da inspetora que tá aí desde pelo menos de quando eu entrei. Eu não sei exatamente o que falar sobre essa parte da trajetória, algum tópico específico.

E: Observando na sua fala você tem uma percepção do projeto do Colégio F.

Eu acredito muito no projeto do F., em raros momentos eu discordei, e mesmo quando eu discordava eu via uma justificativa plausível prá aquilo ser da maneira que é, pelo menos no projeto.

E: Qual a importância do Movimento para a vida humana?

Confesso que não é uma questão que eu penso cotidianamente, eu acredito que seja de fundamental importância, o movimento biologicamente ajudou a gente, se a gente for pensar na evolução ou qualquer coisa, nossas capacidades motoras foram ajudando a gente a se adaptar ao meio, ou conseguir fazer com que o meio se adapte aos nossos interesses ou esse tipo de coisa. Eu acredito que o movimento é, a importância dele se estende, não é só neste ponto de

vista evolutivo, mas do ponto de vista cultural, ele é muito importante e é essencial para, que pergunta difícil, é uma questão que eu não costumo pensar.

E: É fundamental para?

Fundamental para a manutenção da nossa vivência social mesmo, porque a capacidade de movimento, a capacidade de relação social que vem do movimento, através mesmo da fala, não sei dizer se isso é um movimento, é considerado? Então, ao movimento a gente deve muito ao que a gente conseguiu construir, positiva e negativamente, o movimento foi, é do movimento que surge a experiência, é do movimento que vai surgir a, é do movimento que vai partir a possibilidade de ver o que externo a você mesmo, do mundo físico, a capacidade de você reconhecer através dos sentidos o outro, então eu acho que o movimento é realmente muito importante e a gente tem que, acho que é importante o estudo em cima dele para que saiba fazer um bom uso dessa nossa virtude enquanto ser humano, enquanto ser social, eu não sei, espero ter me expressado suficientemente bem.

E: Qual a importância do Movimento para a sua vida?

Eu sei que o movimento me ajuda bastante a fazer coisa, é do movimento que vem as coisas que eu gosto de fazer, por exemplo, a leitura de um livro por exemplo, praticar um esporte que eu gosto, se pudesse ficava jogando bola o dia inteiro, gosto muito de jogar futebol.

E: Você falou da leitura, que relação entre movimento e leitura?

Ahh, movimento com as mãos para virar as páginas, movimento até mesmo com olhos, com o corpo, você tem que se adaptar a alguma posição pra você ler, um certo equilíbrio, não sei se isso é movimento, bom, é uma série de combinações físicas que te permitem estar apto a realizar a leitura, entende? o movimento me propicia várias atividades que me dão prazer, enfim, ou me ajudam a cumprir meu dever como estudante ou até mesmo enquanto cidadão, a capacidade de escrita, a capacidade de conseguir produzir alguma coisa na escola, na vida, qualquer tipo de produção material, é basicamente isso. Tô com muito receio de não ter respondido a sua pergunta.

E: Fique tranquilo porque para nessa pesquisa preciso escutar sua experiência. Agora levando em consideração os seus estudos na Educação Básica, o que você sabe sobre a evolução do movimento do ser humano? Como ocorreu?

Tentaria explicar seguindo a Teoria da Evolução, a busca por alimentos, pelo que eu acredito ajudou o humanoide a se tornar bípede, a defesa de si, a defesa de um grupo ajudou nessa extensão do movimento porque sobre dois pés você possui dois membros que você pode usar para várias outras coisas, como é que era mesmo?

E: A locomoção bípede possibilitou a manipulação, você vem nessa trajetória.

E não só isso, a possibilidade de você se movimentar e ter dois membros para segurar coisas, para manipular coisas e criar algo novo, seria você capaz de pegar duas coisas da natureza ou mais, ou enfim, até mesmo uma, e moldar para que ela siga uma função que não é a função natural, por exemplo lascas de pedra, como se fazia no período paleolítico, para a caça, por exemplo, para cortar algum alimento, alguma coisa, alguma madeira, enfim, eu estou chamando isso de criar algo, o nosso movimento ser capaz de criar algo que é externo à natureza, que não vem diretamente da natureza, é você pegar o natural e você fisicamente construir algo que não teria sido construído se não fosse o ser humano, respondi?

Respondeu. Agora quero saber o que sobre movimento você aprendeu na escola?

Na escola especificamente eu aprendi a coordenação motora, você saber usar seus movimentos de uma maneira mais efetiva, saber quando usar um movimento específico foi direto na minha vivência escolar, como no Ensino Fundamental a gente tinha que pular corda, enfim, ou esticava várias cordas na quadra a gente tinha que passar por baixo, por cima, você está atento quando o jogo, por exemplo, tem duas bolas na quadra, aí você tem que jogar, você tem que pensar se não estão jogando em você, na combinação dos movimentos você tem a escola ajuda bastante, a parte dos jogos, e mesmo na teoria em que a gente aprende, por exemplo que, eu aprendi no 1º ano, se eu não me engano, do Médio, alguns músculos, alguma consequência do excesso de movimento, de exercício, o que pode causar, até que ponto o exercício é saudável, quando ele pode e quando ele começa a prejudicar o organismo do ser humano, a escola não só deu uma parte prática, como também deu uma parte teoria das consequências de você saber se movimentar, esse tipo de coisa.

E: Você fala em partes prática e teoria, descreva alguns exemplos?

Vou pensar no teórico mais pra frente, agora eu lembrei de um prático, quando, por exemplo, o professor pedia pra gente misturar duas atividades, lembro uma vez que você tinha que conduzir a bola com os pés, enfim, e fazer algum tipo de exercício com bambolê nas mãos, ou seja, pra tentar estimular de alguma maneira dois movimentos na mesma ação, ao mesmo tempo, aliás,

duas ações diferentes. E teórico, eu aprendi bastante sobre anatomia, ah, anatomia do corpo, enfim, sistema nervoso, tecido muscular, mas eu vi isso mais voltado para a evolução humana, como que o músculo, o sistema nervoso ajudou a gente a ter, não uma superioridade, uma capacidade maior de se reproduzir, de ter maior número de indivíduos no planeta, esse tipo de coisa, mas o exemplo claro que eu tenho que é bem ligado é justamente esse das consequências dos exercícios, por exemplo, eu aprendi que com muito exercício você produz o ácido lático e o álcool se não me engano ele pode causar dor e a longo prazo, se você repete várias vezes pode causar até deficiência no seu movimento, você começa a ser cada vez mais limitado, esse é o exemplo que me veio na cabeça naquele momento, bom é basicamente isso, se eu lembrar mais algum exemplo eu falo mais prá frente.

E: Em que momentos da sua escolarização você teve mais liberdade para se movimentar?

Acho que no período do Fundamental 1 eu tive bastante liberdade, a gente tinha, por exemplo, 4 ou 5 aulas de Educação Física, a gente já tinha esse contato com o movimento, e criança já costuma a ser mais enérgica, a gente brincava, corria, pega-pega, futebol, pique-bandeira, mas não necessariamente apenas na escola, como também no intervalo, na saída, a gente como criança é permitido socialmente que corra, que grite, enfim, que esteja se movendo o tempo inteiro, e eu acredito que, pelo menos comigo, na minha experiência pessoal, enquanto eu fui ficando mais velho, eu fui ficando mais exigido, eu exigi de mim mesmo, ou exige-se de um aluno que vai ficando cada vez mais maduro saber se conter em alguns espaços, por exemplo, não dá prá sair correndo e gritando pela escola como eu fazia com 8 anos, por exemplo, não desmerecendo uma criança falando que ela é irracional ou esse tipo de coisa, mas são diferentes fases da vida.

E: Em que momento essa fase inicial mudou?

O primeiro rompimento que eu senti não foi da 4ª série prá 5ª quando muda o Fundamental, mas foi da 5ª prá 6ª, justamente na 5ª aqui no F., embora seja do Fundamental 2 a gente estuda com o Fundamental 1 no período da tarde, então não senti muito essa diferença porque eu tava ainda em bastante contato com pessoas mais novas que agiam parecido como eu agia, brincando, jogando bola, sem se preocupar muito, quando eu vim prá manhã, que foi como uma volta a 1ª série, “agora sou o mais novo dos mais velhos”, eu era pequeno e todo mundo era grande, parece que tem uma pressão sobre você que você começa a exigir de si mesmo, a se portar diante dessas pessoas, diante desse novo meio que você está envolvido. Acredito que esse tenha sido o momento em que eu senti que “mano agora eu preciso mudar”, mas é o

momento que eu senti que alguma coisa tinha que acontecer, que eu percebi que não tinha mais essa possibilidade (de sair correndo no pátio), eu tinha que saber mediar esse tipo de coisa, foi uma fase de transição entre fazer o que eu queria que era brincar o tempo inteiro com o que eu devia estar fazendo socialmente, por exemplo, o Ensino Médio não veria algo de positivo em crianças de 7º ano correndo pela escola, passando pela sua frente gritando.

E: Sobre o tema você citou as aulas de Educação Física, o intervalo e saída e o corte entre o Fundamental 1 e 2, mas qual a liberdade para se movimentar nas aulas?

Eu acredito que a gente teve bastante liberdade sim, movimentos minúsculos como ficar de lado na cadeira, debruçar sobre a mesa não querer olhar prá aula ou até mesmo levantar e jogar alguma coisa no lixo, eu acho que neste ponto o movimento não foi tão restrito, mas justamente por esse fato de você exigir de si mesmo um comportamento mais, você entendeu, eu não tenho a palavra agora, ser mais comportado, não ter muitas extravagâncias no movimento.

E: Seria algo como disciplinado?

É uma boa palavra, é exatamente isso na verdade, exige essa disciplina sobre você mesmo, esse controle sobre o seu corpo, mesmo esses movimentos básicos eu percebi que foram ficando cada vez mais limitados ao longo da minha trajetória na escola. Quando eu era da 1ª série, por exemplo, se eu correr durante uma aula em volta da mesa atrás de alguém que pegou meu lápis era uma atitude que o professor reprimia, mas não era da maneira que o professor reprimiria se eu estivesse no 8º ano por exemplo, eles iriam falar “o que é que está acontecendo nesta sala?”, mas eu não senti muita restrição a movimentos de ficar sempre centrado na aula, nunca senti isso talvez porque eu tenho facilidade para estudar, gosto bastante de estudar, quando eu era pequeno eu não prestava muita atenção, olhava assim e “ahh, dá prá tirar meu S meu P” eu não prestava atenção, eu conversava saía correndo, brincava de dar tapa nos outros, eu senti que eu ainda sou capaz de andar pela sala, eu ainda faço isso na verdade, uma hora que eu estou meio, sabe que eu preciso levantar, sabe?, me desligar um pouco da aula, eu levanto vou pro lixo joga uma coisa fico lá um tempo, volto, mas eu sinto que a disciplina, a necessidade de você se mostrar disciplinado foi limitando, mesmo que não muito, essa questão do movimento em sala de aula.

E: O que você aprendeu de movimento nas aulas de Educação Física?

Como eu já disse, eu aprendi bastante, bastante não, mas eu aprendi um pouco da teoria em Educação Física isso com todos meus professores, em algum momento eles davam uma aula

mais teórica prá gente entender os fundamentos, por exemplo, de que músculo a gente vai trabalhar, das regras de um jogo, um carrinho no futebol porque que pode machucar alguém, enfim, mas eu acho que a grande contribuição da Educação Física na minha experiência foi eu saber as limitações do meu corpo, saber usar forças, técnicas prá alcançar alguma coisa, eu lembro muito bem daquelas aulas de teste físico, de ficar correndo em volta da quadra por algum tempo e você ficava desgastado, eu senti que a Educação Física me ajudou neste sentido, de eu achar minhas limitações, de eu conseguir usar as minhas habilidade motoras para alcançar um objetivo, esse objetivo dentro de um jogo, uma corrida, um pique-bandeira, é mais nessa linha assim. Teve uma contribuição teórica, mas acredito que a contribuição da parte motora foi maior e foi muito mais significativa pro meu desenvolvimento enquanto aluno.

E: Você estudava Educação Física?

Como, estudava?

E: É.

Como assim?

E: É, estudar. O aluno vem prá escola prá estudar, nas aulas de Educação Física você estudava? Olha, vou ser bem honesto como você, até o final do Fundamental 1 a Educação Física era um segundo intervalo para mim. Eu sempre gostei, mas eu não via como uma matéria, eu não conseguia reconhecer aquilo como por exemplo uma aula de Matemática, e hoje eu percebo o quanto que eu tava enganado, né? Porque a Educação Física é tão importante quanto, eu via a Educação Física como um momento de pausa entre as aulas que eu podia brincar, é o meu segundo intervalo do dia, ao longo do tempo, principalmente com as aulas do D. a partir do 1º ano eu comecei a perceber a importância da Educação Física. O D. é um cara que gosta bastante de usar da teoria, mesmo quando ele não fala, não faz uma aula dentro da sala de aula, ele gosta de falar na roda antes de começar uma atividade física, então, eu acho que no começo até a 5ª, 6ª série eu via mais como uma brincadeira, depois eu comecei a ver mais a importância da Educação Física, também na formação do aluno, assim como é a Matemática, como é a aula de Português.

E: Ela ocupa o mesmo patamar, mas ele foi ganhando importância ao longo da sua trajetória.

Sim, credito que sim. Aliás, olhando agora eu percebo que sempre teve importância, mas eu comecei a ver essa importância tardiamente eu acredito.

E: Nessa sua experiência como uma criança poderia dar importância logo no início, algo que o professor poderia fazer distinto?

Eu acho que acabaria bloqueando porque a criança, aliás, acredito que o ensino tem que ser por etapas, você não tem como ensinar para uma criança Física por exemplo, não tem como ensinar uma equação do segundo grau, é uma criança, enfim. A mesma coisa vale para a Educação Física enquanto uma matéria escolar, ela tem etapas para cumprir, eu acredito que você usar da recreação pra estimular a atividade motora da criança quando ela tem entre 7 e 12 anos ajuda bastante a criança a gostar da matéria, a gostar do movimento, a gostar da atividade motora, e eu acho que perceber a importância dela depois, pra mim funcionou melhor, se eu tivesse tido aulas mais teóricas quando eu era menor eu ia falar “nossa Educação Física é chata, não quero fazer prova de Educação Física, prova de Educação Física quem que inventou isso”, eu ia ter um certo bloqueio. Depois de uma série de etapas ver a importância do ensino da atividade física acho que me ajudou bastante, acho que funciona melhor. Não tive outras experiências, mas acredito que funciona melhor justamente para não criar esse bloqueio, porque Educação Física é muito legal e aula teórica pra uma criança vai ser chato não adianta, por mais que ele goste de estudar, mas aula teórica me enchia o saco e aula de Educação Física nunca me enchia o saco.

E: Mas se em outros momentos da sua vida escolar você tivesse aprendido em ambientes externos com aulas mais lúdicas teria esse mesmo efeito?

Olha, pergunta complexa, claro que eu não tenho nenhuma propriedade pra falar disso, mas eu acredito que cada matéria escolar tem etapas para seguir, mas elas não são universais, cada um tem um método diferente, eu acho que na matemática, não dá muito pra fugir do método dentro da sala de aula, embora a gente possa trabalhar, fazer projetos, construir coisas para a Matemática, fazer desenhos para aprender geometria ou a construir figuras tridimensionais ajuda, mas eu não sei dizer se esse seria o melhor método. Porque a partir de um momento eu percebi que a Matemática se você não tem um livro pra fazer os exercícios que você aprende em sala de aula você esquece, acaba não sendo produtivo pra você, você perde conhecimento. Não sei dizer se optar pela atividade fora da sala de aula, majoritariamente, mais aulas fora seria uma boa opção, não sei dizer, prefiro não me arriscar, mas acredito algumas matérias como a Educação Física ajuda bastante, atividades mais interativas, recreativas, não, recreativas parece uma palavra errada porque parece que a matéria não é séria, né? Mas uma atividade que foge um pouco do cotidiano da sala de aula, eu acho que é importante.

E: Fale sobre o movimento em sua vida cotidiana?

O movimento é constante na minha vida cotidiana, nada do eu faça não exige movimento motor, eu acredito que mesmo quando eu estou pensando eu preciso estar numa posição ou fazendo alguma coisa que me permita pensar a respeito de um assunto, enfim, estudar alguma coisa, mas o movimento no meu cotidiano ajuda bastante a fazer atividades de lazer, por exemplo, eu tenho aula de kick box.

E: Você gosta?

Gosto, gosto bastante de lutar esse tipo de coisa.

E: Você vai lá porque você gosta.

Sim, é onde eu percebo, eu testo ao máximo hoje em dia minha capacidade de movimento, tenho que fazer trino físico, depois treino técnico.

E: Quando você não está no kick box?

Ahh, outra coisa, eu faço aula de bateria, agora que veio na minha mente eu percebo porque na bateria você usa os 4 membros, e o professor costuma dizer que o movimento da cabeça influencia na maneira que você vai tocar uma música dependendo da velocidade dela, e são 4 movimentos que embora ligados são totalmente independentes, são diferentes, por exemplo, um separado do outro, não só o som, mas o ritmo, a quantidade de tempos é bem diferente, é outro momento que eu sinto que eu estou explorando a minha capacidade motora. Também tem o futebol, eu faço futebol de sábado, campeonato interno lá no São Paulo.

E: Os três você faz por prazer?

Sim, eu gosto de lutar, eu gosto de jogar bola e eu gosto de tocar bateria, eu gosto muito dessas coisas. Foi por isso na verdade que eu comecei a pensar mais no movimento como lazer, mas também tem a contribuição do movimento para a minha vida, não sei se eu posso dizer acadêmica, mas enfim, minha vida enquanto estudante, justamente pelo fato que eu mencionei antes de poder escrever, de poder me portar de alguma maneira ou alguma posição que me permita o pensamento ou estudo ou reflexão de alguma coisa. Pelo menos nesses dois pontos o movimento é mais que decisivo na minha cotidiana.

E: Como você imagina o futuro do Movimento Humano levando em conta as teorias pós humanistas ou biocibernética, relacionadas ao hibridismo humano-máquina?

Máquinas é uma palavra bem ampla, é quase sinônimo para tecnologia. Eu percebo que tem pontos positivos e pontos negativos, por exemplo, uma prótese ou alguma parte mecânica, elétrica, eletrônica implantada no seu corpo que te permita vida ou que te permita o movimento de alguma parte que você perdeu o movimento, eu acho que neste sentido é extremamente positivo porque devolve ao ser humano a capacidade de se movimentar, mas também tem o lado negativo, que eu vejo a máquina como, o videogame por exemplo, ou então o celular, o smartphone, que a sedentarização da vida pode chegar ao nível extremo hoje em dia, se você tiver dinheiro e os equipamentos necessários você pode não se mexer para mais nada, eu posso fazer muitas coisas daqui sentado, posso ler notícias, posso ver tevê, posso me entreter jogando um jogo eletrônico, posso ler um livro no tablete, posso me relacionar com outras pessoas, eu acredito que neste sentido a tecnologia ainda tem pontos positivos de integração, a velocidade da capacidade de entretenimento por outros meios, mas eu acho que ela não pode ser explorada totalmente, não pode esquecer a parte física mesmo, o movimento físico, eu acredito que não só biologicamente é ruim, mas socialmente, imagine que uma pessoa dessas vai ter que fazer uma entrevista de emprego, por exemplo, se ela não conseguir se relacionar com uma pessoa ao vivo eu acho muito prejudicial do ponto de vista humano, a partir do momento que a humanidade perde a capacidade de se comunicar frente a frente, ao vivo e a cores muitos dos propósitos da vida a gente vai perdendo né? Porque é basicamente nesses momentos que são produzidas as coisas, enfim, eu acho que tem mais riqueza, por exemplo, essa entrevista jamais teria a mesma riqueza se fosse por Skype, acredito que ao vivo seja a melhor opção mesmo em meio a tantas tecnologias que propiciam a relação entre pessoas.

E: Entre o ponto positivo que é a ampliação de movimento e a sedentarização sua perspectiva de futuro seria mais positiva ou negativa?

Eu acredito que o lado negativo esteja ganhando um pouco justamente neste sentido de sedentarização, individualismo extremo, de você não sentir a necessidade de entrar em contato com pessoas diretamente para se sentir feliz, ou prá ter prazer, ter um momento alegre na sua vida, eu acho que isso é muito prejudicial, como você consegue, como ser humano, que é um ser que precisa de relações, se sentir completo sem relações com outros seres humanos, neste sentido o lado sombrio, sem dados nenhum, não tenho dados prá provar o que eu digo, a partir da impressão a partir da minha experiência do que eu vejo, do que eu leio a respeito, eu vejo esse lado sombrio tomando a frente no futuro.

E: Algo sobre o tema que eu não te perguntei e que você gostaria de falar?

Nossa, pelo menos agora não tá vindo nada, não me ocorre nada, acho que a gente falou de tudo, eu nunca tive, aliás, uma conversa assim, tão ampla sobre um conceito tão banal, banal eu digo, assim tão presente, porque é tão presente que a gente não liga, que é a capacidade de movimento, a gente foi de evolução prá tecnologia, prá minha experiência pessoal, meu cotidiano, eu acho que a gente falou não sobre tudo, mas sobre uma imensa maioria do que o movimento pode influenciar, não só prá mim, mas prá sociedade.

E: Você fala sobre banal, não entendi como pejorativo, mas como cotidiano.

O tipo de coisa que você vê o tempo inteiro e você acaba esquecendo a importância dela.

E: O movimento ocupa esse papel?

É, não há muita discussão neste tipo de coisa, ninguém conversa a respeito, e o movimento, por exemplo, tem coisas que por estarem mais presentes no cotidiano neste sentido que eu chamei de banalizado acabam perdendo o interesse das pessoas prá falar sobre.

E: Apesar de ser fundamental você descreve o movimento como banal, porque desse paradoxo?

Eu acho que por duas razões, pelo menos que me vem agora, justamente por ele ser fundamental, a gente não costuma discutir coisas comuns a todos que existe um consenso muito grande, “o movimento é importante?”, acredito que todo mundo tenha respondido que, qualquer um que você pergunte vai responder que sim, não abre muito jogo para discussão porque já está bem cristalizado na nossa cabeça o que é o movimento no que ele ajuda, o que ele não ajuda, o que ele pode implicar para a sociedade, e por outra razão do movimento não ser, isso é triste porque é um conceito a ser discutido tanto quanto a Física quântica ou qualquer outra coisa, de ser visto não como um conceito a ser estudado, mas um conceito que você usa para estudar algo, você utiliza do movimento para alcançar um objetivo, seja ele científico, seja ele cotidiano, você precisa do movimento para pegar alguma coisa, ele serve como intermediário entre você e seu interesse, ele não serve como interesse, neste sentido eu falei da ideia da banalização, não de ser algo totalmente inútil que você não deve estudar, banalizada neste sentido das pessoas não perceberem ou de não reconhecerem a importância da discussão deste conceito que importante e tão presente como qualquer outro.

E: Ser homem fez diferença na experiência relativa ao movimento na escola?

Acredito que sim, vou dar uma resposta mais pro lado social, acho que a cultura tem grande papel nesse sentido de disciplinar a mulher de um jeito e disciplinar o homem de uma outra maneira, eu senti na pele que como homem eu era aceito socialmente em algumas extravagâncias que eu fizesse, como por exemplo, gritar ou bater no amigo meu de brincadeira, entre as meninas isso é possível ainda como criança, mas já é visto de uma maneira, algo ruim nisso, você quer reprimir, porque a menina tem que ser algo mais centrado, e até mesmo prá assistir uma aula prá ficar parado, lendo, eu assisto aula até hoje meio desleixado, eu gosto de ficar relaxado, a mulher não, até inconscientemente cruza as pernas de um jeito mais portada, então eu acredito que a limitação justamente pela cultura, pela símbolo da mulher ser uma pessoa mais centrada mais certinha, né? Acaba influenciando na movimentação.

Nas aulas de Educação Física também?

Acho que sim, o que eu me lembro eram de atividades que eram mais pros meninos e outras para as meninas.

E: Você lembra de algumas?

Sim, lembro. No Ensino Fundamental, por exemplo, tinha dias que era basicamente futebol, então eu jogava bola e as meninas, não é que elas não podiam jogar, mas elas por uma questão social mesmo não se aproximavam do jogo ficavam lá fora brincando com o bambolê, no estacionamento. Não é relacionado diretamente ao movimento, mas eu senti que houve uma especificação em alguns momentos de atividades mais masculinas e outras mais feminista.